

CARO LECTOR,
A CRISE OBRIGOU-NOS A SUBIR O PREÇO DE CAPA

Folha 8

WWW.JORNALF8.NET



+891 dias Discriminação Judicial

Procurador mentiu...

O Procurador Geral Adjunto da República, Adão Adriano, mentiu, no dia 06 de Novembro de 2012, ao País sobre o advogado William Tonet, caluniando, difamando e colocando-o no desemprego sem provas. Até hoje ninguém toma medidas. É a justiça ideológica, submissa e militarizada.

DIRIGENTES IMPIEDOSOS DELAPIDARAM COFRES PÚBLICOS

2014 ANO DE TODOS OS ROUBOS

Vergonhosamente uma elite governamental, muito restrita, escancarou os cofres públicos e em menos de dois anos delapidaram mais de 16 biliões de dólares, colocando em risco as reservas do Estado e dinheiro para pagamento de salários da Função Pública. O montante nas contas dessa elite, chegariam para tirar o país do endividamento e reduzir a pobreza.



EM 2015 BASTA DE INJUSTIÇA

POVO DEVE COMBATER CORRUPPTOS



O seu jornal de sempre, até em tablets

folha 8 digital

Angola e o Mundo mais perto! bit.ly/f8digital

Por apenas 0,99 USD

em todos os dispositivos

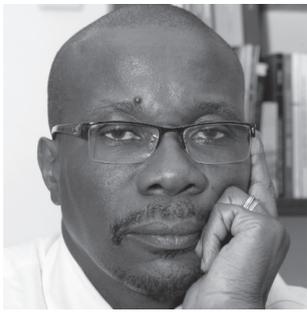
bit.ly/f8digital



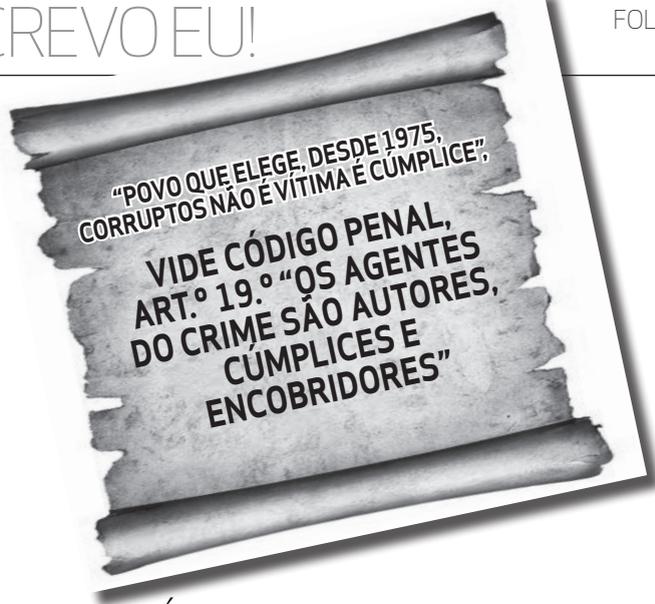
POWERED BY **press reader**
—connecting people through news—

COMPATIBILIDADE





WILLIAM TONET
kuibao@hotmail.com



FESTAS FELIZES A TODOS AUTÓCTONES ATRIOTAS!

O ANO DA VITÓRIA DA BADERNA

2014

está a fazer a primeira esquiua para entregar o cronómetro ao 2015. E o que nos apraz fazer, nesta hora?

Balanço!
O que houve de bom e de mau em 365 dias.

POSITIVO.

- a) O regime criou os primeiros bilionários e milionários de Angola e África, constituindo um orgulho para uns poucos, claro, os do próprio sistema.
- b) A corrupção foi institucionalizada, deixando de ser considerada um crime, para certos, governantes...
- c) A violação grosseira da Constituição não constitui crime, pelo contrário, premia o prevaricador.
- d) O parlamento deixou de ser órgão fiscalizador do executivo, convertendo-se numa obsoleta e vergonhosa muleta do titular do poder executivo.
- e) A maioria dos deputados, traiu os eleitores, convertendo-se em caixas de ressonância do Presidente da República, em função das mordomias
- f) O Tribunal Constitucional transformou-se no guardião das vontades discricionárias do actual Presidente da República, ao invés das normas constitucionais e das cláusulas pétreas da Constituição 2010.
- g) A SONANGOL conver-

teu-se na teta da família real e afins, deixando de ser uma empresa de orgulho nacional, para empresa falida de chacota internacional

h) O Presidente da República, mostrou ter uma profunda responsabilidade irresponsável sobre o projecto Kilamba, tanto que o programa com a SONIP/DELTA resultou num profundo fiasco, merecedor de procedimento criminal. Agora a vez é da empresa do MPLA: Imogestin. É o regabofe da má gestão pública

i) O Presidente da República, sem nunca ter sido nominalmente eleito e tendo Angola um sistema parlamentar (art.º109.º CRA), converteu-se, por elucubrações jurídicas gabinetais, em órgão de soberania. Escandálo! Constituição, art.º 105.º

j) Os cofres de Estado estão vazios. 2014. O BNA está na linha amarela. O BPC, também. Não há dinheiro! Roubaram-no ao povo, uns poucos, pois claro. Quem são? Pra quê, dizer? Os autóctones sabem... Faliram a CAP. Abriam champagne. Faliram o BESA. Abriam Moet & Chandon Brut Imperial

k) O partido no poder demonstrou em 2014, que cumpre o que promete: Trabalhar mais, para distribuir melhor. Cumprindo a profecia, distribuíram melhor os prejuízos da roubalheira ao povo, fican-

do os mesmo do costume, com as contas refasteladas. O duplo aumento do preço do combustível é disso uma prova, porquanto os dirigentes do regime continuarão com as senhas subvencionadas, quer dizer, não pagam combustível.

NEGATIVO

O regime estimulou o fosso das desigualdades sociais, violando grosseiramente o princípio de igualdade, art.º 23.º de consagração constitucional.

Multiplicou o número de endinheirados institucionais e regimentais, pela ascendência, aumentando o número de pobres e discriminados pela descendência.

Os filhos do Presidente da República, José Eduardo dos Santos consagraram-se como bilionária e milionários, as portas escancaradas dos cofres públicos, terão contribuído grandemente, uma vez, o pai ter reconhecido, publicamente, não ser herdeiro e que era pobre, no tempo colonial, no de partido único e o seu salário, não ultrapassar, em democracia os 15 mil dólares.

Mas em 2014, os irmãos e familiares seguiram o mesmo comboio do riquismo fácil.

A Lei n.º 3/10 de 29 de Março, da Probidade Pública emergiu como artificio para graduar os generais mais ricos do mundo, três

dos quais, com ligações íntimas e sentimentais ao próprio gabinete presidencial. Têm minas de diamantes, poços de petróleo, bancos comerciais, supermercados, bombas de combustíveis, etc, etc, etc. Viver honestamente é um antídoto para se ser governante, mesmo quem entra agora como vice-presidente, já tem vícios de mexer em coisa alheia. Desde espoliar à força terras de pacatos populares, na zona do Futungo e na 21 de Janeiro, onde está a erguer mais um supermercado da sua cadeia: Kero, imitando prática antiga de outros, que, pelos vistos, herdou na perfeição, daí o enriquecimento ilícito trafegando influências, que se arrastam desde a Sonangol, vox populis

O povo não teve liberdade, a democracia está amodada, a comunicação social controlada e arregimentada e o Presidente insensível viola a própria Constituição, numa clara demonstração dela ter sido feita, por mercenários jurídicos, que vivem no estrangeiro e aprovada, por deputados que não a leram. Porquê, pergunta-me o leitor. Simples. Quando o povo quer utilizar as normas nela inserida, o regime se dá conta, não estar preparado para a sua aplicação e respeitabilidade, face a tempera controladora ditatorial e ter sido um acidente, quer o art.º 47.º,

direito de reunião e manifestação, quer o 213.º e seguintes, sobre as autárquias.

Nunca um regime que se diz democrático, proibiu, massacrando, espancou e assassinou manifestantes indefesos, considerados 300 jovens frustrados, mas que metem medo ao Presidente da República, quem tem um exército privado e ainda transforma a Polícia Nacional, num corpo de auto-defesa partidária.

Os angolanos precisam de continuar a acreditar, numa mudança efectiva, por nada ser eterno, mais a mais quando o Papa Francisco nos recordou, no 22 de Dezembro de 2014, estar o cemitério cheio de gente que se julgava insubstituível.

A mensagem é clara e directa. É para isso que lutamos, por um país melhor e uma democracia real. E temos de acreditar que com perseverança isto será possível. Que a crença em Jesus Cristo, seja a luz para chegarmos ao Pai, que abrirá a nova aurora em Angola, dando um fim ao corrupção, julgando os corruptos, devolvendo a justiça e a esperança de construirmos um país melhor para todos os povos.

Ainda que este regime, que cada dia me envergonha mais, me assassine, em 2015, eu acredito que um dia o povo vai corer com esta baderna!

ficha técnica

Propriedade

WT/Mundovideo, Lda.
Reg. n.º 62/B/94

Director

William Tonet

Director Adjunto

Fernando Baxi

Editor-Chefe

António Setas

Chefe de Redacção

Orlando Castro

Editor Cultura

Nvunda Tonet

Editor Economia

António Neto

Editor Política & On-Line

Orlando Castro

Editor Nacional

Fernando Baxi

Editor Sociedade

César Silveira

Editor Desporto

Fernando Baxi

Editor Regiões

William Tonet

Redacção

Tito Marcolino,
Nvunda Tonet,
António Neto,
Antunes Zongo,
Luísa Pedro,

Colaboradores

Arlindo Santana
Sívio Van-Dúnem
Gil Gonçalves
Kassinda Henda
Kuiba Afonso
Wango Tondela
Nelo de Carvalho
Luís Filipe
Patrício Batsikama
Marta de Sousa Costa
Fongani Bolongongo
Domingos da Cruz
Armando Chicoca
Israel Samalata

Fotografia

Theo Kassule
Garcia Mayomona

Edição Gráfica

Francisco da Silva
(Editor Gráfico)
(dsilvafrancisco@hotmail.com)
Vladimir Francisco

Administração & Finanças

Manuela Joaquim

Secretariado & Publicidade

Paula Padrão

Redacção

Rua Cons. Júlio de Vilhena, n.º
24 - 5.º andar, Apart. 19;
Tels: 222 391 943;
222 394 077; 222 002 052;
Fax: 222 392 289;
Luanda, Angola

E-mails

folha@ebonet.net

BISPO DO HUAMBO DENUNCIA UNS TÊM RAZÃO, OUTROS FORÇA

O Natal constituiu o momento de encontro do homem com Deus, seu criador, através do nascimento de Jesus Cristo, afirmou ontem o arcebispo do Huambo, D. José de Queirós Alves, na sua homilia. Falando a fiéis que lotaram por completo a Igreja Sé Catedral, incluindo o seu pátio, o arcebispo asseverou que com o nascimento de Cristo, a humanidade toma outro rumo da sua história. Enquanto se limita a falar do nascimento de Cristo, o arcebispo do Huambo tem espaço de antena nos órgãos públicos (do regime, entenda-se) de comunicação social. Contudo, quando entra em matérias mais terrestres, esbarra com o silêncio.

Alguém se recorda, por exemplo, o que D. José de Queirós Alves afirmou em Julho de 2012 na comuna de Chilata, município do Longonjo, a propósito das

eleições?

O prelado referiu que o povo angolano tinha muitas soluções para construir uma sociedade feliz e criar um ambiente de liberdade onde cada um vai escolher quem entender.

“Temos de humanizar este tempo das eleições, onde cada um apresenta as suas ideias. Temos de mostrar que somos um povo rico, com muitas soluções para a construção de uma sociedade feliz, criar um ambiente de liberdade. É tempo de riqueza e não de luta ou de murros”, frisou. “Em Angola, a administração da justiça é muito lenta e os mais pobres continuam a ser os que menos

acesso têm aos tribunais”, afirmou em 2009 (nada de substancial mudou até agora), no mais elementar cumprimento do seu dever, D. José de Queirós Alves, em conversa com o Procurador-Geral da República de Angola, João Maria Moreira de Sousa. D. José de Queirós Alves admitia também (tudo continua na mesma) que ainda subsiste no país uma mentalidade em que o poder económico se sobrepõe à justiça.

O arcebispo pediu maior esforço dos órgãos de justiça no sentido das pessoas se sentirem cada vez mais defendidas e seguras: “O vosso trabalho é difícil,

precisam ter atenção muito grande na solução dos vários problemas de pessoas sem força, mas com razão”.

Importa ainda recordar, a bem dos que não têm força mas têm razão, que numa entrevista ao jornal “O Diabo”, em 21 de Março de 2006 (oito anos depois tudo continua na mesma), D. José de Queirós Alves disse que “o povo vive miseravelmente enquanto o grupo ligado ao poder vive muito, muito bem”.

Nessa mesma entrevista ao Jornalista João Naia, o arcebispo do Huambo considerou a má distribuição das receitas públicas como uma das causas da “situação social muito vulnerável” que se vive Angola.

D. Queirós Alves disse então que, “falta transparência aos políticos na gestão dos fundos” e denunciou que “os que têm contacto com o poder e com os grandes negócios vivem bem”, enquanto a grande massa populacional faz parte da “classe dos miseráveis”.



SEGURANÇA DE ESTADO AVISA

“VAI-VOS (AO F8) ACONTECER O MESMO” EM 2015



Ameaças anônimas são habituais. Fazem, aliás, parte da galeria de troféus de qualquer jornalista que teime, como é o caso aqui no Folha 8, em dar voz a quem a não tem. Desta vez foram mais uma série delas, tomando como exemplo o que aconteceu ao jornalista brasileiro Marcos de Barros Leopoldo Guerra.

Recordemos o caso. O jornalista Marcos de Barros Leopoldo Guerra, que usava um blogue na Internet para denunciar casos de corrupção em Ubatuba, pequena cidade do estado de São Paulo, no Brasil, foi assassinado.

Marcos Leopoldo Guerra, jornalista e advogado de 51 anos, foi baleado à noite na cozinha da sua residência num bairro daquela pequena cidade do litoral, por desconhecidos que se deslocavam de motorizada e não roubaram nada à vítima, segundo a Polícia Militar do estado de São Paulo.

A polícia investiga a possibilidade do crime ter sido motivado por alguns dos artigos escritos pelo jornalista no seu blogue “Ubatuba Cobra”, nos quais questionava as autoridades por alegados desvios de recursos públicos.

De acordo com o comunicado da polícia brasileira, o pai da vítima relatou que se encontrava numa das divisões da casa de Marcos Leopoldo Guerra, e que ouviu uma motorizada a acelerar em frente à vivenda antes de serem disparados quatro tiros na cozinha.

Marcos Guerra, que tinha recebido ameaças de morte devido ao conteúdo dos seus artigos, morreu de imediato após receber os disparos no rosto, nas costas e no abdômen. Segundo testemunhas, os agressores foram dois homens que dispararam de fora da casa, através da janela da cozinha, depois de terem observado a vítima.

Fausto Cardoso, comissário da Polícia Civil de Ubatuba, disse que Guerra era um jornalista muito co-

nhecido na cidade.

“Um das hipóteses que estamos a investigar é que o crime tenha sido motivado pelas publicações que fazia no blogue há vários anos e que continham denúncias”, disse, acrescentando que apesar de receber ameaças, conhecidas da própria família, o jornalista nunca fez queixa à polícia.

De acordo com estatísticas divulgadas recentemente em Genebra, pela organização Press Emblem Campaign – que apela aos governos para proteger os jornalistas e punir quem os ataca –, o Brasil teve quatro profissionais assassinados este ano, e é o décimo país do mundo mais perigoso para quem trabalha nos media.

Por mail e por sms, os servos de alguém que tem uma noção de democracia e de Estado de Direito similar à da Coreia do Norte, aproveitou a época natalícia para nos avisar que “vai-vos acontecer o mesmo”.



ESTAMOS NA MIRA DAS BALAS DE 2015

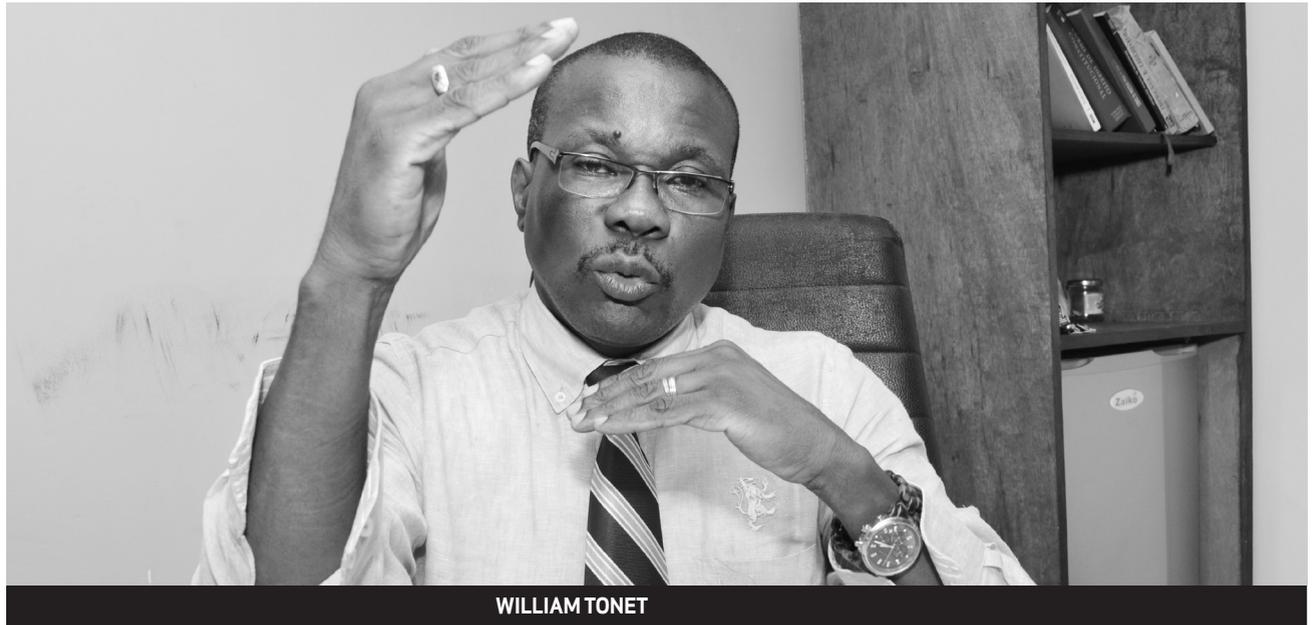
O regime já elaborou o seu plano e já estão contratados os assassinos, para eliminar sem deixar rastros, pelo menos dois jornalistas do F8.

“Como eles não querem vender o órgão, vamos acabar com a cabeça, para imobilizar o corpo todo, pois continuam a fazer estragos na imagem do camarada Presidente e do governo”, lê-se num informe dos Serviços de Inteligência.

Os visados na chacina planeada ao pormenor para 2015, planificada pelo regime de Eduardo dos Santos e sem que esta possa escurar-se num eventual desconhecimento, são habituais, nomeadamente, o nosso director, William Tonet “pela rudeza dos escritos, no seu jornal, onde não falta a regularidade de publicação de segredos do Estado, calúnia e difamação, contra o camarada Presidente José Eduardo dos Santos, sua família e dirigentes do partido, o MPLA e membros do governo”, justificam, no documento considerado SECRETO, os algozes da Segurança, para legitimar o plano macabro, depois da UGP (Unidade da Guarda Presidencial), exército reconhecidamente privado e ilegal à luz de um Estado de Direito, de José Eduardo dos Santos, ter falhado a sua morte, com o “abalroamento” da sua viatura no dia 29 de Setembro de 2013, na zona do Morro Bento, em Luanda.

O tom ameaçador subiu, na véspera do Natal, após publicação de uma entrevista concedida no Semanário Crime, onde William Tonet aborda com frontalidade questões do 27 de Maio de 1977, revelando pela primeira vez, que Angola ganharia mais caso se tivesse efectuado um golpe de Estado, liderado por Nito Alves.

Considerou, também, danosa a gestão e consulado do actual Titular do Poder Executivo, José Eduardo dos Santos, à época coordenador da Comissão de Inquérito, que não ouviu nenhum dos acusados.



WILLIAM TONET

O segundo é o jornalista, Orlando Castro – Chefe de Redacção – acusado de dar vazão ao clamor dos cidadãos de Cabinda, logo promotor da tese independentista.

Ledo engano.

A nossa missão é informar e abordar, quando questionados os temas com frontalidade, fruto da manutenção da nossa independência individual. Estamos, aliás, convictos de só a verdade poder curar, por muito dolorosa que seja. Não somos, corrobore-se, responsáveis pelo facto de o Presidente José Eduardo dos Santos preferir ser assassinado pelo elogio do que salvo pela crítica.

Os assassinos, que nos ameaçam matar e atirar aos jacarés em 2015, fazem-no sempre em português escoreito, atiram a pedra e escondem a pata. Normal, portanto. Há muito que a cobardia assim funciona.

Como o nosso compromisso sagrado é apenas com o que pensamos ser a verdade, a luta é contínua e a (nossa) vitória será acertada, na democracia real, mesmo que alguns tombem pelo caminho. Talvez de derrota em derrota até à vitória final.

Recordemos agora e sempre Frei João Domingos quando afirmou que os políticos e governantes an-

golanos só estão preocupados com os seus interesses, das suas famílias e dos seus mais próximos.

“Não nos podemos calar mesmo que nos custe a vida”, disse Frei João Domingos, acrescentando “que muitos governantes que têm grandes carros, numerosas amantes, muita riqueza roubada ao povo, são aparentemente reluzentes mas estão podres por dentro”.

Por tudo isso, Frei João Domingos sempre chamou a atenção dos angolanos, de todos os angolanos, para não se calarem, para “que continuem a falar e a denunciar as injustiças, para que este país

seja diferente”.

Tendo em conta a crise de valores em que o país se encontra, Frei João Domingos sempre recomendou aos angolanos sem excepção para que pratiquem os valores que Jesus Cristo recomenda: solidariedade, justiça, amor, honestidade, dedicação ao outro, seriedade, paz, a vida, etc.

“O Povo sofre e passa fome. Os países valem pelas pessoas e não pelos diamantes, petróleo e outras riquezas”, dizia também Frei João Domingos.

O nosso país continua a ser palco de violações dos direitos humanos, nomeadamente contra todos aqueles que se atrevem a pensar de forma diferente do que está estabelecido pelo regime.

São muitos os relatos de violência, intimidação, assédio e detenções por agentes do Estado de indivíduos alegadamente envolvidos em crimes contra a segurança do Estado, ou seja, que pensam de forma diferente.

Por tudo isto, o F8 continua de pé perante os donos do poder em Angola, aceitando – eventualmente – ficar de joelhos apenas perante Deus. É claro que, segundo o regime, José Eduardo dos Santos é um “deus”, mas perante esse e os seus capangas estaremos sempre de pé, por muitas e graves que sejam as ameaças.



MARCOS LEOPOLDO GUERRA, JORNALISTA E ADVOGADO DE 51 ANOS

OS SENHORES DO NOSSO DINHEIRO

JES RUMO A DEMOCRACIA PARTICIPATIVA

TEXTO DE ARLINDO SANTANA



Mesmo sendo verdade que quase ninguém o saiba, a família

Espírito Santo esteve presente em diversos ramos na exploração colonial de Angola antes da independência e regressou à fonte de rendimentos em 1993, com a Escom, estabelecendo-se em quase todas as áreas da economia angolana, num esbanjamento de actividades notório, desde os diamantes até à aviação passando pelo imobiliário nos seus mais variados aspectos, construção, trading, obras públicas e infra-estruturas. Em 2005, associou-se ao Fundo Inter-

nacional da China, que viria a formar a China Sonangol com Manuel Vicente. Antes de ir mais longe, no entanto, façamos um breve retorno ao passado.

A Escom foi fundada em 1993 pelo Grupo Espírito Santo e por Hélder Batalgia e era até há bem pouco tempo um dos maiores investidores privados em território angolano. Desenvolvia também actividades na República do Congo, onde se encontra desde 1999. Está igualmente na República da África do Sul, onde participa, desde 2010, em diversos projectos de energias renováveis.

Nesta senda de empreitadas em África, registamos que por volta do Verão de

2010 iniciou-se um processo que deveria levar à venda da Escom à Sonangol (ou ao Fundo Soberano de Angola). Pendente desde essa altura, a referida venda deveria fechar-se em breve, para entrar nas contas da falência do grupo Espírito Santo em Portugal. Mas não se fechou, pelo contrário abriu-se aos olhos do mundo depois de terem sido descobertas manigâncias bilionárias pelo Departamento Central de Investigação e Acção Penal português (DCIAP), que está por ora a investigar as circunstâncias em que o Grupo Espírito Santo (GES) vendeu a totalidade da sua participação na Escom à Sociedade Nacional de Combustíveis de An-

gola (Sonangol). A empresa angolana pagou a título de sinal um valor de cerca de 15 milhões de euros ao GES que terá sido depositado em Lisboa. Além deste montante, terão sido igualmente transferidos pelos angolanos mais 85 milhões de euros, cujo rasto está a ser investigado pelos procuradores do DCIAP. Este último valor terá sido depositado directamente no Crédit Suisse através da sociedade gestora de fortunas Akoya, tal como foi divulgado no Instagram por Luís Rosa e Sílvia Caneco. A título de esclarecimento, a mesma fonte assevera que Akoya é uma empresa de direito suíço que está envolvida no processo Monte Branco, em que se inves-

tigam suspeitas de fraude fiscal e branqueamento de capitais. O negócio da venda da Escom - detida em 67% pelo Grupo Espírito Santo (GES), estando o restante capital nas mãos do luso-angolano Hélder Batalgia, presidente da empresa - ter-se-á iniciado no Verão de 2010. O GES propôs o negócio à Sonangol, tendo sido assinado em Lisboa um contrato-promessa depois do Verão que avaliava o negócio total em cerca de 800 milhões de euros. Em aberto, portanto, fica a investigação ao eventual pagamento, pela parte angolana, de um vultuoso sinal que nunca terá entrado nas contas do grupo Espírito Santo, agora falido.

JES A DISTRIBUIR CADA VEZ MELHOR

Estes são os alicerces do “Caso BES/BESA”, laconicamente divulgados pela imprensa, lusa e angolana, sem mais desenvolvimentos elucidativos das reais ligações entre essa empresa privada e o regime JES/MPLA, o que, de resto foi claramente confirmado no passado dia 18 do mês em curso, aquando da intervenção de Álvaro Sobrinho, ex-CEO do BESA (Chief Executive Officer), no Parlamento de Portugal, quando afirmou que o BESA, de que ele era líder supremo em Angola, não tinha ligações com nenhum regime, mas sim com clientes, que eram respeitados e protegidos no seu banco pelo sigilo bancário.

Por tudo o que aqui foi descrito se pode conferir a opacidade deste “Caso BES/BESA”, no qual continuamos a navegar de velas pandas num mar de dúvidas e nevoeiro espesso.

Mas há os factos, já divulgados na edição passada de F8, mas que não é demais o leitor voltar a saber:

João Manuel Gonçalves Lourenço, actualmente é ministro de Defesa, teria beneficiado de um crédito

de 30 milhões de dólares norte-americanos

O secretário do Bureau Político do MPLA para a Política Económica e Social, Manuel Nunes Júnior, é referenciado como tendo beneficiado de um crédito de 20 milhões de dólares.

Roberto de Almeida, o vice-presidente do partido é citado como tendo beneficiado de um crédito de 30 milhões de dólares. Uma parte (10 milhões) terá aplicado na construção de um edifício. E o mais curioso é que ele afirmou sem se rir que julgou que o crédito fosse uma “oferta”.

Insinua-se que uma “joint-venture” ligada à empresária Marta dos Santos, irmã do Presidente da República, em parceria com um construtor português, José Guilherme, terão recebido cerca de 800 milhões de dólares de crédito, que aplicaram na construção de vários condomínios em Talatona, em Luanda.

Não sendo exaustiva esta lista, que circula em vários órgãos de imprensa e redes sociais, fica sabido que, ao todo, o BESA emprestou 5,7 mil milhões de dólares a conhecidas figuras do regime angolano, incluindo, como

supra citado, vários membros do Bureau Político do MPLA, empréstimo de que se alega terem-se perdido os opacíssimos rastros. Há suspeitas de que 745 milhões foram parar às mãos de Álvaro Sobrinho, presidente daquele banco até 2012. Resumindo, “estamos feitos ao bife”.

Como cereja em cima deste bolo (Rei), é de notar que, para evitar que o banco fosse à falência, o Presidente José Eduardo dos Santos concedeu, em nome do Estado angolano, uma garantia soberana de 5 mil milhões ao BESA, destinada a cobrir créditos concedidos e que estão contabilizados nos activos da instituição financeira. O BESA tem como accionistas, os generais Manuel Vieira Dias “Kopelipa” e Leopoldino do Nascimento, através das suas participadas. Mas retirou-o e tudo foi por água abaixo. Quanto ao BESA, assinale-se que esse banco deixou de

ter maioria de capital português e mudou de nome.

Obrigado, JES.



TENTÁCULOS DA ESCOM

A jóia da coroa da Escom é um diamante, ou melhor, uma mina de diamantes. O projecto do Luó, descrito como uma das dez maiores explorações do mundo, entrou em operação em 2005. A Escom assumiu a posição da BHP Billiton e ficou com 45% da concessão em que estão accionistas angolanos e a companhia estatal Endiama. O grupo operava em 15 concessões e há um ano surgiram notícias de que estaria envolvido num projecto de 425 milhões no Lunda Sul.

A Escom chegou a empregar 1800 pessoas, a maioria em Angola. O último volume de negócios conhecido

é de 250 milhões de euros anuais, modesto comparado com um plano de investimentos que triplicava esse valor. A crise financeira que retirou margem de manobra à banca e ao BES e a queda no preço dos diamantes em 2009 terão comprometido o financiamento dos investimentos da Escom e empurrado o maior accionista, o GES, para a alienação em 2010.

Há pelo menos um ano que a empresa transfere operações e recursos para Luanda, palco do outro negócio forte: o imobiliário. A Torre Escom é um das edificações emblemáticas da capital angolana e a ân-

cora do projecto Sky Center, que prevê mais três edifícios, residenciais e de escritórios. Ainda antes do acordo para a alienação, a Escom saiu dos negócios da aviação e das pescas para se centrar na mineração e no petróleo, em que tem 2,5% num bloco no offsho- re angolano operado pela Petrobrás. Desde 2010 que não há novos comunicados de imprensa no site da Escom, onde ainda consta a participação accionista do GES e de Hélder Bataglia. O empresário luso-angolano mantém-se à frente da gestão da empresa.

*Com Luís Rosa e Sílvia Caneco

SAMAKUVA DENUNCIA “REGIME AUTORITÁRIO DE MATRIZ SULTÂNICA”

“ (...) Lembrei-me, de um discurso do saudoso Presidente Fundador, Jonas Malheiro Savimbi, feito num período similar, em que se referia ao facto de que, o fim ou o início do ano é altura de fazer balanços e ver se a “loja” que gerimos fez lucros ou se fez prejuízos; se ela pode ainda continuar aberta ou se é o momento de fechá-la”, recordou o presidente da UNITA, no seu balanço de fim do ano.

Deixando para cada um o balanço das diferentes “lojas”, Isaias Samakuva falou em termos gerais:

“No plano da paz e da segurança mundial, o Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIL), grupo extremista que controla vastas áreas da Síria e do Iraque, declarou no dia 29 de Junho a instauração de um califado islâmico, enquanto que na Nigéria um grupo radical islâmico raptou mais de 200 meninas.

Na Ucrânia, o Parlamento destituiu do poder o presidente Victor Yanukovich. O governo russo não reconheceu o novo governo ucraniano e decidiu invadir a Crimeia, formalizando depois o processo de anexação da Crimeia à Rússia.

Na Europa Ocidental, a Escócia disse não à independência do Reino Unido em referendo nacional, enquanto que na Península Ibérica 80% dos catalães votaram pela independência numa consulta informal.

Entretanto, vários governos da União Europeia reconheceram o Estado palestino.



O Prémio Nobel da Paz 2014 foi para as mãos de Malala Yousafzai, uma jovem paquistanesa que chamou a atenção do mundo para o direito à educação, e de Kailash Satyarthi, um activista indiano pelos direitos das crianças.

A agência de refugiados da ONU anunciou que o número de pessoas forçadas a deixar suas casas devido a guerras ou perseguição superou a marca de 50 milhões em 2013 pela primeira

vez desde a Segunda Guerra Mundial.

Enquanto isso, os Estados Unidos resolveram restabelecer relações diplomáticas com Cuba, depois de 53 anos de bloqueios e incompreensões.

No domínio da saúde, o mundo viu surgir a epidemia de ébola, que, segundo o último relatório da Organização Mundial de Saúde (OMS) publicado no passado dia 7, ceifou 6.113 vidas em vários países, dos 17.256

casos detectados em menos de um ano. A ONG Médicos Sem Fronteiras declarou a epidemia como “sem precedentes” tanto em casos de mortes quanto em termos de expansão geográfica.

No campo religioso, quatro acontecimentos merecem destaque: a canonização do Papa João XXIII e do Papa João Paulo II; a beatificação do Papa Paulo VI; e a nomeação, na Inglaterra, da primeira mulher para o cargo de Bispo da Igreja Anglicana.

No que diz a calamidades, o ano também conheceu desastres aéreos, dos quais destacamos dois: em Março, um avião B777-200 com 239 passageiros, da Malaysia Airlines, desapareceu sem deixar rasto na rota Kuala Lumpur – Pequim. Em Julho, o voo MH17, também da Malaysia Airlines, que voava de Amsterdão a Kuala Lumpur, foi abatido por um míssil disparado na fronteira entre a Ucrânia e a Rússia por um sistema antiaéreo,

fazendo 298 vítimas. No mundo dos negócios, a empresa Facebook comprou o WhatsApp por 16 mil milhões de dólares, a Microsoft integrou a Nokia e encerrou o suporte ao Windows XP e ao Office 2003, dando-os como mortos. Enquanto isso, cresceram os ataques focados em sistemas de point-of-sale (POS) para roubar informações de cartões de consumidores. Em Portugal, o império Espírito Santo ruiu com impacto ainda não completamente descortinado para Angola. Das cinzas do BES nasceram dois novos bancos: o “Novo Banco” para garantir os depositantes desta instituição em grave crise ao passo que os investidores ficam inseridos num “banco mau”. O ex-primeiro-ministro do Governo português, José Sócrates, foi detido em Novembro, à chegada ao aeroporto de Lisboa, no âmbito de um processo em que se

investigam crimes de fraude fiscal branqueamento de capitais e corrupção. No mundo das artes, o ano que agora finda registou as mortes de Eusébio da Silva Ferreira, lendário do futebol português e mundial, do escritor colombiano Gabriel García Márquez, o “pai do realismo mágico” e do actor norte americano, Robin Williams. Entretanto, o nosso Barceló de Carvalho, Bonga, foi condecorado pelo Governo Francês ante o olhar indiferente do seu próprio país! A Alemanha venceu o Mundial de futebol de 2014, ao derrotar a Argentina na final por 1-0 e depois de ciliar o anfitrião Brasil por 7-1 nas meias-finais.” Quanto à “loja” interna, Isaías Samakuva disse; “Aqui, entre nós, durante o ano de 2014, consolidou-se o regime autoritário de matriz sultânica. A supremacia da Constituição continuou a ser

substituída pela vontade de um só homem. A democracia tornou-se uma miragem e a reconciliação nacional uma quimera. Consolidou-se a ideia de que um grupo de predadores que se confunde com o Estado agride os direitos fundamentais dos angolanos e utiliza o sistema financeiro nacional para executar operações ilícitas de branqueamento de capitais, enriquecimento ilícito e corrupção, dentro e fora de Angola, perante um sistema de justiça que se mostra incapaz de investigar e julgar tais crimes.

A exclusão social continuou e o sofrimento do nosso Povo é cada vez mais visível.”

E continuou:

“Se o ano de 2014 foi marcante para o mundo em geral, o ano de 2015 será particularmente marcante para o nosso país. Por razões políticas, económicas e sociais. A queda nos preços do petróleo, a corrupção e a má governação irão agravar a inflação, o desemprego e a já fraca qualidade dos serviços públicos. O défice poderá disparar para 14 por cento, quase o dobro do desequilíbrio orçamental de 7,6% previsto pelo Executivo. Isto poderá levar o país

para uma recessão no próximo ano segundo estimam alguns peritos na matéria (Capital Economics). Por tudo o que sabemos, po-

demos afirmar que o ano 2015 reserva-nos grandes desafios. Não escondemos a dimensão e a urgência dos desafios que se nos colocam, mas também não os receamos.

Vamos confrontar os grandes problemas do nosso país com os olhos bem abertos e afugentar o medo paralisante. Temos de confrontá-los com serenidade, patriotismo e realismo.

Em política, resposta realista aos grandes problemas consiste na procura e concretização de soluções adequadas à dimensão dos problemas que nos afligem e que temos o dever de não permitir que nos levem novamente à situação de escravos.

Temos de nos posicionar para o futuro agora, porque a gravidade da situação do país, exige de todos nós, medidas concertadas e ousadas que nos permitam resgatar a dignidade da nossa cidadania e construir o futuro.”



CHINA
COMUNISTA
DÁ EXEMPLO
EM 2014

SE EM ANGOLA EXISTISSEM TIGRESO MPLA ESTARIA HIGIENIZADO

Angola é um oásis para a corrupção. Os dirigentes quando identificados, a investigação cinge-se em saber qual o número da sua conta e se ela se coaduna com o estatuto do larápio corrupto. Esta é uma visão comunista estalinista, que abraça o nazismo.

No entanto, num dos poucos países declaradamente ainda comunista, a República Popular da China, uma das mais vigorosas economias do mundo, considera mesmo a fábrica mundial, a corrupção tem o seu campo limitado e os corruptos, quando apanhados, seja

qual for o seu estatuto, pelo menos até agora é assim, são investigados e julgados pela justiça comunista, que os encaminha para o local

devido: a cadeia. Tanto assim é que no virar do ano de 2014, mais de 56 responsáveis uns com o estatuto de vice-ministro ou

superior já foram “abatidos” no âmbito da campanha anticorrupção lançada há dois anos pela nova liderança comunista da China.

Por cá, com este regime do MPLA/JES seriam, certamente, promovidos. Para a cadeia iriam os pilha-galinhas, as zungueiras, os opositores e os jornalistas independentes, por continuarem a ousar não ser corruptos. Iso viola a cartilha do militante comprometido com a palavra de ordem: **ROUBAR É UM DEVER REVOLUCIONÁRIO.**

Depois, o mais grave é que não existe, segundo se diz, no topo, alguém capaz de dar exemplo, logo a começar uma verdadeira purga, contra a corrupção, o regime ficaria despido de liderança, de comando, pois a teia poderia ruir do topo a base.

Seria um grande exemplo e



os verdadeiros militantes do MPLA poderiam, finalmente, “HIGIENIZAR” a sua política interna e passar uma nova mensagem de credibilidade ao país. Angola ganharia. O MPLA reconquistaria o seu lugar no concerto de um partido de esquerda com cariz de mercado, mas social...

Voltando a China, só em 2014, o número de 56 suspeitos e indiciados dos crimes de corrupção e branqueamento de capitais, foi divulgado a propósito do mais recente “tigre” denunciado pelas autoridades, o vice-presidente da Conferência Política Consultiva do Povo Chinês e membro do Comité Central do PCC, Ling Jihua.

Ex-director do Comité Central do PCC, associado ao antigo presidente Hu Jintao, Ling Jihua “está a ser investigado por suspeita de grave violação da discipli-

na”, anunciou a Comissão Central de Controlo e Disciplina.

Depois de assumir a chefia do PCC, em Novembro de 2012, o actual presidente, Xi Jinping, disse que o combate à corrupção visaria “as moscas” mas também “os tigres”, numa alusão aos quadros dirigentes que pareciam estar acima da lei.

Como em Angola, nesta matéria, só há moscas, é evidente que só as zungueiras são culpadas de corrupção. Quanto aos leões e restante felinos que se situam no topo da cadeia alimentar, esses estão imunes. A bem do regime, entenda-se.

O maior “tigre” preso até agora foi o antigo ex-chefe da Segurança Zhou Yongkang, o primeiro ex-membro do Comité Permanente do Politburo do PCC, a cúpula do poder, acusado de corrupção.

A lista dos “mais de 56 res-

ponsáveis abatidos” inclui um antigo vice-presidente da Comissão Militar Central, o general Xu Caihuo, que chegou a ser o “número dois” das Forças Armadas chinesas.

Em Março de 2012, quando o filho de Ling Jihua morreu ao volante de um Ferrari, o então director do Comité Central do PCC era considerado uma figura em ascensão na hierarquia chinesa.

Ling Jihua, 58 anos, terá tentado encobrir o acidente que matou o filho e feriu gravemente as duas jovens que o acompanhavam, uma das quais acabaria por morrer.

O assunto ainda é tabu. Em vez de mencionar o filho de Ling Jihua, a imprensa oficial (similar aos nossos Jornal de Angola, TPA, RNA, Angop) diz apenas que o Ferrari – veículo que o salário de um líder comunista

jamais poderia comprar – era conduzido por “um parente próximo”.

Antes mesmo do XVIII Congresso do PCC, realizado oito meses depois, Ling Jihua foi afastado do cargo, mas manteve-se no Comité Central.

Dois irmãos de Ling Jihua – Ling Zhenge e Ling Wancheng – foram entretanto presos por corrupção.

“É muito provável que Ling tenha também usado o poder que detinha para ajudar a família a encobrir os seus negócios sujos”, disse o Global Times, jornal do grupo Diário do Povo, o órgão central do PCC.

O Global Times salienta que Ling Jihua fazia parte da “mais poderosa elite do governo”, mas adverte que “a disciplina do partido e a lei não lhe proporcionarão qualquer clemência”.

Horas antes de ser conhecida a decisão de investigar

Ling Jihua, a Comissão Central de Controlo e Disciplina anunciou a detenção de outro alto funcionário suspeito de corrupção, Shen Weichen, ex-chefe do PCC na China Association for Science and Technology.

O combate à corrupção, assumido como “uma luta de vida ou de morte” para restaurar a credibilidade do PCC, tem sido uma prioridade da liderança de Xi Jinping.

É a mais persistente campanha do género realizada nas últimas décadas, projetando Xi Jinping como um líder da estatura de Mao Zedong (1893-76) e Deng Xiaoping (1904-97).

Xi Jinping, 61 anos, representa a chamada “quinta geração de líderes da Nova China”, a primeira nascida já depois de o PCC tomar o poder, em 1949.



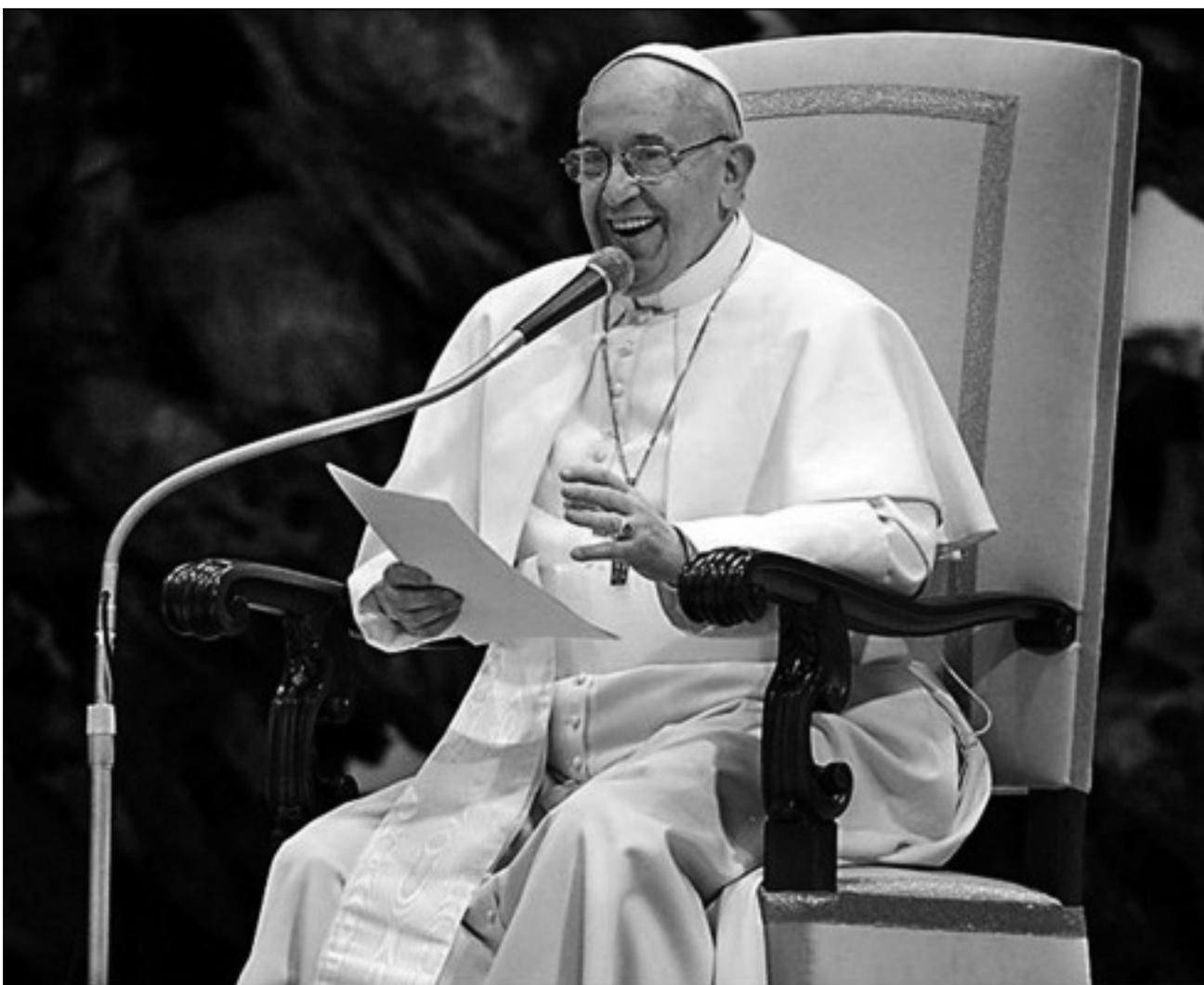
PAPA FRANCISCO DENUNCIA CÚRIA ROMANA SOFRE DE 'ALZHEIMER ESPIRITUAL'

OF8 nunca escondeu a sua incondicional admiração pelo Papa Francisco, melhor, o pastor Jorge Mario Bergoglio, um homem que veio revolucionar, pode revolucionar, está a revolucionar, com a graça de Deus, a Igreja Católica e devolver-lhe a pujança merecida.

Francisco não deixa de surpreender o mundo e sem medo de errar, reafirmamos, o pior que aconteceu a Igreja Católica em Angola foi a eleição deste Papa, que baixou a sua humildade e amor aos pobres e aos mais carentes, postura distinta a partilhada por muitos padres e bispos em no país com responsabilidade. Muitos dormiam, descaradamente, com um poder que sufoca os pobres, humilha, assassina, porque desprotegidos, nem podem contar com o conforto espiritual de terem uma igreja isenta e solidária com o seu rebanho. Muitos "pastores" católicos converteram-se a adoração do vil metal e não se coíbem de entregar, aos algozes, muitos crentes que confessam intimidades, a quem acreditam ser túmulo de Jesus.

Com o novo Papa, a igreja em Angola tem de mudar, a sua voz tem de ser diferente e a extensão radiofónica terá de regressar a ser a voz dos que não têm voz.

Por esta razão, se existe um lugar onde o Papa pode contar com solidariedade e cumplicidade indefectível, em Angola o F8 é um deles. Em um discurso de uma severidade sem precedentes, ele condenou as rivalidades,



as calúnias e as intrigas no seio da Cúria Romana, por esta razão na sua mensagem de Natal de 2014, pediu que os cardeais façam um exame de consciência ante o que chamou de "alzheimer espiritual", entre outras doenças que relacionou e que disse afectarem a Cúria.

O Papa afirmou que, "como qualquer corpo humano", a Cúria sofre de "infidelidades ao Evangelho" e de "doenças que precisa aprender a curar".

O Papa citou 15 doenças, usando expressões fortes como, além de "alzheimer espiritual", "terrorismo do

falatório", "esquizofrenia existencial", "exibicionismo mundano", "narcisismo falso" e "rivalidades pela glória".

Através destas expressões fortes, que geraram um certo desconforto entre os cardeais e altos funcionários da Santa Sé, o Papa analisou o que chamou de patologia do maquinário central da Igreja Católica, e pediu reflexão, penitência e confissão por ocasião do período natalino. A primeira doença a que se referiu foi a de "sentir-se imortal e insubstituível", sem defeitos, privado de autocrítica, que não se actua-

liza nem tenta melhorar. "É preciso visitar os cemitérios para ver os nomes de tantas pessoas que se consideravam imunes e indispensáveis", alfinetou. A segunda doença citada foi o "excesso de actividade", de trabalho, e convidou a Cúria a respeitar as férias e a dedicar momentos de descanso com a família, algo que ele pessoalmente não segue.

A terceira doença que atingiu os membros da Igreja é "a petrificação mental e espiritual", seguida do "excesso de planeamento e funcionalismo", "má coordenação" e o que chamou de "Alzheimer

espiritual", ou seja, o esquecimento do fervor da fé inicial. Outra grave patologia é a da "rivalidade e vanglória", o viver no mundo das aparências.

Na lista, o pontífice incluiu a "esquizofrenia existencial" de quem esquece que está a serviço das pessoas, de quem apenas se limita a realizar trâmites burocráticos, dos que somente dependem das suas próprias paixões, caprichos e manias e "constroem a seu redor muros e costumes". "Sanar essa enfermidade tão grave é urgente e indispensável", afirmou.

DISCURSO INTEGRAL

Papa Francisco com a Cúria Romana por ocasião da apresentação das felicitações natalinas na Sala Clementina do Palácio Apostólico
22 de dezembro de 2014



A GRANDE REVOLUÇÃO NA IGREJA CATÓLICA ROMANA

“Tu estás acima dos querubins, tu que transformaste a miserável condição do mundo quando te fizeste como nós” (Santo Agostinho)

Amados irmãos,

Ao final do Advento, encontramos-nos para as tradicionais saudações. Dentro de alguns dias teremos a alegria de celebrar o Natal do Senhor; o evento de Deus que se faz homem para salvar os homens; a manifestação do amor de Deus que não se limita a dar-nos algo ou a enviar-nos uma mensagem ou alguns mensageiros, doa-se-nos a si mesmo; o mistério de Deus que toma sobre si a nossa condição humana e os nossos pecados para revelar-nos a sua Vida divina, a sua graça imensa e o seu perdão gratuito. É o encontro com Deus que nasce na pobreza da gruta de Belém para ensinar-nos a potência da humildade. Na realidade, o Natal é também a festa da luz que não é acolhida pela gente “eleita”, mas pela gente pobre e simples que esperava a salvação do Senhor.

Em primeiro lugar, gostaria de desejar a todos vós – cooperadores, irmãos e irmãs, Representantes pontifícios disseminados pelo mundo – e a todos os vossos entes queridos um santo Natal e um feliz Ano Novo. Desejo agradecer-vos cordialmente, pelo vosso compromisso quotidiano a serviço da Santa Sé, da Igreja Católica, das Igrejas particulares e do Sucessor de Pedro.

Como somos pessoas e não números ou somente denominações, lembro de maneira especial os que, durante este ano, terminaram o seu serviço por terem chegado ao limite de

idade ou por terem assumido outras funções ou ainda porque foram chamados a Casa do Pai. Também a todos eles e a seus familiares dirijo o meu pensamento e gratidão.

Desejo juntamente convosco erguer ao Senhor vivo e sentido agradecimento pelo ano que está a nos deixar, pelos acontecimentos vividos e por todo o bem que Ele quis generosamente realizar mediante o serviço da Santa Sé, pedindo-lhe humildemente perdão pelas faltas cometidas “por pensamentos, palavras, obras e omissões”

E partindo precisamente deste pedido de perdão, desejaria que este nosso encontro e as reflexões que partilharei convosco se tornassem, para todos nós, apoio e estímulo a um verdadeiro exame de consciência a fim de preparar o nosso coração ao Santo Natal.

Pensando neste nosso encontro veio-me à mente a imagem da Igreja como

Corpo místico de Jesus Cristo. É uma expressão que, como explicou o Papa Pio XII “brota e como que germina do que é frequentemente exposto na Sagrada Escritura e nos Santos Padres”. A este respeito, São Paulo escreveu: “Porque, como o corpo é um todo tendo muitos membros e todos os membros do corpo, embora muitos, formam um só corpo, assim também é Cristo” (1 Cor 12,12).

Neste sentido, o Concílio Vaticano II lembra-nos que “na edificação do Corpo de Cristo há diversidade de membros e de funções. Um só é o Espírito que, para utilidade da Igreja, distribui seus vários dons segundo suas riquezas e as necessidades dos ministérios (cf. 1 Cor 12,1-11)”. Por isto “Cristo e a Igreja formam o «Cristo total» – Christus totus -. A Igreja é uma com Cristo”.

É belo pensar na Cúria Romana como sendo um pequeno modelo da Igreja,

ou seja, um “corpo” que procura séria e cotidianamente ser mais vivo, mais sadio, mais harmonioso e mais unido em si mesmo e com Cristo.

Na realidade, a Cúria Romana é um corpo complexo, composto de muitos Dicasterios, Conselhos, Departamentos, Tribunais, Comissões e de numerosos elementos que não têm todos a mesma tarefa, mas são coordenados para um funcionamento eficaz, edificante, disciplinado e exemplar, não obstante as diversidades culturais, linguísticas e nacionais dos seus membros.

Em todo o caso, sendo a Cúria um corpo dinâmico, ela não pode viver sem alimentar-se e sem cuidar de si. De fato, a Cúria – como a Igreja – não pode viver sem ter uma relação vital, pessoal, autêntica e sólida com Cristo. Um membro da Cúria que não se alimenta cotidianamente com aquele Alimento tornar-se-á um burocrata

(um formalista, um funcionário): um ramo que seca e pouco a pouco morre e é lançado fora. A oração diária, a participação assídua nos Sacramentos, de modo especial, da Eucaristia e da reconciliação, o contato cotidiano com a palavra de Deus e a espiritualidade traduzida em caridade vivida são o alimento vital para cada um de nós. Que todos nós tenhamos bem claro que sem Ele nada poderemos fazer (cf Jo 15, 8).

Consequentemente, a relação viva com Deus alimenta e fortalece também a comunhão com os outros, ou seja, quanto mais estivermos intimamente unidos a Deus tanto mais estaremos unidos entre nós porque o Espírito de Deus une e o espírito do maligno divide.

A Cúria está chamada a melhorar-se, a melhorar-se sempre e a crescer em comunhão, santidade e sabedoria a fim de realizar plenamente a sua missão. No entanto, ela, como todo corpo, como todo corpo humano, está exposta também às doenças, ao mau funcionamento, à enfermidade. E aqui gostaria de mencionar algumas destas prováveis doenças, doenças curiais. São doenças mais costumeiras na nossa vida de Cúria. São doenças e tentações que enfraquecem o nosso serviço ao Senhor. Penso que nos ajudará o “catálogo” das doenças – nas pegadas dos Padres do deserto, que faziam aqueles catálogos – dos quais falamos hoje: ajudar-nos-á na nossa preparação ao Sacramento da Reconciliação, que será um passo importante de todos nós em preparação do Natal.





1. A doença do sentir-se “imortal”, “imune” ou até mesmo “indispensável” transcurando os controles necessários e habituais. Uma Cúria que não faz autocrítica, que não se atualiza, que não procura melhorar é um corpo enfermo. Uma visita ordinária aos cemitérios poderia ajudar-nos a ver os nomes de tantas pessoas, algumas das quais pensassem talvez que eram imortais, imunes e indispensáveis! É a doença do rico insensato do Evangelho que pensava viver eternamente (cf Lc 12, 13-21) e também daqueles que se transformam em senhores e se sentem superiores a todos e não a serviço de todos. Esta doença deriva muitas vezes da patologia do poder, do “complexo dos Eleitos”, do narcisismo que fixa apaixonadamente a sua imagem e não vê a imagem de Deus impressa na face dos outros, principalmente dos mais fracos e necessitados. O antídoto para esta epidemia é a graça de nos sentirmos pecadores e de dizer com todo o coração «Somos servos inúteis. Fizemos o que devíamos fazer» (Lc 17, 10).

2. Outra doença: doença do “mortalismo” (que vem de Marta), da excessiva operosidade: ou seja, daqueles que mergulham

no trabalho, descuidando, inevitavelmente, “a melhor parte”: sentar-se aos pés de Jesus (cf Lc 10,38-42). Por isto Jesus chamou os seus discípulos a “descansar um pouco” (cf Mc 6,31) porque descuidar do descanso necessário leva ao estresse e à agitação. O tempo do descanso, para quem levou a termo a sua missão, é necessário, obrigatório e deve ser lavado a sério: no passar um pouco de tempo com os familiares e no respeitar as férias como momentos de recarga espiritual e física; é necessário aprender o que ensina o Coélet que «para tudo há um tempo» (3,1-15).

3. Há ainda a doença do “empedernimento” mental e espiritual, ou seja, daqueles que possuem um coração de pedra e são de “dura cerviz” (At 7,51-60); daqueles que, com o passar do tempo, perdem a serenidade interior, a vivacidade e a audácia e escondem-se atrás das folhas de papel, tornando-se “máquinas de práticas” e não “homens de Deus” (cf Hb 3,12). É perigoso perder a sensibilidade humana necessária que nos faz chorar com os que choram e alegrar-se com os que se alegram! É a doença dos que perdem “os sentimentos de Jesus” (cf Fl 2,5-11) porque o seu coração,

com o passar do tempo, endurece e torna-se incapaz de amar incondicionalmente ao Pai e o próximo (cf Mt 22,34-40). Ser cristão, com efeito, significa ter os mesmos sentimentos de Jesus Cristo» (Fl 2,5), sentimentos de humildade e de doação, de desapego e de generosidade.

4. A doença do planejamento excessivo e do funcionalismo. Quando o apóstolo planeja tudo minuciosamente e pensa que, fazendo um perfeito planejamento, as coisas efetivamente progridem, tornando-se, assim, um contador ou um comerciante. Preparar tudo bem é necessário, mas sem jamais cair na tentação de querer encerrar e pilotar a liberdade do Espírito Santo, que é sempre maior, mais generosa do que todo planejamento humano (cf Jo 3,8). Cai-se nesta doença porque «é sempre mais fácil e cómodo adaptar-se às suas posições estáticas e imutadas. Na realidade, a Igreja mostra-se fiel ao Espírito Santo na medida em que não tem a pretensão de regulamentá-lo e de domesticá-lo... – domesticar o Espírito Santo! – ... Ele é frescor, fantasia, novidade».

5. A doença da má coordenação. Quando os membros perdem a comunhão entre si e o corpo perde a sua funcionalidade harmoniosa e a sua temperança, tornando-se uma orquestra que produz barulho, porque os seus membros não cooperam e não vivem o espírito de comunhão e de equipe. Quando o pé diz ao braço: “não preciso de ti”, ou a mão à cabeça: “quem manda sou eu”, causando, assim, mal-estar ou escândalo.

6. Há também a doença do “alzheimer espiritual”: ou seja, o esquecimento da “história da salvação”, da história pessoal com o Senhor, do «primeiro amor» (Ap 2,4). Trata-se de uma perda progressiva das faculdades espirituais que num intervalo mais ou menos longo de tempo causa graves deficiências à pessoa, tornando-a incapaz

de exercer algumas atividades autônomas, vivendo num estado de absoluta dependência das suas visões, tantas vezes imaginárias. É o que vemos naqueles que perderam a memória do seu encontro com o Senhor; naqueles que não têm o sentido deuteronômico da vida; naqueles que dependem completamente do seu presente, das suas paixões, caprichos e manias; naqueles que constroem em torno de si barreiras e hábitos, tornando-se, sempre mais escravos dos ídolos que esculpíram com suas próprias mãos.

7. A doença da rivalidade e da vanglória. Quando a aparência, as cores das vestes e as insígnias de honra se tornam o objetivo primordial da vida, esquecendo as palavras de São Paulo: «Nada façais por espírito de partido ou vanglória, mas que a humildade de vos ensine a considerar os outros superiores a vós mesmos. Cada qual tenha em vista não os seus próprios interesses, e sim os dos outros» (Fl 2,1-4). É a doença que nos leva a ser homens e mulheres falsos, e a vivermos um falso “misticismo” e um falso “quietismo”. O mesmo São Paulo os define «inimigos da Cruz de Cristo» porque se envaidecem da própria ignomínia e só têm prazer no que é terreno» (Fl 3,19).

8. A doença da esquizofrenia existencial. É a doença dos que vivem uma vida dupla, fruto da hipocrisia típica do medíocre e do vazio espiritual progressivo que formaturas ou títulos acadêmicos não podem preencher. Uma doença que atinge frequentemente aquele que, abandonando o serviço pastoral, se limita aos afazeres burocráticos, perdendo, assim, o contato com a realidade, com as pessoas concretas. Criam, assim, um seu mundo paralelo, onde colocam à parte tudo o que ensinam severamente aos outros e começam a viver uma vida oculta e muitas vezes dissoluta. A conversão é por demais urgente e indispensável para esta gravíssima

doença (cf Lc 15,11-32).

9. A doença das fofocas, das murmurações e do mexerico. Já falei muitas vezes desta doença, mas nunca é suficiente. É uma doença grave, que começa simplesmente, quem sabe, para trocar duas palavras e se apodera da pessoa, transformando-a em “semeadora de cizânia” (como satanás), e em tantos casos “homicida a sangue frio” da fama dos seus colegas e confrades. É a doença das pessoas velhacas que, não tendo a coragem de falar diretamente, falam pelas costas. São Paulo nos adverte: «Fazei todas as coisas sem murmurações nem críticas a fim de serdes irrepreensíveis e inocentes» (Fl 2,14-18). Irmãos, guardemo-nos do terrorismo das maledicências!

10. A doença de divinizar os chefes: é a dos que cortejam os Superiores, esperando obter a benevolência deles. São vítimas do carreirismo e do oportunismo, honrando as pessoas e não a Deus (cf Mt 23,8-12). São pessoas que vivem o serviço, pensando exclusivamente no que devem obter e não no que devem dar. Pessoas mesquinhas, infelizes e inspiradas só pelo seu próprio egoísmo (cf Gal 5,16-25). Esta doença poderia atingir também os Superiores, quando cortejam alguns seus colaboradores para obter a sua submissão, lealdade e dependência psicológica, mas o resultado final é uma verdadeira cumplicidade.

11. A doença da indiferença para com os outros. Quando alguém pensa somente em si mesmo e perde a sinceridade e o calor das relações humanas. Quando o mais esperto não coloca o seu conhecimento a serviço dos colegas menos espertos. Quando se chega ao conhecimento de algo e o esconde para si, ao invés de compartilhar positivamente com os outros. Quando, por ciúme ou por astúcia, se sente alegria ao ver o outro cair, ao invés de erguê-lo e encorajá-lo.

12. A doença da cara funérea. Quer dizer, das pessoas grosseiras e sisudas

que pensam que, para ser sérias, é necessário assumir as feições de melancolia, de severidade e tratar os outros – principalmente os que consideram inferiores – com rigidez, dureza e arrogância. Na realidade, a severidade teatral e o pessimismo estéril são muitas vezes sintomas de medo e de insegurança. O apóstolo deve esforçar-se por ser uma pessoa amável, serena e alegre que transmite alegria por toda parte onde quer se encontre. Um coração repleto de Deus é um coração feliz que irradia e contagia de alegria todos os que estão à sua volta: é o que se vê imediatamente! Não percamos, portanto, aquele espírito jovial, cheio de humor, e até autoirônico, que nos torna pessoas amáveis, mesmo nas situações difíceis. Quanto bem nos faz uma boa dose de sadio humorismo! Far-nos-á muito bem recitar muitas vezes a oração de São Tomás Moro: rezo-a todos os dias; me faz bem.

13. A doença de acumular: quando o apóstolo procura preencher um vazio existencial no seu coração, acumulando bens materiais, não por necessidade, mas só para sentir-se seguro. Na realidade, nada de material poderemos levar conosco, porque “a mortalha não tem bolsos” e todos os nossos tesouros terrenos – mesmo que sejam presentes – jamais poderão preencher aquele vazio; pelo contrário, torná-lo-ão cada vez mais exigente e mais profundo. A estas pessoas o Senhor repete: «Dizes: sou rico, faço bons negócios, de nada preciso – e não sabes que és infeliz, miserável, pobre, cego e nu ... Reanima, pois, o teu zelo e arrepende-te» (Ap 3,17-19). A acumulação só pesa e freia inexoravelmente o caminho! E penso numa anedota: um tempo, os jesuítas espanhóis descreviam que a Companhia de Jesus era como a “cavalaria leve da Igreja”. Lembro-me da mudança de um jovem jesuíta que, enquanto carregava num caminhão os seus muitos bens: bagagens, livros, ob-

jetos e presentes, ouvi um velho jesuíta, que estava a observá-lo, dizer com um sorriso sábio: e esta seria a “cavalaria leve da Igreja?”. As nossas mudanças são um sinal desta doença.

14. A doença dos círculos fechados onde a pertença ao grupinho se torna mais forte do que a pertença ao Corpo, e, em algumas situações, ao próprio Cristo. Também esta doença começa sempre de boas intenções, mas com o passar do tempo, escraviza os membros, tornando-se um câncer que ameaça a harmonia do Corpo e causa tanto mal – escândalos – especialmente aos nossos irmãos menores. A autodestruição ou o “tiro amigo” dos camaradas é o perigo mais sorrateiro. É o mal que atinge a partir de dentro; e, como diz Cristo, «todo o reino dividido contra si mesmo será destruído» (Lc 11,17).

15. E a última: a doença do proveito mundano, dos exibicionismos, quando o apóstolo transforma o seu serviço em poder e o seu poder em mercadoria para obter dividendos humanos ou mais poder; é a doença das pessoas que procuram insaciavelmente multiplicar poderes e, com esta finalidade, são capazes de caluniar, de difamar e de desacreditar os outros, até mesmo nos jornais e nas revistas. Naturalmente para se exibirem e se demonstrarem mais capazes do que os outros. Também esta doença faz muito mal ao Corpo porque leva as pessoas a justificar o uso de todo meio, contanto que atinja o seu objetivo, muitas vezes em nome da justiça e da transparência! E vem-me aqui à mente a lembrança de um sacerdote que chamava os jornalistas para lhes contar – e inventar – coisas privadas e reservadas dos seus confrades e paroquianos. Para ele a única coisa importante era ver-se nas primeiras páginas, porque assim se sentia “potente e convincente”, causando tanto mal aos outros e à Igreja. Po-brezinho!

Irmãos, estas doenças e

tais tentações são naturalmente um perigo para todo cristão e para toda cúria, comunidade, congregação, paróquia, movimento eclesial e podem atingir quer em nível individual quer comunitário.

É necessário esclarecer que só o Espírito Santo – a alma do Corpo Místico de Cristo, como afirma o Credo Niceno-Costantinopolitano: «Creio... no Espírito Santo, Senhor e vivificador» – pode curar todas as enfermidades. É o Espírito Santo que sustenta todo esforço sincero de purificação e toda boa vontade de conversão. É Ele que nos faz compreender que todo membro participa da santificação do corpo ou do seu enfraquecimento. É Ele o promotor da harmonia: “Ipse harmonia est”, diz São Basílio. Santo Agostinho diz-nos: «Enquanto uma parte aderir ao corpo, a sua cura não é desesperada; mas o que foi cortado não pode nem curar-se nem sarar».

O restabelecimento é também fruto da consciência

da doença e da decisão pessoal e comunitária de tratar-se, suportando pacientemente e com perseverança a terapia.

Somos chamados, portanto – neste tempo de Natal e por todo o tempo do nosso serviço e da nossa existência – a viver «pela prática sincera da caridade», crescendo em todos os sentidos, naquele que é a Cabeça, Cristo. É por Ele que todo o corpo – coordenado e unido por conexões que estão ao seu dispor, trabalhando cada um conforme a atividade que lhe é própria – efetua esse crescimento, visando à sua plena edificação na caridade» (Ef 4,15-16).

Amados irmãos!

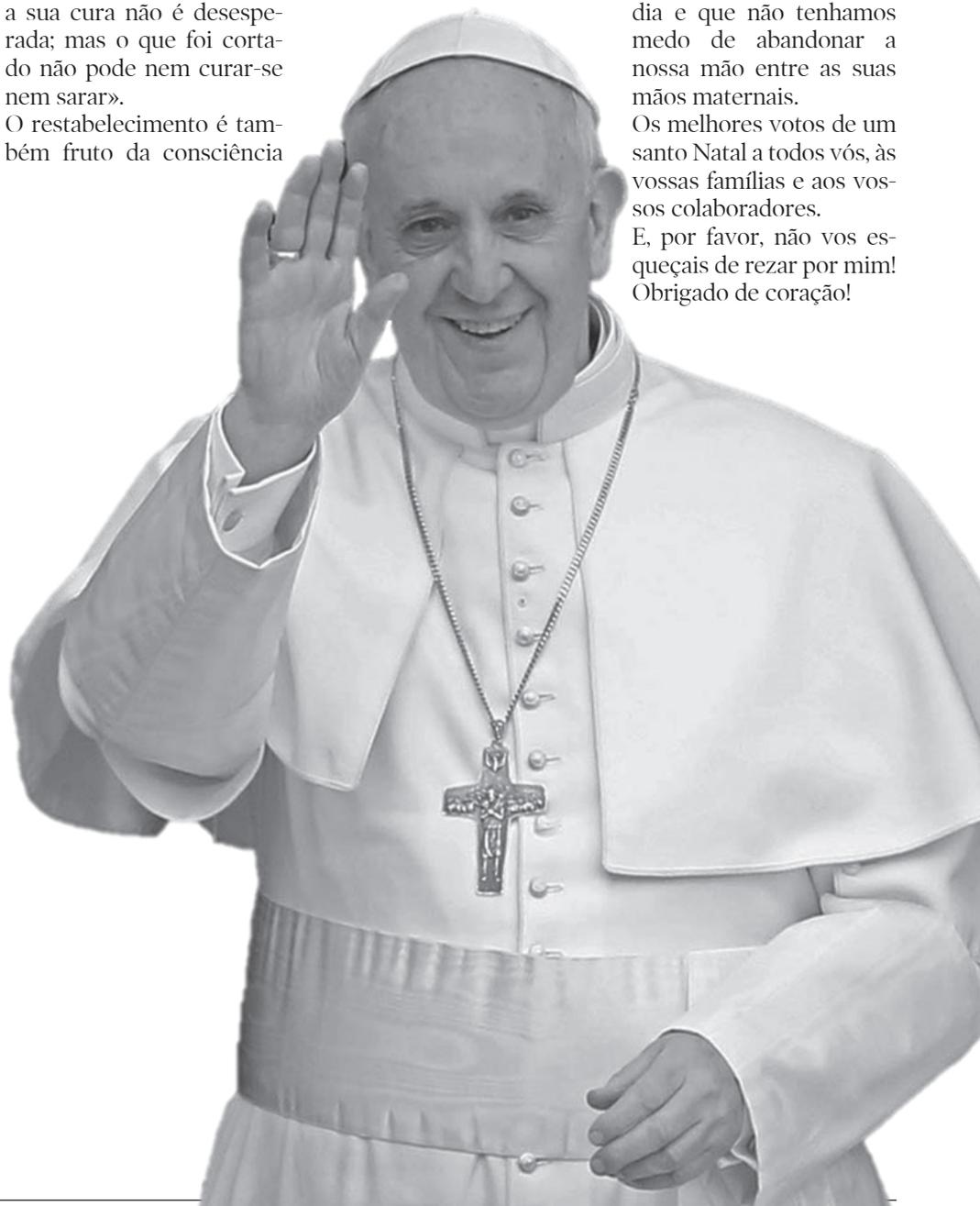
Certa vez li que os sacerdotes são como aviões: só fazem notícia quando caem, mas há tantos que voam. Muitos criticam e poucos

rezam por eles. É uma frase muito simpática, mas também muito verdadeira, porque delineia a importância e a delicadeza do nosso serviço sacerdotal e quanto mal poderia causar um só sacerdote que “cai”, a todo o corpo da Igreja.

Portanto, para não cair nesses dias em que nos preparamos à Confissão, peça-mos à Virgem Maria, Mãe de Deus e Mãe da Igreja, que cure as feridas do pecado que cada um de nós tem no seu coração e que ampare a Igreja e a Cúria a fim de que sejam sadias e saneadoras; santas e santificadoras para a glória do seu Filho e para a nossa salvação e do mundo inteiro. Peça-mos a Ela que nos faça amar a Igreja como amou Cristo, seu Filho e nosso Senhor, e que tenhamos a coragem de nos reconhecermos pecadores e necessitados da sua misericórdia e que não tenhamos medo de abandonar a nossa mão entre as suas mãos maternas.

Os melhores votos de um santo Natal a todos vós, às vossas famílias e aos vossos colaboradores.

E, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim! Obrigado de coração!



RETROSPECTIVA ECONOMIA 2014

2014 O ANO DE TODAS AS ROUBALHEIRAS

ANO DO BESA, DOS GENERAIS E



MANUEL VICENTE



ISABEL DOS SANTOS



KOPELIPA



CARLOS LOPES



PAULO KASSOMA

O dinheiro do nosso petróleo (ou do petróleo que também deveria ser nosso) vai para muito longe, deveria chegar para todos mas, afinal, é propriedade privada de alguns, chamem-se Manuel Vicente, Isabel dos Santos, Kopelipa e restantes membros da manjedoura. Neste momento os cofres do Estado estão quase vazios e os sinais da má gestão económica, não são um bom prenúncio para o ano de 2015. Pelo contrário.

Quando Carlos Lopes deixou o Ministério das Finanças havia como reservas um montante de 36 mil milhões de dólares, em 2014. Foram, entretanto, roubados dos cofres do Estado, 16 mil milhões, significando que em 2015, as reservas do Estado estão em 20 mil milhões. O dinheiro – como é habitual num sistema em que a transpa-



rência é opaca - não teve um destino definido, em aplicações ou desenvolvimento. Foi simplesmente desviado para contas particulares de altas entidades do aparelho do Estado partidocrata.

Actualmente, muito também, por os cofres não terem dinheiro suficiente para o acostumado rega-bofe, assiste-se à situação de não haver dinheiro para pagamento de salários. A situação vai ser

dramática, o país poderá explodir por falta de dinheiro para a maioria, enquanto a minoria se refastela no estrangeiro com os milhões saídos dos cofres públicos. Os ricos de 2014, os ricos

de Angola, pouco fizeram para a economia nacional. Não se pode dizer o mesmo no estrangeiro. Aliás, o país é também nesta matéria visto como mero entreposto de passagem das riquezas. Alguma dela



KUNDY PAIHAMA



CARLOS FEIJÓ



ANTÓNIO PITRA NETO



FREDERICO CARDOSO

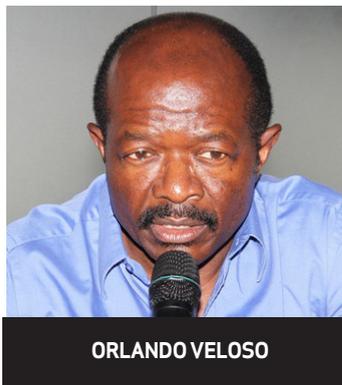


DIAS DOS SANTOS NANDÓ

DO DIVINO DONO DISTO TUDO



GENERAL JOÃO DE MATOS



ORLANDO VELOSO



AGINALDO JAIME



ANTÓNIO FRANÇA "NDALU"

está cá para mascarar, mas o grosso paira no calor suculento dos paraísos fiscais.

A arrogância, ou nem isso, da empresária bilionária Isabel dos Santos, filha do Presidente da República, José Eduardo dos Santos, que brinca pelo mundo, tal como os outros irmãos, familiares e afins, com o nosso dinheiro, foram uma imagem de marca, considerada por muitas organizações internacionais e intelectuais angolanos, da alta corrupção em 2014.

O dinheiro dos angolanos, saído dos cofres públicos, desviado dos mais carentes, da maioria autóctone, que fica sem educação, saúde, alimentação, emprego e oportunidades iguais, apenas beneficia uma restrita e exclusiva elite. Elite esta que, na suposta democracia existente, não tem de prestar contas nem sequer de justificar as suas minas de ovos de ouro.

Por outras palavras, o dinheiro dos povos que se

calam, alimenta as orgias de quem os humilha e massacra, todos os dias, semanas, meses e anos, já lá vão quarenta. E se nada se fizer, querem lá continuar por outros tantos. E foi neste caminhar que a fortuna de Isabel se consolidou em 2014, chegando, segundo uma fonte de F8, a atingir a casa dos 9.985 mil milhões de dólares.

Diferenças reais entre o regime colonialista de Salazar e do de Dos Santos, são poucas, melhor, raras, salvo a mudança de coloração epidérmica: o primeiro era branco, de Santa Comba Dão, Portugal, e o segundo é negro, diz-se que do Sambizanga, Angola. No mais as semelhanças de regimes de matriz colonial não são mera coincidência. A terra, como pertença do Estado, que o diga...

Se tivermos em linha de conta, a luta nacionalista pelo resgate da terra, empreendida pelos autóctones angolanos, que partia do pressuposto de existir colonialismo por a posse

e propriedade da terra, serem "abarbatadas" como pertença do Estado colonial, logo depois da independência, a Constituição de 2010, diz o mesmo no seu art.º 15.º (Terra):

"A terra, que constitui propriedade originária do Estado, pode ser transmitida para pessoas singulares ou colectivas, tendo em vista o seu racional e efectivo aproveitamento, nos termos da Constituição e da lei.

São reconhecidos às comunidades locais o acesso e o uso das terras, nos termos da lei.

O disposto não prejudica a possibilidade de expropriação por utilidade pública, mediante justa indemnização, nos termos da lei."

Posto isso, por mais voltas que se dê, política e economicamente, está a maioria dos angolanos, subjugada por um novo Estado colonial, que, pese a proclamação da independência em 1975, deu continuidade, neste e noutros quesitos, ao colonial

português. Tanto assim é que do ponto de vista económico e social, desde a ascensão do regime ao poder, aumentou o número de pobres, espoliados, desempregados e discriminados autóctones.

Estes povos, considerados "burros", ignorantes, fracos, sem força, continuam, na elevação do seu sentimento cristão e de perdão a ver a banda da roubalheira passar..., a economia a afundar, até um dia dizer: BASTA!

Em todo o 2014, foi assim. Contornemos 2015, para ver como será. As baionetas, principalmente, do exército privado, continuarão viradas contra o povo, enquanto a legião de gatunos institucionais faz a festa regada em champanhe milionário vindo das melhores adegas do mundo de... avião. Assim acontece com os do Presidente e do vice-presidente da República, Manuel Vicente, com refinado gosto, diz-se, por vinhos e conhaques caríssimos. E para os créditos não fi-

carem por mãos alheias, salvo o dinheiro do povo, regularmente, envia para as Repúblicas da França e Portugal, o luxuoso avião executivo Falcon-900 ou na falta o mais sofisticado Falcon X-7, da VipAir, empresa comparticipada, como não poderia deixar de ser, pela Sonangol, vinhos e conhaques milionários.

Caro leitor, para ter uma ideia, nesta virada de ano, uma garrafa de vinho Petrus 1989 Magnum, adquirida em Paris, custa 9,800 euros (cerca de 10.500 dólares). O Petrus 1990 Magnum fica por 11,300 euros (cerca de 12.100,00 dólares). Mas não é tudo, segundo a fonte de F8, pois o paladar de Manuel Vicente, com base nos dólares do povo, leva-o a só beber o Rémy Martin Louis XIII normal, que custa 2,800,00 euros, enquanto o especial ronda os 8.500,00 euros (cerca de 9.600,00 dólares).

Desde 2012, altura da tomada de posse, quantos milhões só em bebidas



JOSÉ EDUARDO DOS SANTOS

extravagantes, gastou o vice-presidente de Angola, quando a maioria do povo, nem água potável tem e os trabalhadores da EPAL, empresa de águas de Luanda, ganham mal, logo não têm estímulo, para fornecer boa água as populações?

Economicamente, Manuel Vicente, terá “trafegado” milhões e milhões de dólares para ajudar Isabel dos Santos a ser bilionária, enquanto foi presidente da Sonangol. Os restantes filhos de Dos Santos, familiares e afins, também beberam da mesma “teta de cruda”, para se converterem ao “milionarismo”. No ano que ora finda, a fortuna do vice-presidente está avaliada em 8,5 mil milhões de dólares.

Em 2014, os angolanos assistiram impávidos e serenos ao desfile daqueles que roubam e defraudam a economia nacional, com a mais ampla impunidade, por beneficiarem da bênção “superior”, de quem jurou respeitar e fazer respeitar a constituição, mas nada mais faz, senão o contrário.

Uma ONG internacional considera que será muito difícil a economia angolana sobreviver em 2015, porquanto houve um esbanjamento excessivo de dinheiro público em 2014, que promoveu o aumento

de endinheirados, mas não de empreendedores.

Assim consta que o Presidente da República terá uma fortuna pessoal, consolidada em 2014, estimada em 19 mil milhões de dólares. Muitos não acreditam, mas os cépticos e indecisos superam os primeiros

Mas o ano que finda surpreendeu o mundo econó-

mico por ser de Angola o primeiro general bilionário do mundo, Leopoldino Fragoso do Nascimento “Dino”, ex-chefe das Comunicações da Presidência de Angola e actual assessor do chefe da Casa de Segurança, terá uma fortuna a rondar os 7 mil milhões de dólares, sem nunca ter dirigido uma companhia, nem estado

numa frente de combate.

O general Manuel Vieira Dias “Kopelipa” consolidou a sua contabilidade pessoal com um montante de 5 mil milhões de dólares, tal qual o ex-ministro das Finanças, José Pedro de Moraes, com igual montante. O governador do Kuando Kubango, Higinio Carneiro, com os diamantes e o projecto turístico

do Kuvangu, tem os cifrões na casa dos 4.5 mil milhões de dólares.

O general de exército, João de Matos, ex-chefe do EMG das FAA, Orlando Veloso, PCE da Sonangol Imobiliária SONIP/Delta, que esteve ligado, recentemente, às makas da venda de casas no Kilibamba, onde para além dos filhos (todos já com casas em vários condomínios) e a maioria dos sobrinhos, são denunciados como tendo uma fortuna de 4 mil milhões de dólares.

O jurista José Leitão da Costa e Silva, ex-director do gabinete do Presidente José Eduardo dos Santos e actual PCA do grupo Gema, único “privado” a beneficiar de um empréstimo da linha de crédito da China de 500 milhões de dólares, tem uma fortuna, segundo a fonte de 3.5 mil milhões.

No mesmo calibre, um pouco abaixo, surgem outros funcionários públicos, que enriqueceram, com um toque de mágica em 2014, com fortunas de 3 mil milhões de dólares, nomeadamente, José Carlos de Castro Paiva, durante vários anos, administrador não - executivo da Sonangol, em Londres, Aguinaldo Jaime, ex-ministro das Finanças, ex-governador do Banco Nacional, ex-PCA da ANIP, António França “Nдалu”, ex-chefe do Estado Maior das FA-PLA, ex-deputado e influente membro do BP do MPLA, Kundy Paihama, governador do Huambo, Carlos Feijó, ex-ministro da Casa Civil, António Pitra Neto, ministro do Emprego e Segurança Social, Frederico Cardoso, assessor do Presidente da República, Fernando Dias dos Santos Nandó, actual presidente da Assembleia Nacional e Paulo Kasso-ma, presidente do BESA. O BESA marca, aliás, a economia angolana, sobretudo a macro-economia que é a que melhor se presta às negociatas mais tenebrosas.

Com já aqui se escreveu, de audição em audição,



ÁLVARO MADALENO DE OLIVEIRA SOBRINHO

na Assembleia da República, em Portugal, os ex-homens fortes do BES, surgem com novas revelações, que nos levam a acreditar termos andado copiosamente enganados por uma espécie de corja endinheirada, que manipulava com maestria dados financeiros, para se beneficiar, defraudando clientes e o sistema bancário de vários países. Vistos como iluminados financeiros, transitavam com a máxima impunidade e imunidade pelos corredores do poder de diferentes países.

O grupo criou ao longo do percurso a ilusão de ser uma muralha sólida de betão financeiro, mas, afinal, nada mais eram que uma espécie de “santidade” mafiosa. Especialistas na exploração da debilidade bancária de alguns países, cujos líderes precisavam de um “esgoto legal” capaz de desviar dinheiro público, para alimentar contas bancárias privadas de corruptos e corruptores, trafegaram milhões e milhões de dólares e euros, entre Portugal, Angola, Venezuela, Guiné Equatorial, etc. Em alguns destes países tinham cartabranca dos respectivos líderes, eles também, autênticos “desviadores cabriteiros” do dinheiro do erário público dos respectivos Estados.

Os angolanos cuja higiene mental ainda está preservada, ficaram estupefactos quando no dia 18 de Dezembro ouviram o ex-presidente do BES Angola (BESA), Álvaro Sobrinho, dizer, em sede do parlamento português, ser oriundo de uma família rica, razão justificativa da proveniência dos milhões e milhões de dólares acumulados nos últimos anos, que lhe permitiram adquirir, milionariamente, um conjunto de empresas, que vão da comunicação social, industrial a clubes de futebol.

Álvaro Sobrinho tem participações no capital de grupos de ‘media’, como a Newshold, o jornal i e o semanário Sol, bem como no Sporting. “Faço parte de uma família angolana com

posses. Os meus pais compraram-me uma casa em Cascais e um carro e vim para Portugal estudar”, justificou, acrescentando: “Eu tenho os investimentos que eu tenho, mas não é o âmbito desta comissão. Quando esta comissão colocar estas perguntas a todas as pessoas que aqui vêm, que até podem ter mais do que eu, poderei responder”. Esquisita justificativa, pois se iniciou deveria fundamentar, para não deixar suspeições, porquanto os anos de trabalho não seriam bastantes para aquisição do seu actual património.

“Entre 2002 a 2012 trabalhei como presidente da Comissão Executiva do BESA e vice-presidente do Conselho de Administração do BESA. Saí da ESAF em finais de 2001 para começar com a operação [do BESA] que começou em 2002”, disse Álvaro Sobrinho.

A sua família, na realidade tinha pequenos negócios de sobrevivência, como a maioria dos autóctones angolanos, cuja receita mensal e anual, não dá para comprar a pronto um apartamento em Aveiras de Cima, na grande Lisboa. Nunca teve uma fábrica industrial, uma mina de diamantes, um poço de petróleo, uma empresa de camionagem, uma cadeia hoteleira, nada salvo o mais visível ser uma discoteca.

A actual ostentação de riqueza deriva do “cabritismo” bancário inspirado na lógica do regime de “roubar ser um dever revolucionário”, daí ser uma política institucional, com base nestes “cabos de

guerra” bancários, transformar os dirigentes do regime em milionários, como base em ordens superiores.

Em função das facilidades com que era orientado para “transitar” milhões de dólares, muitas vezes, diz-se, com chancela presidencial, para contas particulares de servidores públicos, incluindo militares gerais, nada obstava a que pudesse utilizar a máxima de “ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão”.

Não é por mero acaso e isso, não disse por ser, na sua opinião, segredo bancário, que dois dos potenciais sócios do BESA, serem Manuel Hélder Vieira Dias Júnior Kopekpa e Leopoldino Fragoso do Nascimento, respectivamente chefe da Casa de Segurança do Presidente da República e assessor do chefe da Casa de Segurança, os generais no activo mais ricos do mundo, sem nunca terem inventado uma bala ou arma. Como morre de inveja o russo Kalashnikov, inventor da arma mais famosa do mundo a AKM.

No entanto, de uma coisa ficou a saber-se, pela voz de Sobrinho, “mais de três mil milhões de euros de crédito concedido pelo BES ao BESA, que não foram reembolsados, nunca saíram de Portugal”. Boa! Mas uma fonte bancária diz ter o dinheiro sido transferido para contas internacionais de alguns altos mandatários angolanos e alguns gestores do BES e BESA, com aval do Banco Nacional de Angola.

Daí que dizer isso, diante

da Comissão Parlamentar de inquérito ao caso BES/GES, é muito pouco, quando é quase nada, afirmar, “dizer que este dinheiro saiu para financiar o BESA não é verdade”, porque “o dinheiro ficou no BES Portugal”. Pois ficou. Mas isso não é o mais importante. Importante é saber porque nunca denunciou e, mais grave, como foram feitas as aquisições das suas empresas em Portugal.

Foram através de transferências bancárias internacionais de Angola e registadas justificadamente no Banco de Portugal?

Não! Sobre isso o mutismo, ou a ladainha de “todas as operações com moeda estrangeira eram feitas, sempre, pelo BES”, pelo que os montantes em falta “nunca saíram do BES para o BESA”.

E aqui chegados, fez um aparte para desancar em Ricardo Salgado, que havia detonado, também, em sede parlamentar o facto. “É no mínimo deselegante esta insinuação, pois a minha cunhada sempre esteve na área comercial e nunca mudou de área”, assegurou Sobrinho.

“As propostas, como em todos os bancos, eram feitas de maneira a que quando fosse tomada uma decisão, a gestão de risco do banco já tinha parecer, pelo que fica para a Comissão Executiva e o Conselho de Administração do BESA a sua aprovação”. E como ninguém perguntou quem eram os beneficiários e as garantias fornecidas, Álvaro Sobrinho escusou-se em dizer tratem-se de dirigentes, exclusivamente, dirigentes do partido no

poder em Angola.

“A linha do BES ao BESA é uma grande questão para toda a gente. Esta linha foi feita, se não me engano, em 2008. Iniciou-se com 1,5 mil milhões de dólares e tinha como finalidade a tomada firme, a subscrição, de um fundo de desenvolvimento do Estado angolano”, aqui o Estado confunde-se com o regime partidocrata, pois durante muitos anos o BESA foi um banco de cariz político, com uma carteira de activos de influência política secreta. Tanto que não fazia parte da sua lógica a proliferação de balcões.

Sobre este aspecto, Álvaro Sobrinho reservou-se ao silêncio, preferindo atirar mais uma laracha: “parte deste dinheiro foi usado para comprar obrigações do Estado, com uma maturidade de 10 anos. Em relação ao resto do dinheiro... o BESA pagou 700 milhões de dólares de juros por esta operação nos últimos três anos”.

Escusando-se igualmente a esclarecer, como foi possível ser accionista do Banco Valor, cuja tramitação ocorreu ainda estava em funções no BESA, bem como se o valor anual dos seus salários superava os dois milhões de euros. “Não lhe vou responder a essa pergunta do foro pessoal”, respondeu Sobrinho à deputada Mariana Mortágua que não percebeu como um homem que foi gestor de banco, por melhor que fosse remunerado, tinha conseguido acumular uma fortuna pessoal como a que ele tem.

Tráfico de influência, roubo ou corrupção? Verdade ou mentira, tudo incrimina, neste momento o ex-homem forte do BESA, que nada falou, sobre as motivações que levaram, face ao rombo do BESA, a garantia do Presidente da República, José Eduardo dos Santos, de cerca de 4,5 mil milhões de dólares, talvez face ao “descaminho consciente” de empréstimos superiores a 5,7 mil milhões de dólares, mas sabe-se quem foram os beneficiários e a sua localização.



JES DÁ EXEMPLO

MONARQUIA A SÉRIO HÁ APENAS UMA ANGOLA DÁ EXEMPLO DE INDEPENDÊNCIA JUDICIAL

Os angolanos renovarão por mais 35 anos a sua inabalável confiança no Presidente da República, José Eduardo dos Santos, pelo seu invulgar exemplo de líder impoluto, comprometido em combater e acabar com a corrupção no regime em que é Titular do Poder Executivo.

Assim, uma fonte não abalizada, quiçá sonhadora, diz estar em estado avançado a instrução de um processo crime, pelo DNIAP, contra a senhora dona Marta dos Santos, depois de ter saído a público ser ela uma das maiores devedoras do Banco BESA e ainda detentora de uma riqueza que não consegue explicar.

A acusação do procurador/instrutor fala de uso abusivo de tráfico de influência, fuga ao fisco, enriquecimento ilícito e outras irregularidades.

Entretanto, a sua defesa fala em discriminação processual, contrariada pela Constituição, por colidir com o art.º 23.º (Princípio de Igualdade) “1-Todos são iguais perante a Constituição e a lei”.

É com base neste articulado que os advogados de Marta dizem, que a ser julgada, outros terão de seguir-lhe as pegadas, pois não é a única, nem foi a primeira na prática da engenharia da corrupção. “Até mesmo o procurador

que está a dirigir o processo tem uma fortuna, que não consegue justificar, pois o seu salário, não daria para ele ostentar tanta riqueza e ser sócio em várias sociedades. Só por aqui, poderemos ver que a podridão está espalhada e a minha cliente se abrir a boca, o regime poderá desmoronar. Não sobrará ninguém”, alertou.

Assim, resta esperar se haverá força, em 2015, que faltou em 2014, para o alegado processo judicial andar ou morrerá na praia, sendo a condição inicial de arguida alterada para declarante.

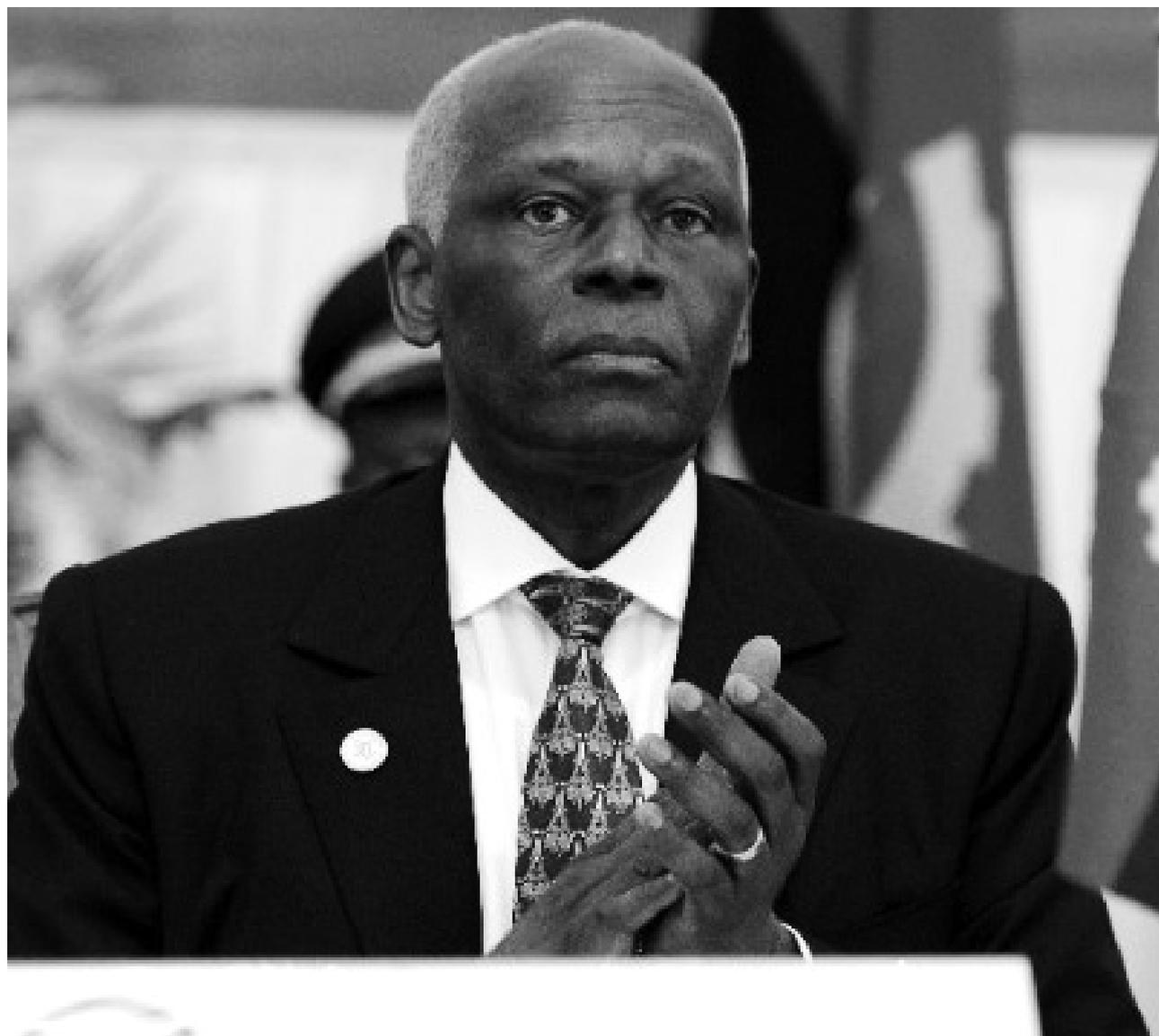
“Tudo indica que ela será declarante no processo contra o jornalista do F8, por ter descoberto mais uma torneira de enrique-

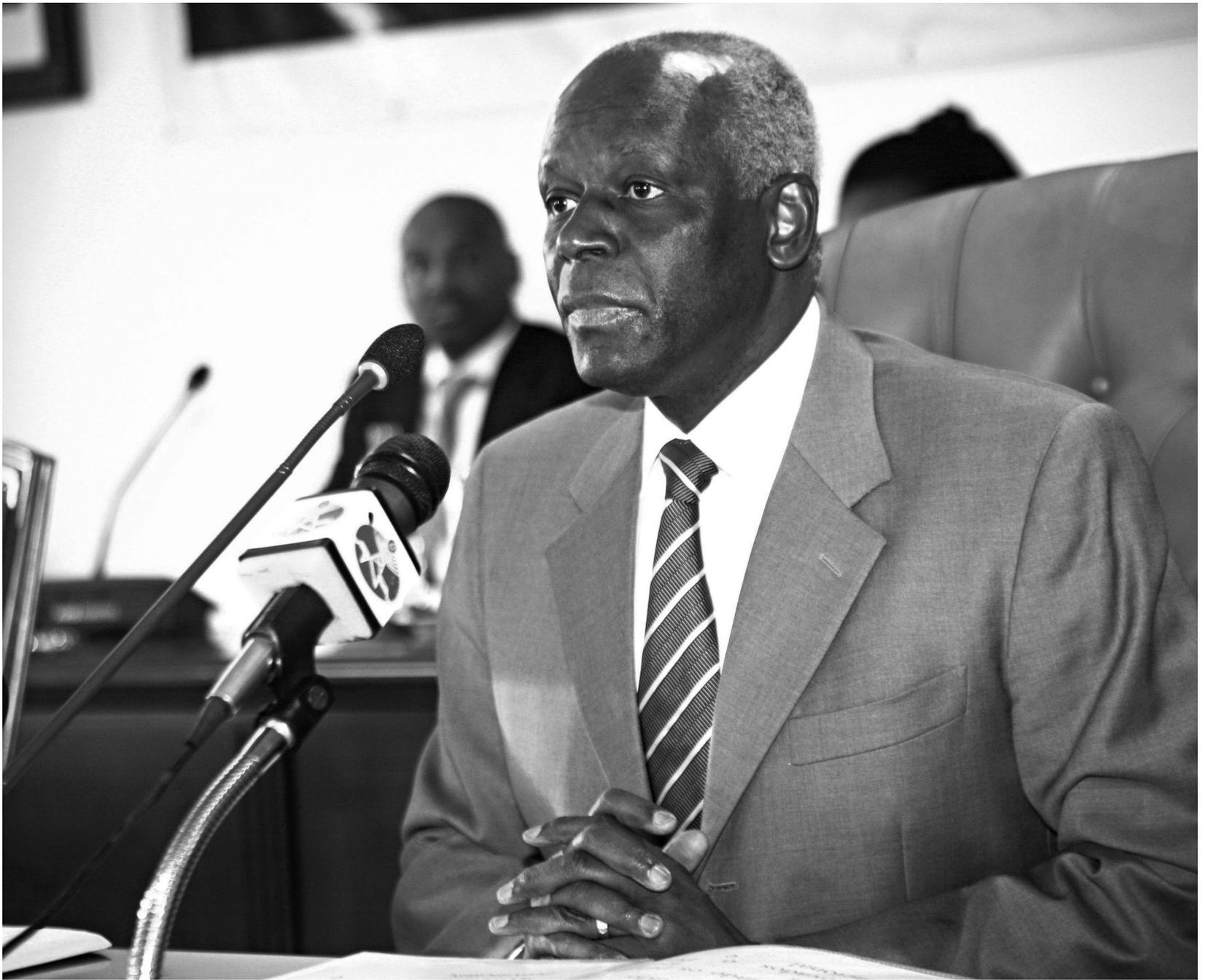
cimento ilícito”, disse fonte da DNIAP.

Entretanto, noutra latitude, mais concretamente, num país subdesenvolvido (será?), a irmã do rei de Espanha, a infanta Cristina, vai ser julgada por um tribunal de Palma de Maiorca por cumplicidade nos crimes fiscais cometidos pelo seu marido, Iñaki Urdangarin. Se a

monarquia espanhola se guisse o exemplo da sua congénere angolana nada disso aconteceria.

O juiz José Castro decidiu incluir a infanta Cristina entre os acusados de fraude fiscal no auto de abertura do julgamento, que foi ditado no dia 22.12.14. Contra os argumentos da defesa da irmã do rei, da autoridade tributária es-





panhola e do procurador público, José Castro considerou que a acusação que dirige está legitimada para julgar isoladamente a infanta Cristina, que arrisca assim uma pena até oito anos de prisão. O juiz de instrução do processo, que fixou para a infanta uma caução de 2,6 milhões de euros, deixou fora da lista dos 20 acusados o vice-presidente da Câmara de Valência, Alfonso Grau, e os ex-dirigentes da iniciativa Madrid 2016, Miguel de la Villa e Gerardo Corral. O procurador anticorrupção espanhol, Pedro Horrach, pediu 19 anos e seis meses de prisão para Iñaki Urdangarin, cunhado do rei de Espanha Felipe VI, no âmbito do caso Nóos. Horrach exigiu ainda o pagamento de

3,5 milhões de euros pelo desvio de fundos públicos em vários alegados delitos de corrupção, fraude fiscal e branqueamento de capitais. No documento oficial, de 576 páginas, que entregou ao juiz José Castro, o procurador solicitou que sejam julgadas, no caso Nóos, 14 pessoas. Em Espanha, tal como no Brasil e também, agora, em Portugal, acontecem coisas estranhas que – como diria o MPLA – põem em causa as regras da democracia e de um Estado de Direito. Vejamos. Alguém acreditaria que no reino do nosso “querido líder”, paradigma dos direitos humanos, das liberdades, da democracia, seria possível pender uma irmã do Rei, fossem quais fossem

as acusações? Mais do que ter, como acontece por cá, uma Lei da Probidade Pública, Portugal, Espanha e Brasil (entre outros) deveriam – como acontece por cá – praticá-la. Dessa forma evitariam passar pelo vexame de ver um seu ex-primeiro-ministro, José Sócrates, ficar em prisão preventiva, ser acusada a irmã do Rei ou políticos por envolvimento na corrupção da Petrobras. Como diz o nosso “escolhido de Deus”, essa lei constitui mais um passo para a boa governação, tendo em conta o reforço dos mecanismos de combate à cultura da corrupção. Ora tomem! Tivesse Portugal, ou o Brasil, o mesmo presidente da República há 35 anos, sem nunca ter sido

nominalmente eleito, e o mesmo partido no poder desde 1974, e nada disto aconteceria. Essa é que é essa. Não admira, por isso, que pelo menos meio mundo sinta inveja da nossa monarquia. Ninguém ainda percebeu que a raposa está dentro do galinheiro apenas para melhor defender a integridade das galinhas. Quando será que a Europa e, já agora, o Brasil adoptam e praticam uma lei que “define os deveres e a responsabilidade e obrigações dos servidores públicos na sua actividade quotidiana de forma a assegurar-se a moralidade, a imparcialidade e a honestidade administrativa”? E de tal forma é assim que que nem os juizes se atrevem a pecar em pen-

samento, muito menos mandar prender um familiar do Rei, um ex-primeiro-ministro, ou até um qualquer secretário provincial do... MPLA. O mundo deve igualmente pôr os olhos cá na banda para saber que, de uma vez por todas, o poder judicial não pode ser independente, que o Presidente da República deve escolher o Vice-Presidente, todos os juizes do Tribunal Constitucional, todos os juizes do Supremo Tribunal, todos os juizes do Tribunal de Contas, o Procurador-Geral da Republica, o Chefe de Estado Maior das Forças Armadas e os Chefes do Estado Maior dos diversos ramos. Se assim fosse a corrupção teria os dias contados...

A POLÍTICA À MODA DE CÁ GOVERNO SOBE COMBUSTÍVEIS PENALIZANDO O POVO E BENEFICIANDO OS RICOS

Este “bizne” de ir buscar ao povo dinheiro para compensar a perda de dinheiro ocasionada pela catastrófica queda do preço do crude no mercado internacional tem muito que se lhe diga, isto sem esquecer a habitual “esperteza saloia” de baixíssimo nível caracterizada pela mania de anunciar tomada de decisões polémicas em tempo de festa para o povo. Façamos um retorno ao passado para entender o que se está a passar.

No ano de 2010, o preço dos combustíveis em Angola sofreu um aumento considerável, com o da gasolina a subir para 60 kwanzas o litro, contra os 40 Kwanzas anteriores, e do gasóleo a atingir os 40 kwanzas o litro, contra os 29 kwanzas praticados antes.

Nessa alturas, o especialista em assuntos do mercado petrolífero, John Alberg, disse à Voz da América que as rendas a partir de recursos naturais, sobretudo de recursos não-renováveis, constituem ganhos inesperados para uma economia, ou simplesmente presentes cambiais para actores como empresas petrolíferas, fazendo lembrar que, “Já dizíamos anteriormente que a subida dos preços dos combustíveis (neste caso em Angola) iria penalizar o sector agrícola, iria penalizar o próprio empresário, iria promover o desemprego, proporcionaria o recrudescer do nível de delinquência com graves consequência para a estabi-

lidade do próprio país”. Para John Alberg, Angola não está destinada a ser amaldiçoada por suas dotações de petróleo, mas advertiu, “Enquanto estivermos num país onde o autoritarismo faz lei, naturalmente nunca podemos contribuir para o progresso”.

Este aumento de 2010, do preço não só da gasolina, mas dos derivados da produção petrolífera, constituía, salvo erro, o terceiro depois de ter sido instaurado em 1992, mas só no papel, um novo regime político em Angola, dito de mercado, de direito, multipartidário e democrático, coisa que nunca foi conseguida (tirando o multipartidarismo legalizado a contragosto).

De facto, se fizermos uma incursão ao que se passava em Angola antes deste aqui referido colapso político de 1992, verificamos que os derivados do petróleo eram praticamente gratuitos. Em 1993 e até finais de 1994 pelo menos, atestar um depósito de viatura, mesmo de camião ou de jipão custava mais ou menos o preço que se dava por uma...uma caixa de fósforos, quer dizer o correspondente a 5 kwanzas actuais.

Nós sabemos que isto é incrível para as pessoas que não conheceram esses tempos, mas acreditem, é puríssima verdade.

Ora muito bem, nesta abordagem, podemos pois ir mais além e defender a ideia de que o regime de partido único subsidiava por assim dizer completamente os custos de produção e de distribuição de derivados do petróleo à população.

Em finais da década de 1990 foi feito um primeiro ajuste ao preço da gasolina, a 10 kwanzas, depois a 20, até chegarmos ao preço aqui referido de 60 kwanzas em 2010. Só nessa altura é que foi, enfim, avançado como argumento a questão de suprimir os subsídios pagos pelo Estado para poder vender produtos derivados do petróleo a preços tão baixo. Não nos esqueçamos de que os aumentos partem de praticamente zero para chegar hoje aos 90 kwanzas.

Pessoas ligadas ao poder e outros arautos encomendados e pagos pelo mesmo, defendem que o preço do combustível subiu porque era uma necessidade premente com vista a racionar gastos da parte do Estado. Uma factura que subsidiava os derivados do petróleo na ordem dos 38 a 40, quiçá 50 milhões de USD por ano. Ora essa ideia de ser insustentável a continuidade do subsídio é, ela sim, completamente insustentável.

Como referiu Domingos da Cruz num dos seus escritos, « Não há nenhuma absurdi- dade com o subsídio anual aos combustíveis se olharmos para o índice de miséria da maior parte da população e o uso de tal combustível para manter geradores a funcionar em casa (...)Dizer que o governo angolano gasta 50 milhões de dólares em subsídio com combustíveis e é um perigo para as contas públicas é uma falácia económica».

Isso é verdade porque não estamos num país rico, onde os subsídios, não aqueles que são destinados aos derivados do petróleo mas ao



AUMENTOS QUE PODEM LEVAR AO FIM DESTA REGIME

desemprego, podem atingir, em alguns deles, centenas de milhões de dólares por ano. Só para dar um exemplo, o Canadá gasta mais de cem milhões de dólares por ano com os emigrantes em subsídios de Saúde, transporte, alojamento e mesmo simples bem-estar, o que é digno de admiração, face aos 38, 40 ou, quiçá, 50 milhões de dólares doados ao petróleo para ajudar «os angolanos que vivem como cães e ratazanas (DC)».

O problema fundamental ligado a esta maka dos subsídios doados aos petróleos e subsequentes aumentos do preço dos seus derivados, reside no facto de os combustíveis serem produtos com valor agregado, ou seja, o seu preço tem repercussão noutros bens



e serviços. Como disse Da Cruz, «Se o preço da maçã sobe, não tem implicação noutros produtos, (...) mas a subida do preço da gasolina e do gásóleo altera o preço dos transportes, do

pão, do frete para qualquer tipo de mercadoria que tem inevitavelmente. A verdade é que temos como prenda do Executivo custos de vida dos mais caros do mundo, mas o povo sobrevive com

menos de 2 dólares/dia, ora um governo e os cidadãos comprometidos com a justiça social não podem permitir que o que aconteceu se mantenha».

Dá para reflectir...

A verdade é que em Angola quase nada é feito para o benefício genuíno deste povo que ainda não é cidadão e tem mero estatuto de “preservativo eleitoral”, como sugeriu Domingos da Cruz. A verdade é que há cada vez mais dinheiro nos cofres do Estado porque tem fontes diversificadas de receitas. E sendo isso uma realidade insofismável, o subsídio aos petróleos pode e deve ser mantido, uma vez que na época em que só dependíamos do petróleo, o Estado, por intermédio do partido único, teve capacidade para

manter na sua quase totalidade tais custos nas contas públicas. Que não venham pois dizer que esta treta de aumentos é uma necessidade imperativa. É mentira!

Tudo isto é uma finta que foi feita ao povo enquanto este se deliciava com as alegrias das Festas de Fim de Ano; tudo isto é uma maneira ardilosa de remediar às perdas causadas pela queda do preço do crude no mercado mundial; tudo isto é provavelmente um “input” selvagem, que não vai figurar em nenhum artigo do OGE; tudo isto é dinheiro que só Deus sabe para onde irá, e se for para bem do povo só será para engrandecer a glória do nosso novo guia, mas desta vez, infelizmente para uma pouco, felizmente para a maioria, “Guia Mortal”

COMENTÁRIOS A GRANEL PESCADOS NO FACEBOOK

D - Já aguentamos coisas mais malaiques, no tempo em que a salvação era “bazar” para as tugas na pedreira;

- maior investidor do executivo angolano é o povo, por quê, quando o Estado quer suprir o seu défice orçamental decorrente do ano fiscal, recorre sempre ao povo. isso assim não funciona;

- Aposenta os dois mambos, o carro substitui por uma bicicleta e o gerador por um MUIMUICÓ que é aquele feixe de capim que usávamos para iluminar as cubatas lá no kimbo;

- Estou desconfiar que estamos caminho do primitivismo kkkkkkkk;

- Afinal não haverá punição pra quem aumentar os preços na quadra festiva, não é? Quero ver a Polícia Económica prender quem mandou aumentar os preços;

- O nosso País não consegue distribuir energia eléctrica que permita às pessoas viverem com menos gastos e as empresas a produzirem

com menos custos de produção. -

- Os preços dos táxis colectivos tenderão a subir. As famílias não têm condições de suportar a subida dos preços das viagens dos transportes privados. Estou triste e preocupado;

cada um estabelece o seu preço. Então aqui na Mabor, podes até encontrar o litro à 30 Kwanzas mas aquilo tem 1/3 de gasolina; 1/3 de JET I; 1/3 de óleo maná. Já disse quem não aguentar comprar na PUMANGOL OU NA SONANGOLA vem ao Imbondeiro que se desfará do carro em uma semana; esta medida só veio para apertar a vida dos cidadãos comuns, pois nenhum general compra combustível, os ministros idem, os deputados não sei se compram, mas acho que são outras sanguessugas! Estes mesmo que aqui citei nem taxa de circulação pagam, têm toda a vida facilitada, de borla, mas os coitados cidadãos? Estes sim vão sentir o peso da balança;

As subvenções irão ajudar ao Estado arrecadar mais

dinheiro e este dinheiro ser canalizado para outros projectos, por acaso quando estávamos noutro tempo não o fizeram porquê? Agora que a fonte se tornou madrastra é que irão conseguir velar todas as condições para este povo? Tenho dúvidas quanto a isto;

o general nem comida compra, tem tudo até o carro de borla, verdade ou mentira? Os ministros, e outros, idem. Só estou a indicar alguns pois a lista é grande, mas o cidadão comum é quem paga tudo;

que retirem as subvenções pois estas apenas beneficiavam algumas figuras;

que tais medidas sejam sentidas por todos e não apenas pelo zé povão! o Estado subvenciona os combustíveis pois a transportação não é fácil, mas quem é o maior beneficiário disto? Não são empresas transportadoras dos próprios combustíveis? Não são os detentores de bombas de combustíveis? Não têm sido os próprios funcionários seniores da Sonangol? Sem mencionar os outros? Por acaso eu

entendo muito bem como é feito este tal negócio dos combustíveis e o que se ganha e se perde com ele. Quem perde é o povo unicamente! A Sonangol constrói as bombas com fundos próprios, depois as entrega a alguém para explorar a custo zero. A transportação do combustível é pago pela Sonangol, o dono da bomba vai vender os combustíveis e retira o seu lucro enviando o valor de compra à Sonangol! De quem são as empresas de transportação de combustíveis? De quem são as bombas de combustíveis “Exploração? os donos das empresas são os mesmos que estão no poleiro! A maior parte das empresas de transportação de combustíveis os donos são os mesmos que detêm cargos na dita cuja petrolífera nacional...!!!;

Eu só acho que a “prenda” não deveria ser no natal mas não reprovoo o aumento;

como é possível nos países europeus o combustível baixa e nós como produtores ele aumenta aqui;

eraquase gratuito; mas quase gratuito como kota?... Por acaso querem comparar com os USA? Faça uma comparação do modus vivendi de um americano e um angolano? Qual é o salário mínimo nos USA? Transportes públicos nos USA comparam-se com os daqui? É utópico pensarmos assim. Esta medida da subida dos combustíveis, vem de alguma melhorar o estilo de vida dos angolanos? Num país que já tem a cidade mais cara do mundo como capital; estamos num país onde a economia é gerida por geradores; Que seja usado o Fundo Soberano...!!! Será que trará alguma solução?...

“NÃO SEREMOS NADA ENQUANTO GOVERNARMOS O PAÍS COMO UM QUINTAL, E DIRIGIRMOS A ECONOMIA COMO SE FOSSE UM BAZAR”

(MIA COUTO-ESCRITOR MOÇAMBICANO).

CAZENGA EM (DES)BALANÇO

ADMINISTRADOR NARCISO MENTE
SOBRE OBRAS E REALIZAÇÕES

O membro do comité provincial de Luanda do MPLA e administrador municipal

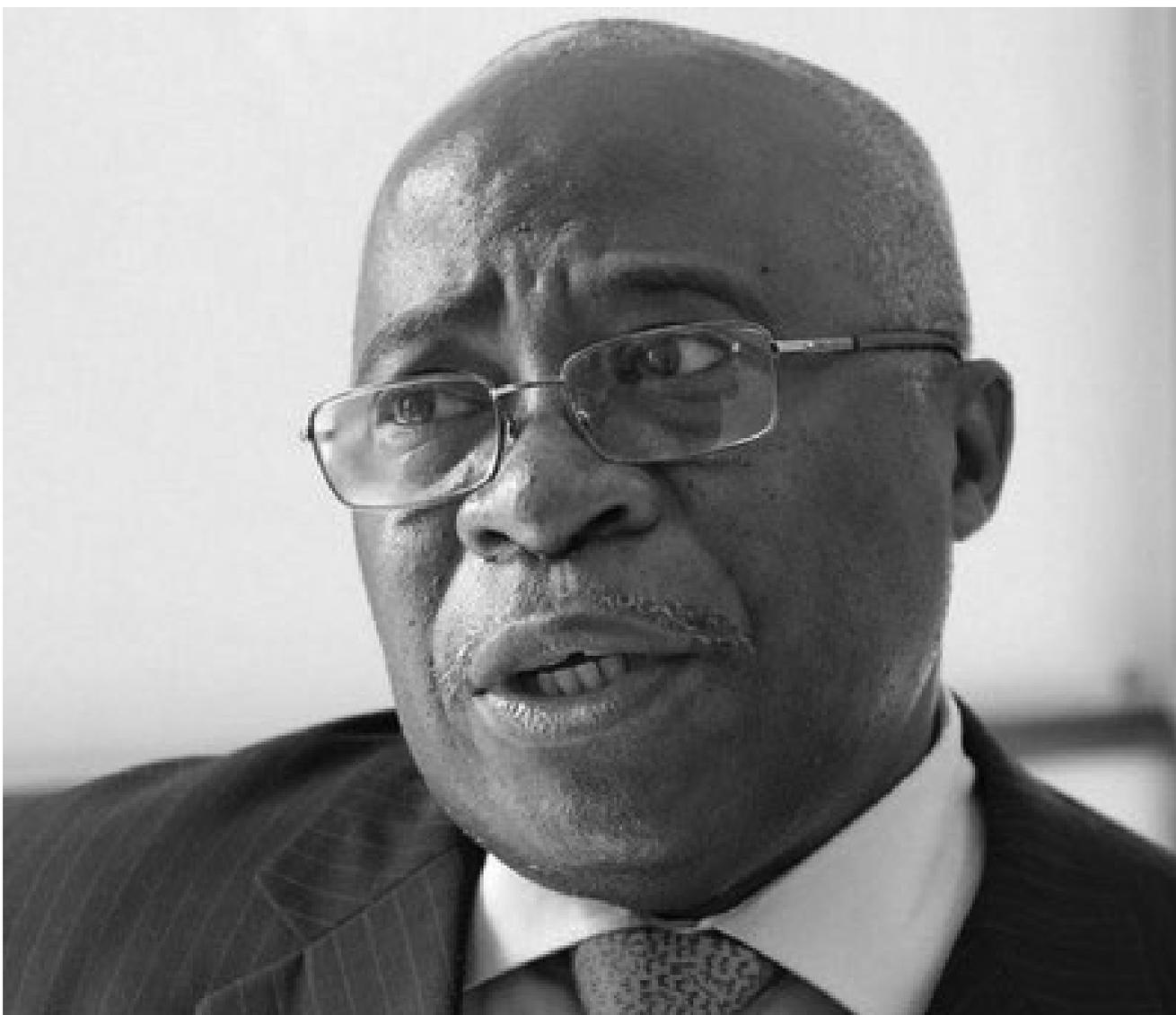
do Cazenga, província de Luanda, Victor Nataniel Narciso, coincidentemente, marido da governadora da província da Lunda Sul, diz que a meta da sua administração para 2015 é a criação de mais creches comunitárias e centros de acolhimento para crianças desprotegidas. Confirma-se. Há crianças desprotegidas no reino.

Na mensagem dirigida às crianças, Victor Nataniel Narciso disse que esta iniciativa está definida como prioridade social para beneficiar as crianças na municipalidade, acrescentando que o objectivo é trabalhar na resolução dos problemas que afligem a população, principalmente as crianças nos variados domínios.

Nada de mais falacioso, ou o Cazenga de que fala o administrador é fictício? Está a esquecer-se o que se passa na vala da 10.ª Esquadra, uma autêntica fábrica de mosquitos, na zona da Combal, na Lixeira, na Frescangol, no Cazenga real, onde sem chuva, as lagoas e poças de água putrefactas são uma constante.

Victor Nataniel Narciso parece estar no país das maravilhas, mas no caso, maravilhas maldosas, enganosas, macabras, pois o Cazenga precisa mais de saneamento do que de creches, precisa mais de escolas, de centros médicos, de limpeza dos enormes monturos de lixo, mesmo na zona do Tanque de água e 5.ª Avenida.

O Cazenga precisa de regu-



lação de Trânsito, mesmo nas vias de entrada; linha férrea, Frescangol e Cuca.

O Cazenga não precisa que o seu administrador fale mais de política partidária do que social. É preciso resolver a questão do saneamento básico e da água nas residências dos cidadãos, pois a tentativa de levar água através dos chineses foi um descalabro, pois estes levaram primeiro os contadores e depois é que estão a colocar os tubos. Não tem funcionado, pois falta outra empresa chinesa para colocar água nos tubos

e enquanto isso lá vai o governo central e municipal, inaugurando fontanários em pompa e circunstância, em pleno século XXI.

Tany Narciso deveria falar dos problemas causados com as enxurradas em que as casas depois da linha férrea inundaram, pois a estrada foi feita em cota superior ao nível das casas, como resultado elas são hoje uma autêntica banheira pois o desnível é de cerca de 40 a 50 cm do asfalto na rua. Uma vergonhosa obra de engenharia, que serviu para enriquecer mais uns pou-

cos.

Por esta razão, quando este administrador mente, ao afirmar que em 2014, a grande aposta foi no sector da educação e saúde, porque foram construídas várias escolas, reparadas, ampliadas e apetrechadas outras para dar melhores condições e dignidade as crianças, esqueceu-se de dizer, quantas tinham condições materiais e recursos humanos e porque razão, não aceitou que nenhum seu familiar, estivesse numa dessas escolas ou ele, como administrador, quando ficou acometido de

paludismo, não foi tratar-se primeiro num dos centros de saúde que ajudou a inaugurar?

No domínio da saúde, segundo o administrador, foram criadas condições nas maternidades e salas de parto para melhor acomodar as parturientes e vacinar as crianças.

Disse também terem conseguido ultrapassar determinadas situações de epidemias, por isso, não foram registados casos de pólio, cólera e houve redução da malária e mortes em mulheres grávidas e crianças.



Mentira, pois até a estatística do Ministério da Saúde contrariam esses dados, uma vez ter sido o Cazenga um dos bairros onde a malária e a cólera aumentaram vertiginosamente, pela quase ausência de saneamento básico.

Assim, com a bênção do “querido líder”, o executivo aldraba que trabalha para cada vez mais melhorar as condições do saneamento básico, energia eléctrica, água potável, livre circulação de pessoas e bens, saúde, educação e habitabilidade condigna para todos, mas tudo na ficção, porque na vida real o que melhora e mais cresce é a corrupção e ropubalheira do erário público.

Tudo isto numa altura em que o tráfico de crianças continua a crescer e já representa um terço dos casos de tráfico de pessoas no mundo, segundo o relatório 2014 do departamento das Nações Unidas contra a Droga e o Crime (UNODC). E por falar em droga, esqueceu-se o administrador de falar que o Cazenga é um dos maiores viveiros e centros da comercialização

e consumo de droga, que arrasta centenas de meninos, cujos pais andam na rua do desemprego, uma vez, 90% das indústrias locais terem falido e encerrado as portas, sem indemnizarem sequer os trabalhadores. Tudo isso

faz ainda do Cazenga um dos maiores pólos de delinquência juvenil e assaltos de toda ordem, com os homicídios a atingirem índices de 2 mortos dia. Sobre esta realidade, o administrador distribuiu pior.

Em África e no Médio Oriente, as crianças representam a maioria das vítimas de tráfico de pessoas e em países como Índia, Egito, Angola ou Peru podem alcançar 60% do total de casos, indica o UNODC neste

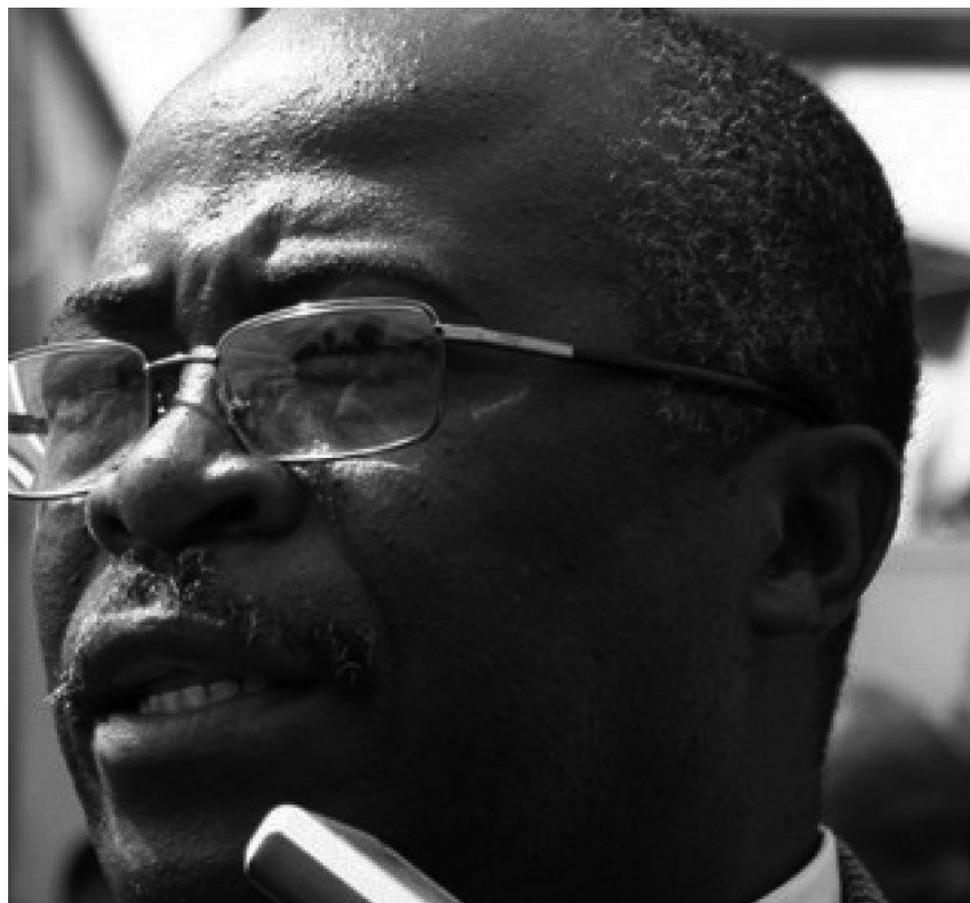
relatório publicado de dois em dois anos.

O UNODC lembra que entre 2003 e 2006 as crianças e os adolescentes só representavam 20% dos casos de tráfico conhecidos. No mundo, 70% das vítimas de tráfico de pessoas são mulheres, contra 84% há dez anos.

Embora a principal finalidade do tráfico de seres humanos continue sendo a exploração sexual (53% dos casos), o tráfico para trabalho forçado aumentou a 40%, contra 32% em 2007, segundo a UNODC.

O relatório também expressa a sua preocupação por alguns tipos de tráfico de pessoas, como o que obriga as crianças a combater, ou a participar em pequenos crimes ou na mendicância forçada.

No entanto o documento, baseado em dados fornecidos por 128 países, só permite ver a “parte visível do iceberg”, indica a ONU, que lamenta que em muitas regiões do mundo o tráfico de seres humanos continue a ser “uma actividade pouco arriscada e muito lucrativa para os criminosos”.



CASOS OBSCUROS DE MAIO

RAUL CASTRO, OS EUA E O MASSACRE DE 27 DE MAIO 1977 EM ANGOLA

No meu artigo, “O massacre de 27 de Maio 1977 em Angola: um presságio sombrio para a África do Sul” (27 de agosto de 2014), eu fiz a pergunta: “Quando é que um massacre não é um massacre?”

A minha resposta foi: “Quando um relato verdadeiro é suprimido por quase 40 anos, como o caso do massacre dos Nitistas e de gente pobre da periferia de Luanda, em Angola, em 27 de Maio de 1977, em que terão morrido cerca de 25.000 pessoas urbanas - principalmente, porque incluía moradores negros de bairros pobres - cujos relatos afirmam ter havido assassinatos em massa praticados pelo MPLA, assistido por forças militares e de segurança cubanas”.

Não consigo pensar noutra resposta: “quando o massacre foi realizado em grande parte por forças cubanas, sob as ordens de Raul Castro, actual presidente de Cuba, então ministro das Forças Armadas e irmão de El Comandante Fidel”.

Raul Castro tem um caso para responder ao povo de Angola, um caso de assassinato em massa, como fez o governo de Angola/ MPLA - ainda uma ditadura de partido único que carrega a responsabilidade primária pelo massacre - e o seu presidente, José Eduardo



dos Santos, que tem estado no poder há ... 35 anos. (A filha do presidente, Isabel, é considerado pela Forbes magazine como “a mulher mais rica da África” e a “primeira mulher bilionária de África”). O general Rafael Moracen Limonta recebeu ordens de Raul Castro, em meados da década de 1970 para comandar uma unidade especial das tropas de elite de Cuba em Angola para garantir a segurança do então presidente do país, Agostinho Neto. Muito mais tarde Moracen disse a um entrevistador que Raul Castro encarregou-lhe que “deveria estar em alerta, porque a qualquer momento poderia haver uma tentativa de golpe de Estado.”

Ele acrescentou: “e, na

verdade, as coisas realmente saíram como o general do exército, Raul Castro, havia previsto.”

Estas reminiscências do general Moracen aparecem no estudo de Lara Pawson, Em Nome do Povo: Esqueceu-se do Massacre de Angola (IB Tauris, London, 2014), o único livro em quase 40 anos para fazer a pesquisa honesta sobre o massacre de milhares de, principalmente, membros negros e simpatizantes do MPLA que eram críticos das políticas do governo Neto. (P.241)

Um surpreendente e muito relevante documento está disponível online, em separado, o que acarreta o relatório de Raul Castro para o seu irmão, Fidel, o chefe de governo, escrito e datado de 14 de Junho

de 1977, menos de três semanas após o massacre.

Escrito em espanhol, o documento digitalizado é publicado no site do Programa de História e Políticas Públicas do Centro Internacional Woodrow Wilson para Acadêmicos, em Washington DC. Ela vem do Bureau Secreto do 2º Secretário do Partido Comunista de Cuba, e foi assegurado por concurso público por Piero Gleijeses, professor de política externa americana na Escola de Estudos Internacionais Avançados da Universidade John Hopkins.

Gleijeses teve acesso extraordinário aos arquivos do Partido Comunista de Cuba, e é um expoente entusiasta de sua história. Ele dá uma tradução em Inglês de parte do documento no seu livro, publicado no final do ano passado, Visions of Freedom: Havana, Washington, Pretoria, ea luta para a África Austral, 1975-1991 (University of North Carolina Press, 2013).

Professor Gleijeses relata que Raul Castro chegou a Angola a partir de Cuba uma semana depois do massacre, que Gleijeses descreve - na frase comum do regime do MPLA e de quase todos os relatos históricos posteriores - como um “golpe fracassado”. Castro escreve: “a partir do momento em que chegamos em Luanda, fomos informados do estado de espírito de hostilidade para com funcionários soviéticos, diplomatas e oficiais de segurança em Luanda entre

os principais líderes do MPLA. Nós já sabíamos sobre a conversa de Risquet com Neto, em que este último tinha recordado com alguma amargura que “os soviéticos estavam errados sobre nós várias vezes, ao mesmo tempo... eles recusaram-nos qualquer ajuda ‘...’

“Mesmo antes do golpe, a liderança angolana tinha se esforçado para negar a acusação dos Nitistas que essa liderança era anti-soviética Ao mesmo tempo, a nossa missão militar tornou-se ciente de que os intérpretes militares soviéticos haviam manifestado abertamente apoio a Nito [Alves] e Bakalov [a plotter líder]. Eu dei instruções para investigar se os mesmos estavam isolados, se eram pontos de vista pessoais ou se refletiu uma opinião comum entre os militares soviéticos em Luanda. “Como está claramente indicado em outro relatório..., enquanto as nuances podem variar, a avaliação comum era que Nito, Bakaloff e os outros conspiradores ‘são amigos da União Soviética.’

“Alguns dos Sovietes são activamente partidários, outros dizem que eles são neutros. Há também o caso do coronel Grishin... que escondeu um dos rebeldes no seu carro e ajudou a escapar. Conhecendo os soviéticos e, sobretudo, os seus militares, é claro que o comportamento e atitudes como esta, mesmo se eles são espontâneas e refletem as opiniões pessoais de um indivíduo, deve



ser explicada, em última análise, pelo facto de que essas pessoas sabem que as suas opiniões são consistentes com os de seus superiores. “ (Gleijeses, pp.75-76)

Ao mesmo tempo, a única atenção para o massacre, fornecida pelo professor Gleijeses na sua investigação - num livro de mais de 600 páginas - são as três seguintes frases:

“A revolta tinha sido derrotada quase sem derramamento de sangue, e as consequências poderiam ter sido menos severas, se os líderes do golpe antes de fugir, não tivessem assassinado sete legalistas de alto escalão que haviam capturado no início do dia. ... [Depois] que os assassinatos foram descobertos seguiu-se uma onda de repressão que tomou conta do país. “Esta continua a ser uma das páginas mais sombrias da história de Angola independente”, um biógrafo simpático a Agostinho Neto escreveu em 2005. “ (Gleijeses, p.74)

Nenhum inquérito. Nada mais. Com cinco palavras - “dura”, “onda de repressão”, “desagradável” - Gleijeses evitou a tarefa difícil e dolorosa que Lara

Pawson decidiu explorar, no seu estudo publicado em Londres, cinco meses depois, num livro com as ramificações mais profundas para Angola, África do Sul e Namíbia.

Enormes dificuldades permanecem antes que haja uma compreensão histórica totalmente adequada do conflito entre os angolanos em Luanda e regiões circundantes, em Maio de 1977, e as suas consequências.

Aqui estão algumas das perguntas que necessitam de pesquisa muito mais intensa do tipo da Lara Pawson e que tem começado a dar resultado:

* Será que os líderes da oposição ao governo Neto dentro do MPLA, como Nito Alves, tinham realmente planeado um “golpe”? Ou tinham intenções diferentes? (Lara Pawson cita algumas entrevistas que reivindicam um golpe não era intencional).

* Qual é o apoio real da União Soviética ou dos seus funcionários? Como Raul Castro relatou, Nito Alves e seus colegas realmente tinham? Em caso afirmativo, quais foram os objectivos desse pessoal soviético, e como esses

objectivos eram diferentes dos do governo de Cuba?

* Como foi o grande ressentimento entre os angolanos negros pobres da periferia de Luanda - os principais apoiadores do grupo de Nito Alves, e esmagadoramente as vítimas do massacre - sobre a composição étnica do governo Neto, em que as pessoas de raça mista (mestiços) e brancos tinham um perfil relativamente alto? E, até que ponto esse ressentimento reflecte em demandas por um programa económico mais estatista? (Lara Pawson cita um relatório da CIA redigido e publicado em Dezembro de 1978, que descreve os dissidentes como querendo um “domínio negro, mais nacionalista, e um estado, possivelmente, mais esquerdista”, com um “mais radical nacionalista negro com alinhamento pró-soviético”, liderado por “

membros de uma facção black-power “. p.231)

* Qual foi a evolução dos acontecimentos que levaram ao assassinato de “sete altos legalistas” no município do Sambizanga em 27 de Maio de 1977, como relata o professor

Gleijeses, e a maioria das histórias - incluindo de Lara Pawson - contidas no seu relatório?

* Quantos dissidentes foram realmente mortos? Quem eram eles, onde eles foram mortos, onde eles estão enterrados, quem os matou, qual foi o papel exacto das forças cubanas no abate? Qualquer número de perguntas a seguir, poderão ainda ajudar mais a desvendar o mistério.

Há um longo caminho a percorrer antes que Angola tenha algo parecido com a sua própria Comissão da Verdade e Reconciliação, que - sejam quais forem as suas deficiências - continua a ser uma linha de base moral para Angola como um colega da Comunidade Económica de Desenvolvimento da África Austral disse; “nesse momento Angola continua a ser um Estado de Massacre, não um Estado de direito”.

* Lara Pawson relata que o embaixador norte-americano Don McHenry, que era vice-representante dos EUA nas Nações Unidas 1979-1981, e, em seguida, o representante permanente 1979-1981, como lhe tendo dito numa con-

versa telefónica que “figuras seniores dos EUA” (como ela descreve) estavam em Luanda no 27 de Maio de 1977. Ela cita o embaixador McHenry como dizendo:.. “a nossa presença não era um segredo... Nós estávamos há vários dias e falamos com Lopo de Nascimento [o primeiro-ministro] Ele mostrou como eles do MPLA eram pragmáticos “. (Pawson, p.232)

Seguem-se outras perguntas:

Como exactamente essas “figuras importantes dos Estados Unidos” denunciaram o massacre e os eventos relacionados ao seu governo?

Por que o massacre não foi tornado público por eles?

Qual o significado para eles do “pragmatismo” do governo Neto, que realizou o massacre?

Por que os funcionários do governo dos EUA teriam ocultado este massacre?

• Qual é o significado do facto de estando o “mundo às avessas com a Guerra Fria”, em Angola, como relata Lara Pawson, no momento do massacre, “soldados cubanos usando armas soviéticas foram mobilizados para proteger a base de Cabinda da CABGOC? (Pawson, pp.165-66)

A CABGOC, como ela explica, a “Cabinda Gulf Oil Company era propriedade dos EUA”, que havia retomado a produção de petróleo no nordeste de Cabinda, norte de Angola, sob o governo do MPLA, em meados de 1976, e continuou a produção sob guarda cubana durante e após o massacre em Maio de 1977.

Dado o anúncio recente pelo presidente americano Barack Obama e o presidente cubano, Raúl Castro, da melhoria das relações diplomáticas entre os dois países, estas são apenas algumas das questões obscuras que necessitam de esclarecimento, sobre os ossos dos mortos angolanos.

FLEC MATA SOLDADO DAS FAA

QUAIS AS RAZÕES QUE LEVAM GOVERNO A NÃO ASSUMIR GUERRA EM CABINDA

O governo angolano deve ser sério nas suas posições. Divagar, não assumir responsabilidades escondendo a realidade em que o país se encontra, não reflecte sentido de honestidade e patriotismo.

Ainda existem parcelas do território onde a guerra, por incapacidade e arrogância do regime continua, como é o caso de Cabinda. Assuma-se.

Todos os dias as forças armadas são acusadas de matar, camponeses inocentes, discricionariamente acusados de serem cúmplices da FLEC.

Se localmente, os militares e regime, reconhecem a existência de um movimento independentista, qual a serventia, afinal de Bento Bembe estar no governo, se não tem carisma para persuadir os demais a abandonar o caminho da guerra?

O que faz este ilustre e apagado cidadão que não significa nada para a maioria dos povos de Cabinda?

O que vale ter um bajulador, principescamente, alojado no cadeirão do poder, quando centenas de seus conterrâneos morrem todos os dias?

É preciso assumir, pois que 2014, foi de guerra estúpida e covarde, em Cabinda, pois morreram assassinados por balas dos militares e da Segurança de Estado, mais de 500 cidadãos inocentes, enquanto nas masmorras continuam cerca de 50 intelectuais, cujo crime é o delito de opinião.

É ainda em Cabinda onde a



igreja Católica perdeu em 2014, mais fiéis, face a uma alegada cumplicidade entre a sua direcção e o regime. As acusações e suspeições devem-se, em parte, ao facto do regime ter prendido dois padres influentes, sem que tenham cometido crime algum, salvo pensarem pela própria cabeça, mais concretamente, os padres Casimiro Congo e Raul Tati. É pois neste quadro que Cabinda vai dobrar o ano, mas com uma notícia da morte de um soldado das Forças Armadas Angolana, na região de Necuto, em Cabinda, durante uma emboscada perpetrada por guerrilheiros da Frente de Libertação do Enclave de Cabinda (FLEC) contra uma patrulha das Forças Armadas de Angola (FAA). Segundo fonte na FLEC, citada pela agência de notícias PNN, o ataque aconteceu no passado dia

20 de Dezembro de 2014, quando um comando da guerrilha cabindesa emboscou uma patrulha das FAA que circulava junto à aldeia de Vito Novo na região de Necuto.

“A guerrilha conseguiu recuperar o material militar abandonado pelos soldados em fuga”, precisou a mesma fonte.

A propósito do longo conflito em Cabinda, Alexandre Tati, presidente da Frente de Libertação do Enclave de Cabinda – Forças Armadas de Cabinda (FLEC/FAC), disse em Agosto à PNN que a situação em Cabinda é o resultado de “um conflito inútil que não teve qualquer razão para existir”.

Alexandre Tati defende que se os tratados assinados por Portugal com as populações de Cabinda tivessem sido respeitados assim como o que estava patente nas

Constituição portuguesa até 1975 e que distinguiu Cabinda de Angola, o conflito em Cabinda nunca teria existido, por esse motivo, sublinha, a guerra no enclave é “um conflito inútil que não teve qualquer razão para existir”.

O líder da FLEC/FAC nega que a guerrilha estivesse inactiva em Cabinda tal como “a ocupação imagina ou pretende propagar” e explica que o silêncio da resistência no terreno era “estratégico”. Segundo Alexandre Tati, em paralelo com as operações militares, a FLEC/FAC optou também pela multiplicação das acções diplomáticas com o objectivo de forçar Angola a negociar.

No entanto, “a vontade negocial do povo de Cabinda e da FLEC/FAC tem sido interpretada por Angola como uma fraqueza e isto

conduziu o Governo angolano a manter uma postura de intransigência política que se verifica até este momento. Até hoje não surgiu qualquer solução política credível para o conflito”, lamentou Alexandre Tati.

O líder da guerrilha cabindesa considerava também imprudente que Angola publicite uma suposta “pacificação” do enclave que “podia pôr em risco a vida de estrangeiros” que não conhecem a real situação político-militar de Cabinda. “Nós não estamos contra os estrangeiros em Cabinda, como não somos contra os interesses estrangeiros, simplesmente não aconselhamos que esses países enviem investimentos para Cabinda neste momento de instabilidade, não é prudente. Podem ser vítimas colaterais deste conflito”, alertou o líder da FLEC/FAC.

EM TEMPO DE CRISE QUEM PAGA É O ZÉ



Em Angola quase nada é feito para o benefício genuíno deste povo que ainda não é cidadão e tem mero estatuto de “preservativo eleitoral”, como sugeriu Domingos da Cruz. Por outra, a verdade é que há cada vez mais dinheiro nos cofres do Estado porque tem fontes diversificadas de receitas. E sendo isso uma realidade insofismável, o subsídio aos petróleos pode e deve ser mantido, uma vez que na época em que só dependíamos do petróleo, o Estado, por intermédio do partido único, teve capacidade para manter na sua quase totalidade tais custos nas contas públicas. Que não venham pois dizer que esta treta de aumentos é uma necessidade imperativa. É mentira! Tudo isto é uma finta que foi feita ao povo enquanto este se deliciava com as alegrias das Festas de Fim de Ano; tudo isto é uma maneira ardilosa de remediar às perdas causadas pela queda do preço do crude no mercado mundial; tudo isto é provavelmente um “input” selvagem, que não vai figurar em nenhum artigo do OGE; tudo isto é dinheiro que só Deus sabe para onde irá, e se for para bem do povo só será para engrandecer a glória do nosso novo guia, mas desta vez “Guia Mortal”, infelizmente para uns poucos, mas para grande felicidade da esmagadora maioria dos angolanos.

LAMENTO DO MWANGOLÉ

Foram 6 horas dos Combatentes até à Centralidade do Kilamba (na véspera de Natal).....já nem sinto as pernas. Hoje fui salvo pela minha fabulosa capacidade de gerir a impaciência. Coloquei o cérebro em modo calma e sobrevivi. Nada de stress (...!)» Este lamento colhido no Facebook é mais um espantoso exemplo da paciência dos povos de Angola perante o olvido a que eles estão a ser submetidos por um regime despótico, torcionário e sem escrúpulos, escondido por trás duma máscara. Sigam aqui a seguir um outro resumo do que de passa vezes demais na Centralidade do Kilamba. «Uma CIDADE DO KILAMBA SEM ÁGUA (72 horas)QUE FRUSTRAÇÃO! Sabem...estão a ver aquela sensação de buscar o melhor...estudar, trabalhar, procurar um bom sítio para viver...ter bons amigos, uma família nota mil....e sentir que apesar de tudo isso, existem duas coisas que te perseguem...que nunca te darão paz...onde quer que vás, elas te seguirão como moscas nojentas no teu bolo da vida. E elas chamam-se FALTA DE ÁGUA E LUZ. Porquê? Quem responderá?» Quem respondeu foi o camarada que levou 6 horas a ir dos Combatentes à Centralidade Kilamba, comeu e passou o dia com medo que lhe roubassem os pneus «Estes meliantes estão a ir longe demais», comentou, depois deve ter acordado antes das cinco da manhã para voltar a Luanda e comentou ainda, dizendo que era bem fiche estar na Kila City, ou coisa parecida. Assim, é mais que claro, isto nunca vai mudar.



GRITO DE MWANGOLÉ À BEIRA DA REVOLTA



Afoto aqui ao lado foi extraída de um vídeo clandestino, filmado por um elemento anónimo que assistia a uma repressão violentíssima, perpetrada por polícias angolanos contra cidadão estrangeiros feitos prisioneiros por terem entrado ilegalmente no nosso país. O mano Maurílio Lueille, homem culto e sensato, teve a oportunidade de partilhar este vídeo de Daouda Adama Coulibaly. Atirou-se ao ar e bradou aos céus a sua revolta incubada: «Será que o Ministro Mangureira e o Sr. Bento Bembe viram este vídeo? Incluíram isso no relatório apresentado à ONU. Se isso não é uma macabra sessão de tortura praticada por agentes do Estado é o quê? Haverá atentado maior à dignidade humana? Haverá alguma diferença com acções coloniais? Há sim, de longe, é que esta acção, praticada em pleno século XXI é bem pior e altamente repugnante! Não deveria ser tolerada pelas autoridades, mas, pesem todas as provas e evidências a PGR mete-se em copas e cala-se, os tribunais estão mudos, o Executivo surdo, mudo, cego, anosmico e tetraplégico. Simples cúmplices! QUE POUCA VERGONHA!»



ISABEL DOS SANTOS QUER SER A ÚLTIMA A RIR

A Terra Peregrin, da nossa multimilionária princesa Isabel dos Santos, anunciou que “após cuidada ponderação” decidiu “retirar a oferta” sobre a PT SGPS, depois do regulador português, a CMVM, não ter deferido o pedido de derrogação (dispensa) de uma OPA subsequente. Isabel dos Santos, depois de ouvidos os seus principais consultores, a começar pelo pai – o monarca

de Angola –, decidiu que vai, nesta como noutras matérias, ser a última a rir. E, como se sabe, vai ser quem vai rir melhor. É só esperar. “Embora respeite naturalmente a decisão da CMVM – Comissão do Mercado de Valores Mobiliários –, a oferente gostaria de salientar que, quando apresentou o seu pedido de derrogação do dever de lançamento de oferta pública subsequente, o fez convicta de que o mesmo seria aceite, atendendo aos argumentos e

fundamentos apresentados pela oferente, todos eles, no seu entendimento, com cabimento legal”, refere a Terra Peregrin num comunicado divulgado pelo regulador. E tinha todo o cabimento legal. Mas, para já, outros valores não tão legais foram valorizados pela CMVM. Basta ver a argumentação de Isabel dos Santos para se concluir que outros interesses entrar na equação. “Foram divulgados factos excepcionais atinentes à PT SGPS até então im-

previsíveis e desconhecidos do mercado que tiveram impacto acentuado na evolução bolsista das acções” da empresa, “acção com levada liquidez”, adianta Isabel dos Santos, aludindo ao incumprimento – conhecido, confirmado mas... – do reembolso dos instrumentos da Rioforte e aos novos termos de combinação de negócios entre a PT e a Oi. Para a Terra Peregrin, “os eventos acima referidos seriam suficientes para fundamentar o afastamento do preço médio ponderado ou, caso assim não entendesse, para que (...) fosse designado um auditor independente para a fixação da contrapartida da oferta, considerando os acontecimentos excepcionais que afectaram a cotação das acções da PT SGPS”.

Com este enquadramento, “ainda que respeitando a decisão da CMVM; a ofertante gostaria de realçar que a presente oferta nunca pretendeu ser hostil e fez todos os esforços ao seu alcance para fazer chegar ao mercado, tendo para isso, entre outros, prescindido, não obstante a implicação gravosa para os seus interesses, de condições legítimas de lançamento da oferta, como seja a aceitação da limitação estatutária à contagem de direitos de votos na Corp-Co”, aponta.

“Atento ao exposto, e uma vez que a decisão da CMVM de não deferimento do pedido de derrogação implica a não verificação de uma condição do lançamento da oferta” a Terra Peregrin “decide, após cuidada ponderação, retirar a oferta”.

A 09 de Novembro, a Terra Peregrin tinha anunciado a sua intenção de comprar a PT SGPS, oferecendo mais de 1,21 mil milhões de euros pela totalidade das acções da empresa portuguesa, ao preço de 1,35 euros por acção. A oferta era destinada a 100% do capital da PT SGPS, que, actualmente, detém 39,73% da operadora brasileira Oi, dos quais 35,81% directamente e o restante através de posições indirectas.

Paralelamente, a Oi, que tem 10% da PT SGPS, está a vender a PT Portugal, que tem a Meo e o Sapo, entre outros, ao grupo francês Altice. Após a concretização da prevista combinação de negócios entre a PT SGPS e a Oi, que dará origem a uma nova entidade, os accionistas da empresa portuguesa irão ficar com uma posição de 25,58% dessa nova entidade.

TURISTAS ANGOLANOS MOSTRAM O QUE VALEM



Portugal teve um aumento generalizado em Outubro dos gastos de turistas residentes nos maiores emissores, com Angola em posição de destaque, de acordo com dados do Banco de Portugal recolhidos pelo Press-TUR, que indicam subidas de 12 dos 13 maiores, dez das quais a dois dígitos. Angola foi o emissor líder, tanto em variação relativa, com +54,5%, quanto em valor absoluto, com mais 20,7 milhões de euros, e no pólo oposto esteve o Brasil, de onde Portugal teve a única queda dos 13 maiores emissores em Novembro, ainda que ligeira, em 0,7% ou cerca de 0,26 milhões. Os dados recolhidos indicam que os maiores contribuintes para os 974,57 milhões de euros de receitas turísticas portuguesas no mês de Outubro foram

os britânicos, com 186,45 milhões de euros, seguidos pelos franceses, com 130 milhões, alemães, com 120,97 milhões, e espanhóis, com 110,53 milhões, e angolanos, que em conjunto asseguraram mais de metade (56,2%) do total do mês.

Depois vieram os angolanos, com 58,67 milhões, os norte-americanos, com 47,14 milhões, holandeses, com 44,14 milhões, brasileiros, com 38,34 milhões, irlandeses, com 24,95 milhões, belgas, com 24,46 milhões, italianos, com 17,89 milhões, e luxemburgueses, com 8,22 milhões. Estes dados, porém, não permitem assegurar que estes foram os 13 maiores emissores, pois ao contrário do que fazia no passado, o Banco de Portugal passou apenas a publicar valores mensais e acumulado do ano para esses emissores, o que impede verificar a evolução de mercados emergentes que estavam a ter crescente

importância para o turismo português, como o Canadá, a China, a Rússia, entre outros.

Em todo o caso, os residentes nesses 13 mercados foram a origem, em Outubro, de 85,7% do total de gastos de turistas estrangeiros em Portugal, e até 0,1 pontos acima do mês homólogo de 2013, pois os seus gastos conjuntos subiram 15,4% ou 111,56 milhões, para 835,43 milhões.

Os maiores aumentos em valor absoluto, depois dos angolanos, foram dos alemães, em 18,13 milhões de euros, dos britânicos, em 17,64 milhões, dos holandeses, em 13,36 milhões, dos franceses, em 12,75 milhões, e dos espanhóis, em 11,75 milhões.

Em variação relativa, os dados do Banco de Portugal mostram aumentos a dois dígitos de dez das 13 nacionalidades que realizaram maior valor de despesa em Portugal, de novo com os angolanos na

primeira posição, com um aumento em 54,5%, mas neste caso seguidos pelos holandeses, com +43,4%, e pelos italianos, com +31,8%, e pelos alemães, com +17,6%.

Os outros turistas com aumentos a dois dígitos mas já abaixo do aumento médio do mês foram os britânicos, com +10,4%, os franceses, com +10,9%, os espanhóis, com +11,9%, os norte-americanos, com +14,6%, os irlandeses, com +10,2%, e os belgas, com +13,4%.

Também com aumentos, mas abaixo dos dois dígitos, estiveram os suíços, com +7,3%, e os luxemburgueses, com +4,7%.

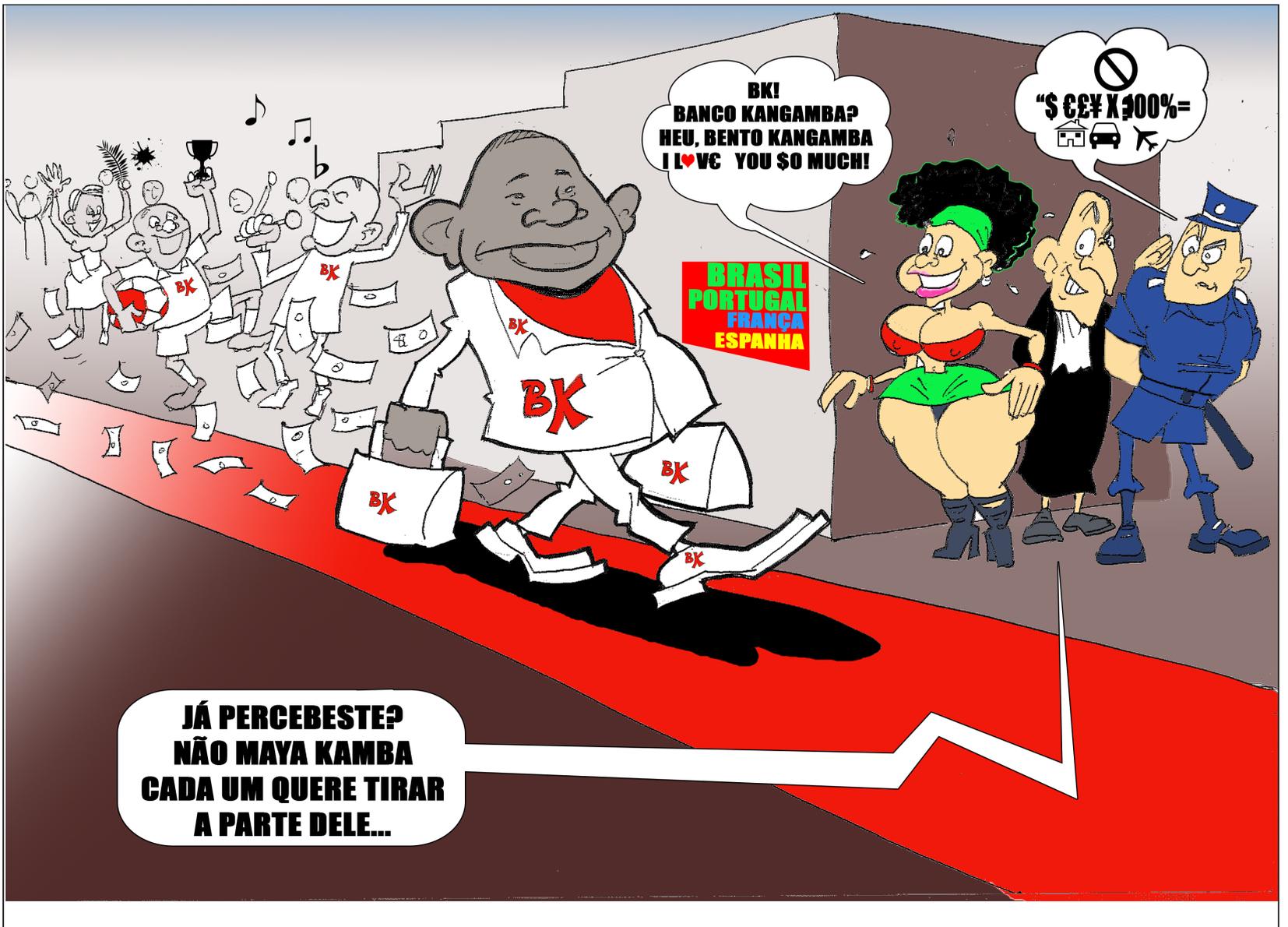
Globalmente, os dados do banco central indicam os residentes em países europeus que não Portugal asseguraram 78,7% do total de receitas turísticas portuguesas em Outubro, abaixo dos 79,5% de há um ano, porque com um aumento abaixo da média do mês, em 14,2%, para

767,13 milhões.

A segunda origem mais forte foram os residentes no continente americano, com 10,9% do total, quase menos um ponto que há um ano, porque com um aumento em apenas 6,4%, para 106,7 milhões, que reflecte designadamente a queda de gastos dos brasileiros.

Em contrapartida, os gastos em Portugal de visitantes residentes em países africanos subiram a sua participação nas receitas turísticas portuguesas em quase 1,5 pontos, para 7,5%, por um aumento do total em 44,8%, para 72,77 milhões de euros, 80,6% dos quais atribuídos pelo banco central a residentes em Angola.

Os residentes em países asiáticos praticamente mantiveram a participação na receita turística portuguesa em 2,1%, com 20,94 milhões de euros, acima de Novembro de 2013 em 12,5% ou cerca de 2,3 milhões.



WILLE

Moda & Decoração

Rua António Manuel de Noronha, 42
Maculusso
(junto à Liga Nacional Africana e BFA)
Telefone 923 506 652/ 917 045 142
Luanda/Angola

RECEITA DO PETRÓLEO CAI PARA 21,5 MIL ME

A receita angolana com a exportação de petróleo atingiu os 21,5 mil milhões de euros entre Janeiro e Novembro deste ano, refletindo uma quebra de 2,4 mil milhões de euros face ao período homólogo de 2013.

Em onze meses, Angola exportou 548,6 milhões de barris de petróleo, número que contrasta com os 579,3 milhões do mesmo período de 2013, que então representou mais de 3 biliões de kwanzas (23,9 mil milhões de euros, à taxa de câmbio actual) em receitas fiscais.

Em contrapartida, entre Janeiro e Novembro, de acordo com os mesmos dados, Angola arrecadou 2,6 biliões de kwanzas (21,5 mil milhões de euros) com o petróleo.

Além da quebra da produção, essencialmente no primeiro semestre, a diminuição das receitas é justificada igualmente com a redução do preço internacional do barril de crude. Em Setembro de 2013 o petróleo exportado por Angola chegou a ultrapassar os 110 dólares por barril, cotação que tem vindo a descer consecutivamente desde o último verão.

Esta evolução no mercado internacional levou o executivo angolano a rever algumas metas para 2015, através do próximo Orçamento Geral do Estado (OGE), que prevê um défice orçamental de 7,6% do Produto Interno Bruto (PIB), apesar de um crescimento da economia nacional de 9,7%.

O Governo angolano explica este desempenho com a incerteza na cotação internacional do preço de crude, estabelecendo 81 dólares por barril de petróleo como valor de referência na exportação, contra os 98 dólares ins-



critos no OGE de 2014. Este valor serve de base ao cálculo das receitas fiscais petrolíferas, que em 2015 deverão render ao Estado 2,551 biliões de kwanzas (20.475 milhões de euros).





PRIMEIRO
MINISTRO
PORTUGUÊS
AFIRMA

PORTUGAL TEM MENOS NUVENS NEGRAS E FUTURO EM ABERTO

O primeiro-ministro afirmou no dia 24.12.14 que este será o primeiro Natal desde há muitos anos em que Portugal tem um horizonte aberto, sem acumulação de nuvens negras; mas adverte que importa proteger aquilo que foi conseguido com sacrifício. Estas foram duas das principais ideias presentes na tradicional mensagem de Natal do líder do executivo, Pedro Passos Coelho, na qual também avisou que o país deverá estar preparado em 2015 para “várias incertezas no plano externo, nomeadamente na Zona Euro e no leste europeu”. “Mas este será o primeiro Natal desde há muitos anos em que os portugueses não terão a acumulação de nuvens negras no seu horizonte. Será o primeiro Natal

desde há muitos anos em que temos o futuro aberto diante de nós. Houve muita coisa que mudou em todo este período e finalmente começamos a colher os frutos dessas transformações”, sustentou o primeiro-ministro. Sobre a evolução do país a curto e médio prazo, Pedro Passos Coelho assinou que há ainda “muitas escolhas a fazer” para fortalecer o nosso presente e preparar o nosso futuro”. “É muito importante proteger o que já conseguimos juntos, com grande esforço e sacrifício. Não queremos deitar tudo a perder. Queremos, sim, construir uma sociedade com mais emprego, mais justiça, menos desigualdades, em que não haja privilégios nas mãos de um pequeno grupo com prejuízo para todos”, frisou. Na sua mensagem de Natal, a última da presente legislatura, o primeiro-mi-

nistro referiu-se aos três últimos anos de Governo “fortemente marcados pela resposta ao colapso financeiro de 2011”, embora acrescentando que 2014 foi já “um ano extremamente importante”. “Fechámos o programa de auxílio externo com uma saída limpa, sem precisar de assistência adicional. Temos concluído em Maio deste ano o programa de assistência no calendário previsto, e nos nossos próprios termos, atestou a grande capacidade dos portugueses de responder aos maiores desafios. Ainda para mais quando, depois de termos concluído o programa de assistência externo, fomos obrigados a lidar com a grande adversidade que constituiu a necessidade de resolução de um grande banco nacional”, disse, numa alusão ao colapso financeiro do Banco Espírito Santo (BES).

Passos Coelho considerou depois que a conclusão do programa da troika “ficará por muitos anos na nossa história como um marco decisivo de confirmação de um grande consenso nacional - que queremos viver numa sociedade moderna, europeia e aberta”. “Depois das tremendas dificuldades a que fomos sujeitos, termos reconquistado a nossa autonomia, e termos posto em marcha um processo sólido de recuperação do país, é um feito que deve orgulhar cada um de nós”, advogou. Na perspectiva do primeiro-ministro, o país entrou já numa nova fase de “crescimento, de aumento do emprego e de recuperação dos rendimentos das famílias”. “Sei que muitos portugueses ainda lidam com enormes dificuldades no seu dia-a-dia e que, portanto, é

essencial o propósito de garantir que todos sentirão a melhoria das condições de vida”, observou. Porém, segundo Passos Coelho, em 2015 haverá “uma recuperação assinalável do poder de compra de muitos portugueses, a começar pelos funcionários públicos e pensionistas”. “Mas também de todos os portugueses em geral com o alívio fiscal que a reforma do IRS irá trazer, procurando especialmente proteger quem tem filhos a seu cargo e familiares mais velhos na sua dependência. Num contexto em que ainda não podemos ir tão longe quanto gostaríamos é muito importante que quem tem mais responsabilidades na sua vida familiar encontre um alívio fiscal maior. Também aqui estamos a falar de justiça e da construção de uma sociedade mais amiga das famílias”, acrescentou.

PORTUGAL E BANCO BES É ILEGAL A REVOGAÇÃO DA GARANTIA SOBERANA DE ANGOLA

O ex-administrador do BES, Rui Silveira, considerou no 22 de Dezembro de 2014, no parlamento português que a decisão unilateral de Luanda revogar a garantia estatal que tinha concedido ao banco devido aos problemas na sua filial no país não é juridicamente válida. “Ainda hoje não percebo como é que não houve rea-

ção à revogação [da garantia soberana]. Eu sei como teria reagido. Judicialmente”, afirmou o responsável na sua audição na comissão parlamentar de inquérito ao caso Banco Espírito Santo (BES)/Grupo Espírito Santo (GES).

Segundo o responsável, que era o antigo administrador jurídico do BES, “não é possível uma revogação unilateral” de uma garantia deste género. E desabafou: “Tudo isto me faz a maior das confusões.

Uma renúncia unilateral em direito é algo que é nulo”.

Rui Silveira disse que, após Luanda ter revogado a garantia soberana que tinha concedido, “esperava-se uma reação mais enérgica” por parte das autoridades portuguesas.

Questionado pelo deputado socialista Pedro Nuno Santos sobre quais as razões que levaram Angola a deixar cair a garantia estatal que tinha concedido ao BES, Silveira afirmou

que as autoridades angolanas “talvez tenham ficado ofendidas” por ter sido deixada a garantia soberana no ‘bad bank’ [banco mau] após a medida de resolução aplicada pelo Banco de Portugal.

O ex-administrador destacou que a garantia era “válida, firme e irrevogável”, cobrindo uma verba até 5,6 mil milhões de dólares, isto é, 4,2 mil milhões de euros. “A garantia era superior do que a exposição que o BES tinha ao BESA [BES

Angola]”, que ascenderia a 3,6 mil milhões de euros, sublinhou Silveira.

O responsável realçou ainda que perante a validade da garantia, a KPMG “nunca exigiu provisionamento do crédito concedido pelo BES ao BESA”, nem do crédito concedido pelo BESA aos seus clientes. E salientou também que o próprio Banco de Portugal reconheceu por mais do que uma ocasião a validade da garantia concedida pela República Angolana.

“ANGOLA TINHA QUE SER ALVO DE UMA POLÍTICA ESPECIAL”

Entretanto, o ex-administrador executivo do BES Joaquim Goes revelou que a equipa de gestão de Ricardo Salgado decidiu atuar junto do BES Angola (BESA) para reduzir o rácio de crédito sobre depósitos e alargar a rede

de balcões.

“Nós considerámos que Angola tinha que ser alvo de uma política especial. Daí, ter-se enviado uma equipa de gestão nova, com um plano de negócios diferentes”, afirmou o responsável durante a

sua audição na comissão parlamentar de inquérito ao caso Banco Espírito Santo (BES)/Grupo Espírito Santo (GES).

“A alteração estrutural no rácio de créditos sobre depósitos não acontece em pouco tempo. E o au-

mento da rede de balcões também não se faz num ou em dois anos”, sublinhou Joaquim Goes, considerando que esse “era um caminho para correr com tempo”.

Ora, tempo foi algo que faltou ao BES para imple-

mentar essa política de reestruturação do BESA, defendeu Goes, tentando justificar a situação complicada que aquela operação do BES atingiu, que levou à intervenção do Banco Nacional de Angola.

SERRA LEOA

CHEFE DE ALDEIA PRESO POR OCULTAR MORTES DE ÉBOLA

Um chefe de aldeia tornou-se na primeira pessoa presa, na Serra Leoa a ser à luz da legislação destinada a impedir a propagação do vírus Ébola, revelaram funcionários judiciais e advogados citados pela agência AFP.

Amadu Kargbo foi condenado a seis meses de prisão por um tribunal na cidade de Moyamba, no sudoeste do país por ter enterrado secretamente pessoas que morreram revelou um paciente doente, explicou o funcionário judicial Foday Fofanah.

O líder da aldeia foi ainda condenado a uma multa equivalente a 190 euros e

a passar 21 dias de quarentena antes de entrar na aldeia para cumprir a pena. O mesmo funcionário acrescentou que Amadu Kargbo se declarou culpado em tribunal reconhecendo ter enterrado a filha secretamente depois desta não ter resistido ao Ébola.

A mulher do líder da aldeia também morreu depois de ter assistido ao funeral de um familiar, apesar de não ser claro que alguma das acusações esteja relacionada com a morte ou funeral da mulher.

A epidemia de febre hemorrágica Ébola na África

Ocidental já fez 7.518 mortos, num total de 19.340 casos identificados nos três países mais afetados, indica um novo balanço da Organização Mundial de Saúde (OMS), publicado no dia 22.

Desde o último balanço da OMS, publicado em 20 de Dezembro, foram registados mais 145 mortos e identificados 309 novos casos de infecção. No total, o vírus do Ébola matou pelo menos 7.533 pessoas em todo o mundo.

A Serra Leoa, que contabiliza actualmente o maior número de casos, registava 8.939 casos (o anterior balanço dava conta de 8.759) e 2.556 mortos (contra os anteriores 2.477).

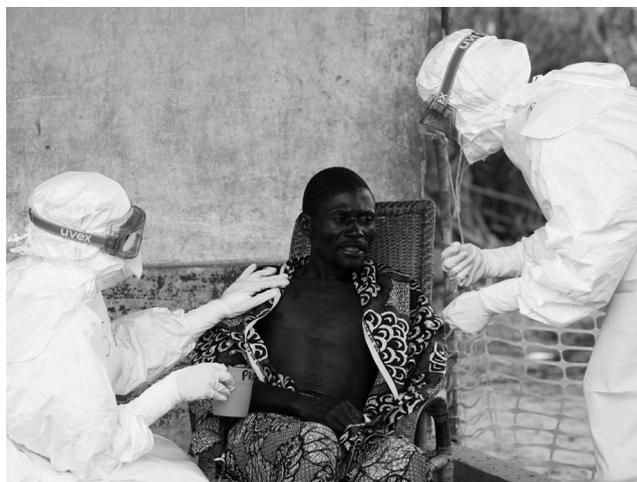
Na Libéria, que durante vários meses foi o país mais

afetado pela epidemia, a propagação do vírus tem vindo a abrandar. A 18 de Dezembro, a Libéria contabilizava 7.830 casos e 3.376 vítimas mortais.

Na Guiné-Conacri, onde os primeiros sinais do actual surto surgiram em Dezembro de 2013, foram registados, até ao passado dia 18 de Dezembro de 2014, 1.586 mortos, em 2.571 casos identificados.

Segundo dados recolhidos até 14 de Dezembro, 649 profissionais de saúde foram infectados com o vírus, dos quais 365 morreram. O actual surto de Ébola é o mais grave e prolongado desde que o vírus foi descoberto, em 1976.

A OMS decretou, a 08 de Agosto, o estado de emergência de saúde pública.



MOÇAMBIQUE

VALIDAÇÃO DE RESULTADOS ELEITORAIS AGUARDADA COM INCERTEZA NO FUTURO POLÍTICO

O Conselho Constitucional de Moçambique vai proferir no dia 30.12.14 o acórdão de proclamação e validação dos resultados eleitorais dos pleitos de 15 de Outubro, que deram vitória ao Partido Frelimo e ao seu candidato presidencial, Filipe Nyusi. A Frelimo governa desde 1975, ano de Independência.

O pronunciamento do Conselho Constitucional vem encerrar o processo eleitoral e é aguardado com muita expectativa.

A Renamo, maior partido da oposição, ficou em segundo lugar tanto nas eleições legislativas como o seu candidato presidencial, Afonso Dhlakama, mas já rejeitou os resultados e anunciou que pretende a formação de um governo de gestão, envolvendo a Frelimo, a Renamo e o MDM.

Tendo a Frelimo rejeitado a ideia da formação de um governo de gestão, Afonso Dhlakama disse que vai governar unilateralmente as províncias que venceu, nomeadamente; Sofala, Manica, Tete, Nampula, Zambézia, todas no Centro de País e que albergam a grande maioria da população do país.

O MDM – Movimento Democrático de Moçambique – segundo partido da oposição rejeitou também os resultados das eleições e se mostrou favorável à ideia da formação de Governo de gestão, proposto pela Renamo.

As eleições de Moçambique foram marcadas por evidências de fraude, desde o desaparecimento de editais, enchimento de urnas, detenções de fiscais e eleitores da oposição,



abertura tardia de assembleias de voto nas zonas de influência da oposição, etc.

A Renamo e o MDM recorreram ao Conselho Constitucional contra os resultados anunciados pela Comissão Nacional de Eleições de Moçambique, mas o Conselho Constitucional rejeitou os recursos por questões meramente processuais, escusando-se a julgar matéria de substância.

Com a proclamação dos resultados espera-se que o Conselho Constitucional faça muitas críticas à organização do processo mas são poucas as expectativas de anulação das eleições.

A validação das eleições, mesmo com muitos problemas, tem sido o modus operandi do Conselho Constitucional, que funciona como Tribunal Supremo Eleitoral, mas a sua independência perante o partido no poder é quase inexistente.

Ao longo da sua história, não há na memória uma única vez que o Conselho Constitucional tenha recusado dar provimento a um requerimento do partido Frelimo e nem que tenha dado provimento a um recurso de um partido da oposição, opondo interesses do partido Frelimo. Nos últimos meses a seguir as eleições, o líder da

Renamo fez um periplo pelo país a anunciar que irá governar as províncias onde venceu, nomeando administradores distritais e governadores provinciais. Afirmou que aguarda apenas pela proclamação de resultados pelo Conselho Constitucional para iniciar o processo de formação do governo.

No dia 30.12.14 espera-se que as principais cidades de Moçambique sejam sitiadas pelas forças de defesa e segurança, para controlarem eventual tensão após anúncios de resultados das eleições.

O partido Frelimo já organizou, previamente, uma conferência de Imprensa

para, através de Conceita Sortane, membro sénior do partido, anunciar que “não irá tolerar desordem pelo anúncio de resultados”.

Estranha-se como a Frelimo “não irá tolerar desordem” se legalmente não tem mandato nem meios para garantir a ordem pública.

Moçambique sai de uma tensão político-militar de quase dois anos que só terminou com a realização de eleições, podendo entrar noutra.

A vitória condimentada de fraude da Frelimo, partido no poder desde 1975, pode devolver o país ao caos.

***Folha 8 em Maputo**



GOVERNO TAMBÉM EXPORTA... TONELADAS DE MARISCOS

Entre muitas das “coisas” que faz, o Governo têm uma intensa atividade comercial. Assim, através do Ministério das Pescas, exportou 41 mil 287 toneladas de marisco, bem como 1.425.522 litros de óleo de peixe, durante o ano de 2014. A informação foi dada pela insuspeita titular da pasta das Pescas, Vitória de Barros Neto. Sem avançar os países que compraram o produto ao Governo de Angola, Vitória de Barros Neto, que falava na cerimónia de cumprimentos de fim de ano, disse que a produção pesqueira de Janeiro a Novembro foi de cerca de 396 mil toneladas, incluindo a pesca industrial, semi-industrial, artesanal marítima e continental. Quanto à produção pesqueira, a governante afirmou que a mesma ultrapassou em 6,3 por cento as metas preconizadas, tendo contribuído para este fac-

to a pesca artesanal, marítima e a continental. Relativamente ao ano de 2013 (em que se registou a cifra de 363.022 toneladas) verificou-se, até ao momento, um aumento de 8 por cento na produção pesqueira. A ministra referiu que a produção de peixe seco atingiu, no período em análise, cerca de 15 mil toneladas, representando pouco mais de 41 por cento da meta preconizada, ou seja, uma subida de 30 por cento relativamente ao ano de 2013. Na indústria salineira, foram produzidas, até ao momento, 39.146 toneladas, cerca de 45 por cento da meta estabelecida para o presente ano. Relativamente à frota pesqueira, em 2014 foram licenciadas um total de 253 embarcações a favor de 108 empresas, das quais 42,3 por cento são nacionais e as demais a operarem em parceria com empresas angolanas. Tendo em conta a ideia de diversificação da economia, o Executivo apro-

vou o Plano Nacional de Desenvolvimento da Pesca Artesanal, Marítimo e Continental para o período 2014-2017 e o Plano de acção para o Desenvolvimento da Aquicultura em Angola, para o mesmo período. A governante frisou ainda que o sector continuará a utilizar os serviços do Fundo de Apoio às Indústrias de Pesca e da Empresa Nacional de Abastecimento Técnico das Pescas, que ao longo destes últimos anos, vem implementando programas nos domínios socioeconómico e produtivo, fornecimento e distribuição de materiais, artefactos e equipamentos de pescas aos pescadores artesanais. No domínio da aquicultura, disse a ministra, o executivo continua a dar uma especial atenção ao fomento deste subsector, como forma alternativa incontornável para o aumento da produção pesqueira em Angola. O Plano Nacional de Desenvolvimento estipulou a meta de produção de 60 mil toneladas até 2017.

Dr. Kaunda

Grande Astrólogo
Especialista em medicina
tradicional Trata de quem sofre de:

- | | |
|-------------------------------|--|
| 1-Diabetes | 13-Hemorróide |
| 2-Impotência sexual. | 14-Comichão |
| 3-Aumento do tamanho do pénis | 15-Sonhar a fazer sexo |
| 4-HIV/Sida | 16-Deixar de fumar |
| 5-Corrimento | 17-Dar sorte no trabalho |
| 6-Borbulhas no pénis | 18-Recuperação de amor perdido |
| 7-Sífilis | 19-Ajuda de todo tipo de problema que você tem |
| 8-Doenças venéreas crónicas | 20-Ser apertado por maus espíritos |
| 9-Asma | 21-Esterilidade |
| 10-Dores de útero | 22-Reduz tamanho da vagina |
| 11-Período prolongado | |
| 12-Dores de coração | |

Os interessados deverá contacta - me no seguinte terminal: 914739393 - 949447159

REPÚBLICA DAS TORTURAS, DAS MILÍCIAS E DAS DEMOLIÇÕES



DIÁRIO DA CIDADE DOS LEILÕES DE ESCRAVOS



16 de Dezembro

O Governo português do primeiro-ministro Passos Coelho disse que o desemprego em Portugal diminuiu. Com certeza, pois se por aqui – em Luanda – pouco falta para que sejam – dizem – quinhentos mil portugueses que aqui conseguiram emprego. Numa política puramente colonial apoiada pelos princípios mais retrógrados do poder do petróleo, em que, o petróleo é nosso, da minoria, nós ordenamos e o povo ajoelhado suplica-nos por algumas cêdeas de pão. E o que se fará com o petróleo a 55.91 dólares? Nada, isto é, numa população miserável

não há como carregar nos impostos. As empresas são deles ou a eles ligadas, só resta o aumento do preço dos combustíveis, e isto será a derrocada porque a população já não suporta mais miséria e com a fome como única companhia o teatro está encenado para a desgraça final. Esta irresponsável governação quando os preços do petróleo valiam ouro podia muito bem ter criado o desenvolvimento da economia do país, mas não, optou por surripiar as receitas do petróleo para usos individuais e agora nada há a fazer, a não ser o regresso ao comunismo primitivo, que já se nota muito bem com o apoio

dos chineses, basta ver a porcaria dos produtos deles que por aqui circulam. Quer dizer, a China envia-nos o lixo e nós comemos. Sinceramente, isto é demais, como se fossemos porcos no curral, e a oposição não consegue combater estes males, a não ser com alguns comunicados onde o partido no poder se ri de tanta inépcia. Pobres cérebros sem neurónios.

17 de Dezembro

Todos os meios lhes servem para nos eliminarem. Até o gás do gerador do banco millenium na rua rei Katyavala em Luanda. Sobre mais este gerador da morte, – são mui-

tos, como os que estão nas torres e condomínios deles, é tudo deles até as praias, eles fazem o que querem e lhes apetece para nos liquidarem e ninguém têm coragem para se lhes opor, como essa oposição da vergonhosa vanguarda do histerismo político que se diz democrática – chegou à nossa redacção a informação que o banco millenium telefona todos os dias para os técnicos portugueses, mas eles não aparecem. Uma fonte que preferiu o anonimato disse que o banco millenium não paga os serviços prestados e os portugueses estão em greve por falta de pagamento. Sem lei nem ordem os portu-

gueses destronam Luanda e as nossas vidas.

18 de Dezembro

Mais um cúmulo bwé da nossa hipocrisia local: falam bwé da corrupção dos outros países, como o caso Junker da União Europeia e da corrupção das suas figuras públicas, falam, falam da corrupção sem exaustão. E da corrupção das portas escancaradas em Angola nem uma palavra. Isto inclui os tais nossos famosos jornalistas que têm medo de se debruçarem sobre o tal patriotismo nacional – a corrupção – Ah! Corrupção a quanto obrigas.

19 de Dezembro

Isto assim não dá, quer dizer, qualquer um tem ordem para matar. Isto cheira a chacina. Ninguém está em paz porque as quadrilhas chegam e como no faroeste, fazem tudo por tudo para nos desalojarem, nos matarem. Só a lei da morte impera. Em pleno ano de 2014, custa dizê-lo, mas estamos à mercê de um Estado selvagem.

Diariamente a violência sobe tão facilmente até atingir a sua vitória final. Viver aterrorizado à espera de ser assaltado, isso é viver? Ó senhores do petróleo, ainda não lhes chega, ainda não estão satisfeitos? É necessário o clímax final? É fácil de prever que uma revolta acontecerá, mas como os senhores, os donos do petróleo e de tudo têm a certeza que não, eles é que são os inteligentes porque com a violenta repressão, o terror resolve tudo mas gera também violenta resposta que facilmente se poderia evitar mas como preferem o caos e os rios de sangue, assim seja feita a vontade deles.

20 de Dezembro

Rafael Marques de Morais: “Como se pode ter orgulho na soberania de um país que tem mais de mil generais e comissários da polícia, mas não consegue produzir dois coordenadores de segurança para o Kero? Com a premissa da incapacidade da mão-de-obra local e a carência de quadros nacionais, faltou apenas ao governo importar ministros e generais, cargos que constituem os maiores entraves ao desenvolvimento humano em Angola.”

Viver sem oposição política, é como o mar sem peixe, como um castelo assombrado, como mulher sem marido e vice-versa, como sacerdotes sem templos, como dias sem sol densos de nevoeiro. Viver de uma só voz é como um hospital psiquiátrico que vive da voz do seu director. É como uma ditadura do proletariado.

Não é, nunca será possível nesta cidade dominada por quadrilhas existir lei. Existe apenas a lei das quadrilhas.

21 de Dezembro

Uma jovem de dezoito aqui da bwala engravidou e não se

sabe como tirou a gravidez. Depois começou a queixar-se de que não se sentia bem. Levaram-na ao hospital mas em vão, quando lá chegou já estava sem vida.

No dia 10 de Novembro a Rádio Ecclesia noticiou que um jovem no bairro Huambo, em Luanda, foi assaltado e agredido até à morte.

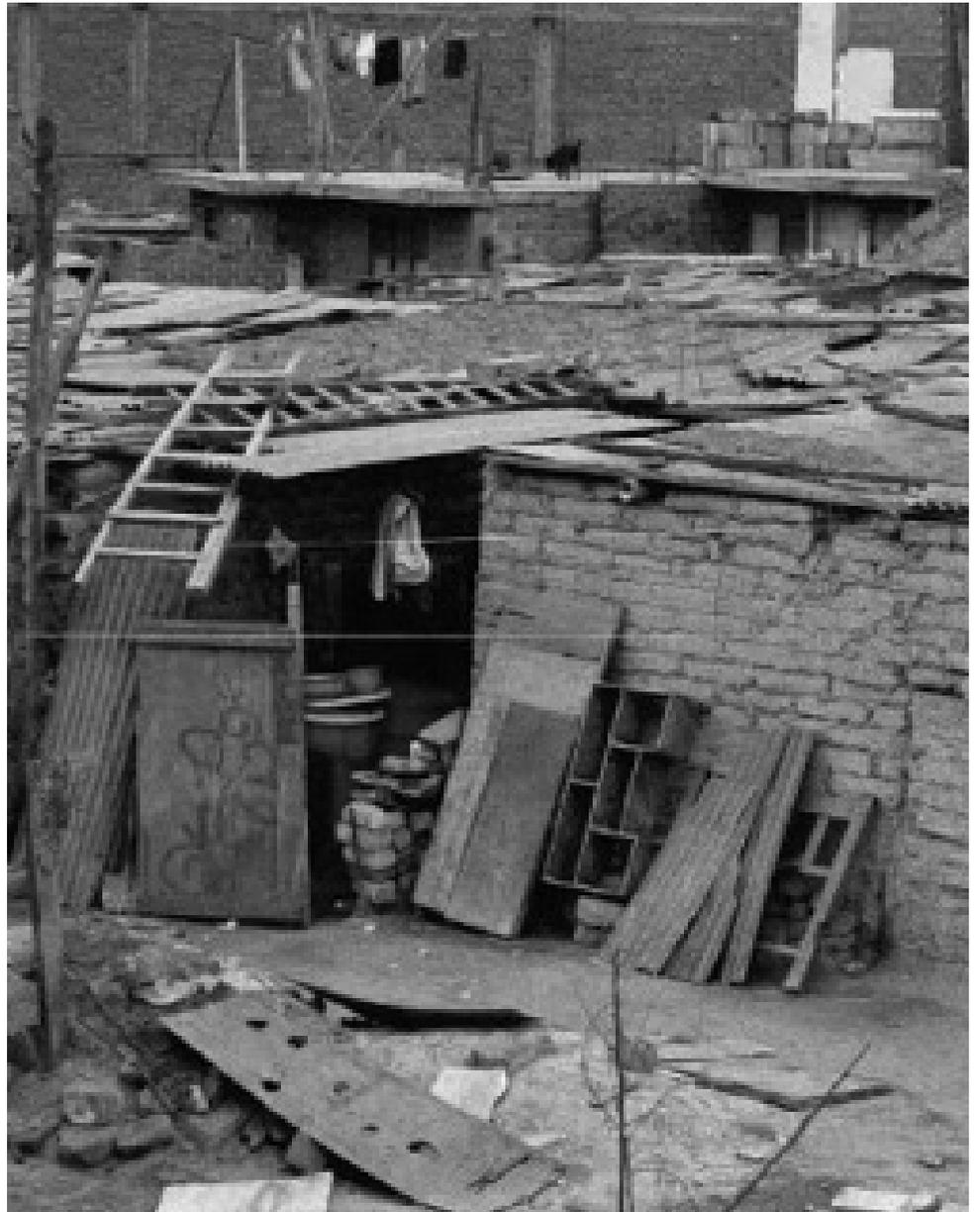
O Nosso Técnico está num banco a reparar uma máquina que controla os depósitos e levantamentos. De repente chegam dois brancos portugueses e dizem-lhe para ele se retirar que eles farão o serviço, quer dizer, para lhe roubarem o emprego. O Nosso Técnico bazou e foi para casa. São tantas, tantas as diatribes patrocinadas pelos únicos e exclusivos milionários do petróleo que não dá mais para suportar. Desprezar os angolanos em proveito dos estrangeiros é um atentado contra a segurança nacional, é fazer revolta, é promover instabilidade.

22 de Dezembro

Nós, estrangeiros, apoderamo-nos de tudo, então, vós, mwangolés ficais desempregados. Bom, desempregados não. Restam-vos as vendas nas ruas e os assaltos. Mas nas vendas nas ruas instruímos a Polícia para que vos persiga, porque não queremos lixo nas ruas, sim! Vós, os donos da terra sois lixo!

23 de Dezembro

Não resisti a mais esta afronta praticada pelos donos das nossas vidas. Para os que lutaram pela independência com armas na mão ou não, isto é um ultraje, uma traição à Pátria passível de julgamento. Mais um alerta de Rafael Marques de Morais que não se pode silenciar: “Um exemplo específico e recente é o do maior hipermercado de Angola, Kero, pertença dos generais Manuel Hélder Vieira Dias Júnior “Kopelipa” e Leopoldino Frago do Nascimento, e do vice-presidente Manuel Vicente. Em Outubro passado, a direcção-geral do Kero procedeu a 12 nomeações para os cargos de director-geral adjunto, gerentes de lojas e bazares, assim como os de coordenadores de segurança. São todos oriundos de Portugal, e nenhum deles



é negro. Vejam-se os casos de Nuno Sardinha e Paulo Monteiro: ambos vieram para Angola como coordenadores de segurança da logística e do hipermercado do Kilamba, respectivamente. O primeiro saiu de Portugal como chefe de segurança do Jumbo de Castelo Branco, enquanto o segundo exercia a mesma função no Jumbo da Amadora, em Lisboa.”

24 de Dezembro

Amanhã é Natal, mais um dia de mais um ano passado na fortaleza da miséria, de promessas infestadas de desolação. Para quê prometer se sabemos que nada vai acontecer. Muito pelo contrário, tudo é de esmorecer. Entretanto às 12.27 horas o petróleo está a 57.12 dólares. Se antes na abundância era miséria, agora com tais preços chamar-se-á miserabilíssima. Desejo a todos um feliz Natal...

Médico Tradicional Dr. PHILLIPO

Especialista em medicina tradicional, trata quem sofre de:

- Tensão alta e baixa.
- Amor perdido.
- Prevenção de proibições.
- Assimilação.
- Problemas no lar.
- Diabetes.
- Tuberculose.
- Comichão.
- Dores de coração.
- Deixar de fumar.
- Mau entendimento.
- Sífilis.
- Impotência sexual.
- Pouca ereção.
- Problema de período.
- Má sorte.
- Problemas no casamento.
- Doenças crónicas

O Dr. Philipo sabe os problemas antes que os mencione contactar Cell.: 934525243

S



DOMINGOS KAMBUNJI

ULTAS & ARREDORES

BOTEQUIM SANZALEIRO

O para a Lamentar da Maioria, o senhor Mutitítulos, é, de facto, um génio, reconhecido como tal apenas pela oligarquia cabrista do Reigime. Noutros países nunca passaria de um patego, muito vaidoso da sua ignorância, que vomita fala-dura apenas para bajular a ditadura e para os analfabetos aplaudirem.

Agora ele acrescenta mais um título aos muitos que resolveu adoptar, o de Especialista em Economia. Ele cita Keynes, meus senhores, numa invocação completamente disparatada, que nada tem a ver com a actual situação económica e financeira em que Angola vive.

Muito doente está uma Universidade que tem no seu corpo docente pessoal tão ignorante, como é o caso do João, que nunca chegará a ser frango...

Quando lemos uma longa citação de Keynes a abrir uma cansativa opinião do João, explicativa da actual crise vivida em Angola, com o abaixamento do preço do petróleo, ficámos com a enorme curiosidade de saber se Angola iria finalmente enveredar por um planeamento económico e social inteligente. Não!

As pessoas analfabetas e as mais ignorantes do que nós, porque nós felizmente “sabemos que pouco ou nada sabemos”, devem ter ficado muito orgulho-



sas do João, porque este cita Keynes para explicar a Economia da Gasosa, a bandalheira que se regista em Angola. Eles não sabem quem foi Keynes, mas não interessa, porque deve ser uma pessoa que deve entender muito de “Eventos”, quase tão importante como o Kanguamba... Nós ficámos chocados com o desenvolvimento do pensamento sanzaleiro do opinólogo. O disparate do João é muitíssimo matumbo. Ele inspira-se em Keynes demonstrando que este é defensor, assim quase como adepto de futebol, dos Clássicos da Economia.

Keynes defende a intervenção do Estado na Economia para a resolução de crises e planeamento sócio-económico. Os Clássicos defendem que a

Economia deve funcionar sem a intervenção do Estado e as crises resolvem-se com a evolução dos ciclos económicos. Chegámos à conclusão, mais uma vez, de que o João Mutitítulos, para além de vaidoso, é um ignorante muito narcisista.

O nosso primeiro professor de Economia, se tivesse lido o longo parlapié do senhor Mutitítulos, atiraria, rapidamente, com o seu enorme sentido de humor, a sua habitual piada muito objectiva: “É de ir às lágrimas a demonstração de tanta i”...

Não conseguimos entender como é que o negócio e tráfico de escravos, ocorrido há três ou quatro séculos, está relacionado com o actual abaixamento do preço do petróleo e com a quebra de receitas para o Orçamento Ge-

ral do Estado de Angola. Essa mania do João armar-se em muito culto só dá barraca, porque vem demonstrar que ele é um enorme analfabeto sistémico. Aliás, as Teorias Keynesiana e a dos Clássicos não se aplicam a Reigimes Cleptocráticos, como é o angolano, de um Socialismo Sanzaleiro ou Capitalismo Selvagem (são a mesma coisa).

Há duas ou três semanas, os megafones do Reigime berravam dizendo que Angola não iria sentir as consequências do abaixamento do preço do petróleo porque, graças à visão e inteligência do Rei-Presidente, o governo tinha diversificado a Economia atempadamente. A semana passada, os mesmos megafones diziam que o país não iria ter problemas financeiros porque seria capaz de compensar a perda de receitas da redução do preço do petróleo com o aumento na produção de diamantes. Esta semana o João Mutitítulos diz que o país está “árrasca” e vai faltar kumbu porque “os Estados Unidos da América procuram oferecer no mercado mais petróleo para fragilizar as economias exportadoras, como a Rússia, e economias emergentes ou com poder de compra resultante da venda do preço alto daquele líquido”.

A paranóia do João Pinto é mais doentia do que poderíamos imaginar inicialmente. Ele teima na mania da perseguição e

procura inventar sofismas para tentar disfarçar os disparates sociais e económicos gerados pelos taberneiros do botequim presidencial.

Os EUA aumentaram a produção de petróleo porque possuem esses recursos naturais. O João Mutitítulos, politólogo, opinólogo, constitucionalista, jurista, professor universitário, para Lamentar da Maioria, Bajulador e, agora, Especialista em Economia, estava à espera que o Presidente Obama pedisse autorização a Zédu, o Líder Querido, para explorar os recursos minerais existentes nos EUA?

Que culpa têm os americanos de o Presidente-Rei de Angola ter optado por uma cultura de cimento e alcatrão que favorece o lucro fácil e rápido dos Grandes Sobas da Corrupção, em vez de ter modernizado e diversificado a Economia do país? A Economia americana não funciona nos moldes feudais da implantada no botequim sanzaleiro onde o João é um servente bajulador.

Que Horror! O país não conseguiu arranjar melhor para professor da Universidade do Catambor? “O homem da rua começa a ter dúvidas em relação ao futuro” porque, com formadores com esta bagagem, os futuros licenciados só poderão servir para emperrar ainda mais a engrenagem sócio-económica do país.

E



DOMINGOS DA CRUZ

TICA & EXISTÊNCIA

FILOSOFIA POLÍTICA DA LIBERTAÇÃO PARA ANGOLA (V)

Quanto à como lidar com este punhado de autoritários, não sei. Mas quando os revolucionários tomarem consciência deste autoritarismo geral, poderão ser justos, no sentido de que podem recuperar pessoas que apesar de serem do grupo delinquente ditatorial, são boas, mas covardes e incapazes de demonstrar resistência ao ditador. Deve-se contar com a força espiritual e física destas pessoas para construção da futura sociedade democrática.

Quanto as causas, deste autoritarismo são:

Histórica. Regime colonial e antidemocrático. Tal cultura política do amém e do não fala política continuou após a descolonização política em relação ao Europeu. Tudo isto reforçou a desconstrução de uma narrativa cidadã e reforço da lógica autoritária.

Religiosa. A colonização trouxe consigo a bíblia que reforçou a submissão às autoridades religiosas onde vale diluir o eu na colectividade, mesmo que custe a minha dignidade, com a expectativa de entrar no paraíso por meio do buraco de uma agulha.

Educacional. Desde sempre tivemos sistema educacional autoritário, em que a escola era e é ainda hoje instrumento para manutenção do poder e honraria para as autoridades políticas e tantas quantas forem necessárias.

Uma vez que a família, cruza-se historicamente com todos esses factores, tornou-se igualmente autoritária, e transferiu estas ideias para os seus membros que compõem a igreja, os partidos, as organizações da sociedade civil, o governo e outras esferas possíveis que uma sociedade tem.

A última chave de compreensão prévia, que as forças por uma “sociedade aberta”, como diz K. Popper, devem levar em consideração é o conceito de democracia constitucional (formal) e democracia política (real, material e cidadã).

Uma vez que o objectivo deste texto não é uma análise exaustiva da teoria da democracia, mas sim, edificar uma ferramenta para destruir a ditadura, por isso, passo a citar sucintamente as categorias centrais da democracia real:

A democracia assenta sobre o império da lei. Ninguém está acima da lei, com realce para a Constituição.

A democracia funda-

-se nas liberdades individuais. Ou seja, não há democracia sem concretização ou usufruto dos direitos de cada cidadão. Na democracia todos são iguais, independentemente de ser simples cidadão, bispo, madre, deputado, ministro, juiz, presidente, etc.

Em democracia deve-se respeitar as minorias étnicas, raciais, partidárias e todos grupos vulneráveis: idosos, crianças, mulheres, albinos, grupos indígenas, etc.

Na democracia deve-se promover a liberdade de comunicação em todas esferas: literatura, ciência, escultura, mídia, música, pintura, religiosidade, artesanato, etc. E em relação a liberdade de imprensa, não se pode confundir a existência de tal liberdade com muitos meios de comunicação. Há liberdade quando existe multiplicidade de grupos e visões representadas num mesmo órgão de comunicação.

Em democracia deve haver transparência e prestação de contas.

Na democracia deve haver separação de poder e cada órgão de soberania [Judicial, Legislativo e Executivo] deve monitorar o outro órgão. Não pode haver subordinação de nenhum órgão em relação ao outro.

Em democracia deve ha-

ver múltiplos centros de poder independentes: associações, clubs, ONG, cidadãos independentes com poder de pressão, etc.

Na democracia, a forma de acesso aos rendimentos nacionais é meritória e em alguns casos promovido pelo Estado para grupos vulneráveis. Tal democratização do consumo e acesso aos bens pode ser feito com subsídios vários: emprego, apoio a famílias numerosas, combustíveis, bolsas de estudo, residência, subsídio de electricidade e água, etc.

Em democracia há tolerância e limites de poder por parte dos responsáveis públicos.

Na democracia deve haver eleições livres e que garantem verdade eleitoral que se traduz na alternância de poder. Para isso deve haver Comissão Nacional Eleitoral Independente.

Em democracia, as forças de defesa e segurança [serviços secretos, polícia, exército] servem somente para proteger os cidadãos e defender o país de qualquer ameaça externa. Tais forças, subordinam-se às instituições políticas civis, mas não podem servir interesses de pessoas, como é o caso do Presidente ou do Chefe do Estado Maior do Exército.

Finalmente, só há democracia quando a dignidade humana é posta acima de tudo e todos interesses instalados.

Quando as forças que lutam contra a ditadura têm plena consciência Sobre o que é efectivamente a democracia real. Aquela democracia que se concretiza na prática e não mero discurso retórico constitucional ou mentiras políticas, podem concluir que há uma ditadura. Isto serve igualmente aos “activistas burocratas”. Quando o activista saber o que é de facto democracia, saberá que na ditadura não se promove conferência, workshop, seminário, palestra ou espaços de negociação e debates infrutíferos para mudar o regime.

Na ditadura cria-se um plano estratégico para destruir a ditadura. Reduzir a pó o partido que o sustenta e recuperar algumas pessoas boas que a compõem para construir a sociedade aberta a favor da qual se está a lutar. Esgotadas as ideias prévias para luta, vamos às ferramentas super-práticas para destruir com sucesso o autoritarismo, sem perder o sentido realista da dureza e possíveis perdas humanas que os bravos democratas podem sofrer.

LITERATURA

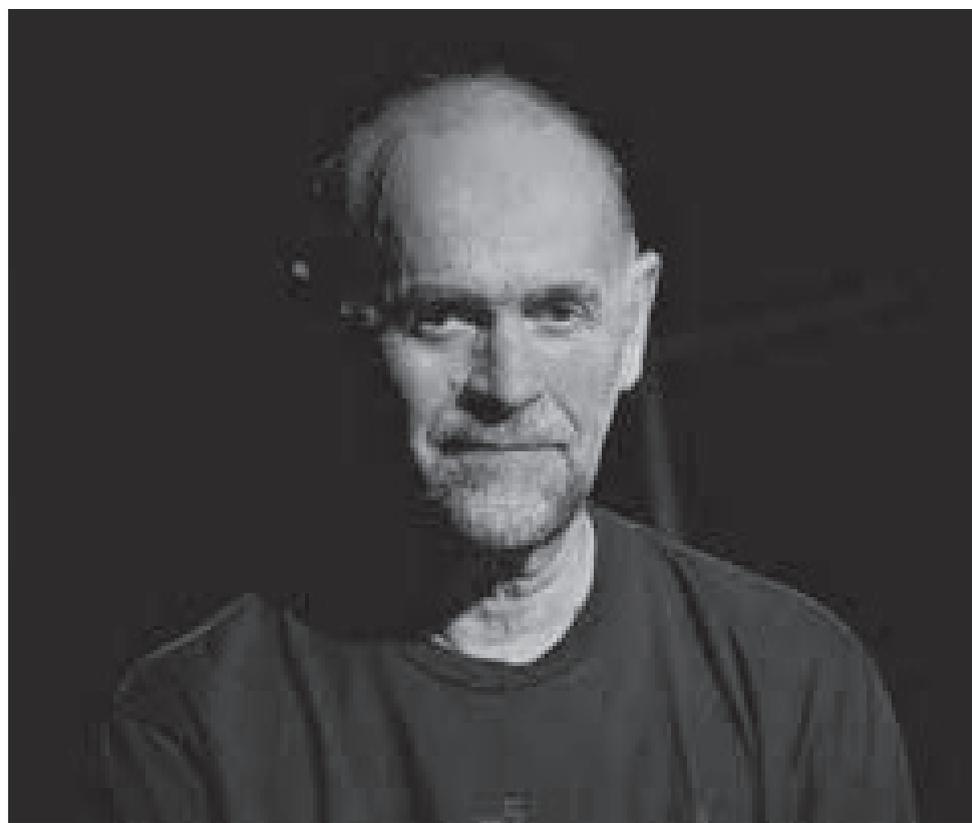
MENA ABRANTES EM SESSÃO DE AUTÓGRAFOS

O dramaturgo angolano, José Mena Abrantes realizou a 17 de Dezembro, em Luanda, uma sessão de autógrafos dos seus livros "Poeira do Tempo", "Caminhos desencantados" e a coletânea "Teatro de José Mena Abrantes", numa iniciativa da Mayamba Editora.

Segundo a nota de imprensa enviada ao Folha8, no livro "Poeira do Tempo",

o autor apresenta quatro "histórias" em géneros diferentes. À primeira, uma crónica, intitulada "A Mancha Escura". A segunda, intitulada "Sinfonia Inacabada", o autor chama de noveleta. A terceira, uma prosa intercalada com citações sobre a Lua, intitulada "O Lado Negro da Lua". A última, um poema de pastores e pescadores intitulada "Do Mar e do Deserto"

Em "Caminhos desencantados", o leitor poderá observar um manancial de episódios sequenciais onde o narrador conduz-nos a percepção poética das palavras. Segundo o interlocutor o carácter heterógeno da obra reside na sua verticalidade: foi escrita totalmente em Luanda de 15 de Agosto a 15 de Outubro de



1994. Outrossim, a obra referenciada carrega o leitor ao passado dos fenómenos his-

tóricos e sociais que tiveram lugar em território nacional durante o conflito armado.

BIOGRAFIA

José Mena Abrantes, natural

de Malange é dramaturgo, poeta, escritor, e jornalista. Licenciou-se em Filologia Germânica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde estabeleceu os primeiros contactos com teatro, que viria a ocupar um espaço predominante na sua vida, primeiro como actor e, posteriormente, como dramaturgo, encenador e director. Participa, com regularidade, em Festivais de Teatro em países de África, Europa e América, como autor, encenador e director. Como jornalista, colabora com vários órgãos de comunicação social angolanos, portugueses, moçambicanos e franceses. É Assessor do Presidente da República, há cerca de 25 anos. José Mena Abrantes foi galardoado com vários prémios. Por três vezes, com o Prémio Sonangol de Literatura e uma vez com o Prémio Nacional de Cultura e Artes em Literatura

PUBLICIDADE

Temas do livro

- O papel do psicólogo na sociedade actual
- A motivação na produção laboral
- Cuidado com a violência doméstica!
- A satisfação sexual da mulher
- A propagação da religião na sociedade actual
- Necrófilo solto no Huambo
- O uso do preservativo: católicos e a sociedade
- O aborto
- A sexualidade: o vaginismo

A leitura partilha-se. Leia e recomende aos amigos.

Infoline: 222 446 882 • 923 33 62 71 - E-mail: nvundat@gmail.com
À venda em livrarias seleccionadas:
Livraria Paulinas - R. Rei Katyavala, José Pirão (Luanda)
Livraria Universitária Book House R. Jardim do Tabaco, 34 (Lisboa)

Nvunda Will Sérgio Tonet

Licenciado em Psicologia Clínica pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto • Mestre em Novas Tecnologias Aplicadas à Educação pelo Instituto de Pós-graduação (Madrid, Espanha) • Psicoterapeuta Sexual pelo Instituto Paulista de Sexualidade (São Paulo, Brasil) • Ex-Docente da Universidade Lusíada de Angola • Professor de Psicopatologia Geral, Métodos de Observação em Psicologia Clínica e Psicologia Clínica Hospitalar na Universidade Óscar Ribas • Psicólogo Clínico no Hospital Psiquiátrico de Luanda • Colaborador do Portal de Psicólogos de Portugal • Editor de Cultura no Semanário Folha 8

REPÚBLICA DOS TRAPACEIROS E DOS ASSALTOS

POR GIL GONÇALVES

É o petróleo dos negócios da trapaça
Dos chefes revolucionários da devassa
Do poder dos cleptómanos da arruaça
E do Santo Ofício da nossa mordança

Avista-se a multidão de trapaceiros
São como os pardais debicam tudo
Angola do partido dos estrangeiros
E do açoitado, enjeitado povo mudo

E a mediocridade venceu, triunfou
40 anos de renovado colonialismo
Eleições democráticas o chefe ganhou
Vivam os doutores do analfabetismo

Nesta pátria corrupta da desolação
Que nos arrasta, abisma com a mão
O mais importante é desinformar
Outro Hitler diz que nos vai libertar

Então não são capazes de fazer nada?
Até a vulgar cantina é a estrangeirada
Sempre falar muito é que está a bater
Sem cérebros para problemas resolver

Há os campeões da democracia
E os campeões da corrupção
Uns vivem na plutocracia
E outros na bajulação

Este povo está gado tresmalhado
Na religião e feitiçaria alienado
Na comuna primitiva aparvalhado
Os estrangeiros governam o gado

Não é preciso bibliotecas municipais
São proibidos os autores universais
Só se aceitam os avatares nacionais
Sem literatura é povo dos currais

Estar na política para a trapaça
Nesta república da desgraça
Que na sua violência nos trespassa
Não salu para os estrangeiros de graça

Há 4 dias que a água desapareceu
Ninguém sabe o que aconteceu
Venderam a água aos chineses
Aos brasileiros e portugueses

Mais um Natal miserável abençoado
Ministros e generais tudo importado
Deste governo racista implantado
Onde só o estrangeiro é privilegiado

LITERATURA

A CASA DO RIO EM MANUEL RUI

Apresentamos a pedido de alguns leitores, o texto que serviu de apresentação a célebre obra literária do escritor angolano Manuel Rui, intitulada "A casa do Rio" anunciada oficialmente a 1 de Agosto de 2008 no átrio da União dos Escritores Angolanos.

O processo de criação de Manuel Rui afigura-se semelhante à "Ombela". Claro que o texto escrito

to assim, corrido como se estivesse a passar por nós, facilita a interpretação do leigo na literatura angolana. E, no fundo, essa especial reverência constitui a mais importante partícula, objecto de conservação e renovação do autor:

- a preservação dos monumentos e sítios;
- das conversas despropositadas;
- dos lugares simbólicos;
- da natureza intrínseca dos vários povos e das várias regiões humildes que povoam o imenso território de Angola.

Estas incursões e a sua interpretação devem ser analisadas também do ponto de vista textual, pois o facto de o narrador traçar uma relação de cumplicidade com o leitor proporciona o êxtase, vislumbrado nos textos dos escritores de pena distinta.

Aqueles que utilizam a literatura como arma para a libertação humana, ou como refere o reconhecido antropólogo angolano António Tomás, constituem uma das funções literárias que apresentam mundos possíveis, e aí reside a trincheira com o cunho profundamente moralista, deste menino do Huambo que rompeu as linhas do seu habitat para invadir o universo territorial, posicionando-se como Kassinda das letras que caminham no verbo, no sentir e no pulsar da respiração de cada um de nós, enquanto nós mesmos.

**AFASTAMENTO TOTAL
DA LINGUAGEM
"DICIONARIZADA"**



A obra "A casa do Rio" poderá ser um romance fora do comum e das convenções de escrita, mas para a maioria será uma obra aberta, sem cortinas de imposição, daquelas que retiram e estão longe de transportar os "consequeres" dos angolanos menos letrados. Estes podem, mesmo soletando, encontrar o repouso das palavras e saltar para encantos descritivos de valor imensurável, ou de húmus que conduzem aos rios para as "fimbas" (saltos) matinais ou lavras donde se extrai a riqueza diária de sobrevivência, tudo isto pintado em quadros jamais imaginados. Nesta viagem, cada leitor, certamente, se surpreenderá no pique descritivo, no detalhe dos acontecimentos, nos encontros casuais, nas brigas e na sexualidade do ar que explora a respiração e liberaliza os poros dos cor-

pos que saboreiam a leitura, percorrendo os carreiros diários, muitas vezes por nós descurados.

Kassinda, melhor Manuel, menino do Huambo, a quem Rui da Bomba Alta, cultivador da nata literária nacional, lança, subtilmente, ferramentas de trabalho aos homens do teatro, do cinema e da televisão para criar no molhado, o que de mais seco a inspiração lhos oferece. Em 2009, Manuel Rui, o nosso Kassinda, quem sabe, nos surpreenderá com um novo ciclo, inverso, adverso, quem sabe, descreverá o amor em painéis dourados, ou em tejadilhos de carros, não se esquecendo dos mujimbo dos linguajares ou dos queixumes da sua, das nossas sanzalas natais ou das tribos guerreiras de quem faz da liberdade o pico mais alto dos sonhos. Não se surpreendam se o escritor se fardar com outro engenho para se afirmar mais no universo de uma escrita angolana que cada vez mais se pretende na aproximação da fala.

As palavras em "A casa do Rio" foram pesadas e ocupam o lugar da linguagem e de um pensamento. O leitor poderá constatar, ao longo da narrativa, vários patamares, ou seja, uma mundividência desta Angola profunda de mitos e rituais pouco explorados e desconhecidos pelo grosso da população.

Finalmente, resta-nos aguardar pelo próximo romance, intitulado "A janela de Sónia", concepção literária indelével que, de modo linear, fechará este ciclo de criação literária.

*Apresentador da obra,

Ilha de Luanda, 1 de Agosto de 2008

HISTÓRIA

ARQUEÓLOGOS INGLESES DESCOBREM VESTÍGIOS DA PRIMEIRA IGREJA EM CABO VERDE

Uma equipa de arqueólogos da Universidade de Cambridge de Inglaterra

descobriu vestígios da antiga Igreja de Nossa Senhora da Conceição, a primeira construída na Ribeira Grande de Santiago, em Cabo Verde, e na África subsariana, apurou a imprensa local.

Ao visitar o local das escavações, que decorrem há cerca de duas semanas, o presidente cabo-verdiano, Jorge Carlos Fonseca, disse acreditar que os novos achados arqueológicos na Cidade Velha são “decisivos para uma reanálise da História” de Cabo Verde.

Segundo os especialistas, estas escavações, que dão continuidade aos trabalhos iniciados em 2006, revelaram resultados “surpreendentes”, tendo os arqueólogos já localizado a antiga capela do Espírito Santo, o altar-mor da Igreja e o túmulo de um bispo.

Localizaram ainda algumas faianças, botões e outras peças de grande valor para a história da Cidade Velha e de Cabo Verde num conjunto de achados que, depois das investigações, estarão em exposição pública. Uma nota da Câmara Municipal da Ribeira Grande de Santiago dá conta de que “para preservar este espólio, ele tem voltado a ser subterrado, mas começam a existir condições para colocá-lo às vistas de quem o quiser contemplar”.

Segundo a edilidade local, “este facto valoriza o inte-



resse histórico e turístico” da Cidade Velha, que, em 2009, foi elevada a Património Mundial da Humanidade pela UNESCO.

Descoberta pelo navegador português Diogo Gomes em 1460, foi António da Noli, Italiano então ao serviço da coroa portuguesa, que deu início ao povoamento da localidade, situada a 12 quilómetros a oeste da Cidade da Praia, dois anos mais tarde.

A primeira capital do arquipélago de Cabo Verde,

até 1770, a Ribeira Grande de Santiago foi elevada à

categoria de cidade em 1533, altura em que contava

com cerca de 500 habitantes, um quarto dos actuais.

BREVES

Literatura – A romancista moçambicana, Paulina Chiziane apresentou recentemente na cidade do Rio de Janeiro (República Federativa do Brasil), a sua obra literária, intitulada “Na mão de Deus”. A obra em referência aborda a doença mental e espiritualidade, reunindo relatos recolhidos junto de doentes mentais, médicos e curandeiros, revelou, a escritora. “Não diria que é baseado numa pesquisa, também não diria que é um romance. É um livro que tem uma forma que eu não sei definir, porque foi baseado numa conversa com diferentes pessoas”, explicou Chiziane à imprensa.

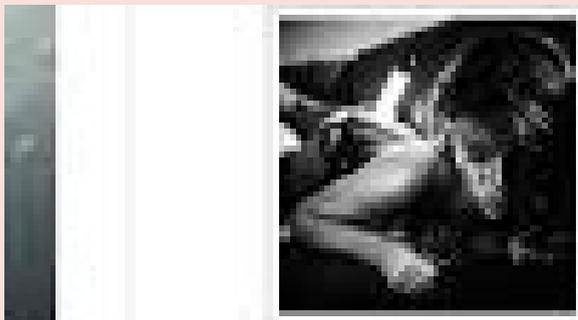
Para a obra, a autora conversou com três doentes mentais e ouviu a opinião de médicos, curandeiros e espíritas.

AUMENTOS PARA AMAMENTAR PANÇUDOS I

A palhaçada da governação cientemente architectada pelo Zecutivo voltou às luzes da ribalta num oportunista “bizne”: ir buscar ao povo dinheiro para compensar a perda de dinheiro ocasionada pela catastrófica queda do preço do crude no mercado internacional. Essa jogada de bola baixa tem muito que se lhe diga, isto sem esquecer a habitual “esperteza saloia”, de baixíssimo nível, caracterizada pela mania de anunciar tomada de decisões polémicas em tempo de festa para o povo.

Façamos um retorno ao passado par entender o que se está a passar.

No ano de 2010, o preço dos combustíveis em Angola sofreu um aumento considerável, com o da gasolina a subir para 60 kwanzas o litro, contra os 40 Kwanzas anteriores, e do gasóleo a atingir os 40 kwanzas o litro, contra os 29 kwanzas praticados antes. Este aumento de 2010, do preço não só da gasolina, mas dos derivados da produção petrolífera, constituía, salvo erro, o terceiro depois de ter sido instaurado em 1992, mas só no papel, um novo regime político em Angola, dito de mercado, de direito, multipartidário e democrático, coisa que nunca foi conseguida (tirando o multipartidarismo legalizado a contragosto). De facto, se fizermos uma incursão ao que se passava em Angola antes deste aqui referido colapso político de 1992, verificamos que os derivados do petróleo eram praticamente gratuitos, até essa data e mesmo durante mais algum tempo. De facto, em 1993 e até finais de 1994 pelo menos, atestar um depósito de viatura, mesmo de camião ou de jipão custava mais ou menos o preço duma...duma caixa de fósforos, quer dizer o correspondente a 5 kwanzas actuais. Nós sabemos que isto é incrível para as pessoas que não conheceram esses tempos, mas acreditem, é puríssima verdade.



00 0116 | WED 10th JUL

Putting the tease in teaser: an exclusive sneak peak at Lascivious lingerie's A/W campaign

Starring Katarzyna Danysz, Magdalena Pódek and Weronika Żukowska



AUMENTOS PARA AMAMENTAR PANÇUDOS II

Pessoas ligadas ao poder e outros arautos encomendados e pagos pelo mesmo, defendem que o preço do combustível subiu porque era uma necessidade premente com vista a racionar gastos da parte do Estado. Uma factura que subsidiava os derivados do petróleo na ordem dos 38 a 40, quiçá 50 milhões de USD por ano. Ora essa ideia de ser insustentável a continuidade do subsídio é, ela sim, completamente insustentável. Como referiu Domingos da Cruz num dos seus escritos, «Não há nenhuma absuridade com o subsídio anual aos combustíveis se olharmos para o índice de miséria da maior parte da população e o uso de tal combustível para manter geradores a funcionar em casa (...)Dizer que o governo angolano gasta 50 milhões de dólares em subsídio com combustíveis e é um perigo para as contas públicas é uma falácia económica». E isso é verdade porque não estamos num país rico, onde os subsídios, não aqueles que são destinados aos derivados do petróleo, mas ao desemprego, podem atingir, em alguns deles, centenas de milhões de dólares por ano. Só para dar um exemplo, o Canadá gasta mais de cem milhões de dólares por ano com os emigrantes em subsídios de Saúde, transporte, alojamento e mesmo simples bem-estar, o que é digno de admiração, face aos 38, 40 ou, quiçá, 50 milhões de dólares doados ao petróleo para ajudar «os angolanos que vivem como cães e ratazanas (DC)».

O problema fundamental ligado a esta maka dos subsídios doados aos petróleos e subsequentes aumentos do preço dos seus derivados, reside no facto de os combustíveis serem produtos com valor agregado, ou seja, o seu preço tem repercussão noutros bens e serviços. Como disse Da Cruz, «Se o preço da maçã sobe, não tem implicação noutros produtos, (...) mas a subida do preço da gasolina e do gasóleo altera o preço dos transportes, do pão, do frete para qualquer tipo de mercadoria que tem inevitavelmente A verdade é que temos como prenda do Executivo custos de vida dos mais caros do mundo, mas o povo sobrevive com menos de 2 dólares/dia, ora um governo e os cidadãos comprometidos com a justiça social não podem permitir que o que aconteceu se mantenha».

PETRO VÍTIMA DA CONCORRÊNCIA

CAMPEÃO LIBOLO “JOGA” SUJO

Os principais clubes do Girabola aproveitam o período de aperto financeiro do Atlético Petróleos de Luanda a fim de “sacar” futebolistas preponderantes para o conjunto adstrito à Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola (Sonangol) na próxima temporada futebolística cujo início será na primeira quinzena de Fevereiro.

A equipa do Complexo Desportivo “Demóstenes de Almeida”, ex-Catetão, perdeu Ladjí Keita para a formação do Kabuscorp Sport Clube do Palanca, um dos candidatos ao título da 36ª edição do Campeonato Nacional de Futebol da I Divisão (Girabola-2014). O ex-ponta-de-lança tricolor preferiu a turma de Bento Kangamba, face ao assédio dos dirigentes do time presidido por Bento Kangamba o grande “Até Eu Já Sei”.

Ladjí Keita abandonou o Atlético Petróleos de Luanda quando tem vín-



culo contratual até 2016, situação que o impediu de

assinar pelo 1º de Agosto. A direcção tricolor promete

levar o caso às últimas consequências. O Kabuscorp

Sport Clube do Palanca terá de pagar, caso queira contar com o atleta senegalês na época 2015.

Depois do golpe de Kangamba, a direcção do Atlético Petróleos de Luanda enfrenta outro duelo com outro concorrente, desta vez o Recreativo do Libolo do Kwanza-Sul, campeão da 35ª edição do Campeonato Nacional de Futebol da I Divisão (Girabola-2015). Os dois emblemas do “desporto-rei” angolano pretendem contratar Lucas João, futebolista de origem angolana, ainda vinculado ao Nacional da Madeira (Portugal).

Lucas João foi, inicialmente, contactado pelo Atlético Petróleos de Luanda, tudo estava bem encaminhado, o atleta já era tido novo reforço para o plantel orientado por Alexandre Grasselli, treinador de nacionalidade brasileira. Tratadas as coisas, a direcção do Recreativo do Libolo do Kwanza-Sul estorvou as negociações, apresentou maior proposta financeira, aproveitando-se do período menos bom do confrade “girabolista”.

O GOLPE DO “MESTRE” RUI CAMPOS

As aparências enganam! Ninguém, nem mesmo os menos atentos, podiam imaginar que a direcção do Recreativo do Libolo do Kwanza-Sul, liderada por Rui Campos, tivesse a coragem de interferir nos assuntos de outros clubes para tirar vantagem; o mundo respeita os campeões, mas quando estes agem como verdadeiros vencedores, coberto de honra, respeito pelos adversários de circunstâncias e colegas de profissão.

Nenhum crítico desportivo é contra a concorrência dos clubes, quanto à contratação de futebolistas, mas todos criticam os métodos optados por algumas equipas para obterem o passe do jogador em “disputa”. O Recreativo do Libolo do Kwanza-Sul, sob presidência de Rui Campos, é a prova mais “escandalosa” nunca antes vista no Campeonato Nacional de Futebol da I Divisão

(Girabola), desde o ano 1979.

O emissário do grémio libolense terá dito ao avançado angolano do União da Madeira que o Atlético Petróleos de Luanda vive problemas financeiros graves e teria dificuldades de lhe pagar os salários. O jogo baixo tem limites. Sejam campeões eternamente, mas tenham pelo menos honra e pudor. A direcção de Rui Campos esqueceu-se da existência do Fair Play? A vitória só é consolidada quando conquistada com mérito. Foi uma jogada extremamente infantil da parte dos libolenses, procurem aprender mais com os dirigentes desportivos adultos. A direcção do 1º de Agosto furtou-se de contratar Ladjí Keita quando tomou conhecimento dos problemas dele, mesmo assim, o Bento Kangamba avançou. Aceita-se por ser ingénio.



PRÉ-TEMPORADA/2015

ÉPOCA FUTEBOLÍSTICA SERÁ RENHIDA

A Conquistar o título da 36ª edição do Campeonato Nacional de Futebol da I Divisão (Girabola-2015) é o objectivo das dezasseis equipas participantes do maior torneio futebolístico na Pátria de Ngola Kilwanji Kya Samba (Angola), mas apenas um número reduzido de clubes bater-se-á energicamente para lograr o troféu.

No número reduzido de equipas, consta o Recreativo do Libolo do Kwanza-Sul (campeão em título), Kabuscorp Sport Clube do Palanca (vice-campeão), Benfica de Luanda (terceiro classificado e vencedor da Taça de Angola). A equipa do 1º de Agosto também é candidato à conquista do título do Girabola-2015, a julgar pelo investimento realizado a fim de constituir um plantel forte, capaz de vencer a força dos contrários.

As equipas supracitadas reforçaram-se tendo em vista a próxima temporada futebolística cujo arranque está previsto para o dia 04 de Fevereiro com o jogo entre o Recreativo do Libolo do Kwanza-Sul e Benfica de Luanda, referente à Supertaça-2015; torneio organizado pela Federação Angolana de Futebol (FAF), organismo reitor do “desporto-rei” no País cujo presidente é Pedro Neto, oficial general das Força Armadas.

Neste grupo de equipas podem também constar o Recreativo da



Caála do Huambo, Interclube de Angola, Progresso Associação Sambizanga e Sagrada Esperança da Lunda-Norte. O grémio caalense terá no comando técnico o treinador português, Bernardino Pedroto que poderá contar com

os préstimos do avançado Arsénio Sebastião Cabungula “Love”, cinco vezes campeão, enquanto marcador de serviço do mister lusitano. Ao contrário das temporadas anteriores, a formação do Atlético Petróleos de Luanda declinou a

pretensão de concorrer para a conquista do título da 36ª edição do Campeonato Nacional de Futebol da I Divisão (Girabola-2015), face ao momento tenebroso por que passa actualmente. O time tricolor sofreu alta sangria.

INTER TERMINA NO PÓDIO AFRICANO

A equipa sénior feminina de basquetebol do Grupo Desportivo Interclube de Angola – Século/XXI, às ordens do treinador Manuel Sousa “Necas” conseguiu manter-se no pódio continental ao conquistar a Taça dos Clubes Campeões de África, edição 2014, razão pela qual é considerada a melhor da modalidade no Continente Berço da Humanidade (África), feito também logrado na temporada basquetebolística transacta.

Desta forma, a agremiação da Polícia Nacional entra em 2015 com o rótulo de bi-campeã africana e terá a missão de defender o título

continental no próximo mês de Dezembro. A equipa do Grupo

Desportivo Interclube de Angola – Século/XX mostrou toda a gar-

ra basquetebolística porque conquistou o troféu africano diante de um contendor de peso, o 1º de Agosto que bateu o time policial no campeonato doméstico.

No confronto entre treinadores, Manuel Sousa “Necas” suplantou a concorrência de Jaime Covilhã, contratado para quebrar a hegemonia do conjunto do Ministério do Interior, tendo apenas vencido o Campeonato Nacional de Basquetebol Sénior Feminino, edição 2014; naquela altura o grémio policial era comandado por Apolinário Paquete, obreiro da conquista do primeiro troféu africano por parte das “polícias”



EDIÇÃO
NACIONAL

Folha

Rua Gresselheim Júlio de Vilhena, -57, aptº 19
Barro Ingomboto - Luanda
Departamento Administrativo, Financeiro e Comercial
Manuela Joaquim
Secretaria de Publicidade e Marketing
Paula Padro
Tel: 391943 - 394077 Telefax: 392289 Caixa
Postal 6527
E-mail: folha@ebonet.net

«Só depois de:
A última árvore ser derrubada,
o último peixe ser morto,
o último rio envenenado,
vocês irão perceber que
dinheiro não se come»
(Pensamento indígena)
E-mail: kuba@bommail.com



+881 dias

BASTONÁRIO INFORMANTE

Hermenegildo Cachimbombo violou os Estatutos da Ordem de Advogados, ao enviar processos dos membros ao SINFO e a PGR, para incriminar colegas. Vergonhosa “bufaria”. E nisso os bons acobardam-se com o silêncio.

COMER É UM DIREITO QUE (MUITOS) MILHÕES NÃO TÊM

Combater a fome no mundo é um desafio constante, mas a evolução positiva registada em algumas zonas do globo alimenta o optimismo de Carlos Veloso, Coordenador Regional de Emergências para África Ocidental do Programa Alimentar Mundial (PAM).

Aos 61 anos, 29 dos quais a trabalhar para agências da ONU, o português falou à agência Lusa sobre o “jogo constante de desafio” que é tentar diminuir a fome no mundo e declarou-se convencido de que “há-de chegar” a altura em que a calamidade será ultrapassada.

“O que não se deve é parar”, sublinhou, lembrando que quando começou a trabalhar no PAM, em 1985/86, esta agência da ONU tinha uma “presença fortíssima na América Latina e na Ásia”.

Hoje, na América Latina, o PAM só está presente a pedido e pago pelos governos dos países em causa para gerir o apoio às cantinas escolares, enquanto na Ásia “praticamente todos os países são exportadores de comida”, adiantou.

“Em algumas zonas do globo tem havido uma evolu-



ção positiva, o nosso papel agora é replicar essa evolução positiva a outras partes do mundo, adaptando-a à realidade social” e tendo em consideração que “o clima está a mudar” e que “a economia mundial está a mudar”, disse Carlos Veloso.

O optimismo é necessário numa altura em que “o PAM e a comunidade humanitária” enfrentam cinco emergências de nível

três, “o mais alto” nível de emergência, que significa que todos os recursos devem ser encaminhados para elas: Síria, Iraque, Sudão do Sul, República Centro Africana e os três países mais afectados pelo vírus Ébola (Guiné-Conacri, Libéria, Serra Leoa).

“A maior parte das agências desenharam o seu sistema” para uma “resposta simultânea a três” emergências daquele nível, assinalou o

responsável do PAM, evocando a sobrecarga para os recursos humanos e financeiros dos organismos de ajuda internacional.

E a situação ainda pode piorar: “Estamos na época dos tufões nas Filipinas e na dos ciclones na África Austral, quanto a vulcões e tremores de terra não há previsões”, disse.

Sendo a “única agência das Nações Unidas que é financiada voluntaria-

mente a 100 por cento”, ou seja, não exige uma contribuição obrigatória, o PAM tem um orçamento financiado em 97 por cento pelos países, o restante é doado por empresas ou particulares. Os fundos que recebe são em média “só 60 por cento” do que precisaria.

A “maior agência humanitária a lutar contra a fome em todo o mundo”, através da “assistência alimentar em emergências” e do trabalho pela melhoria do acesso aos alimentos e nutrição, o PAM ajudou em 2013 “mais de 80 milhões de pessoas em 75 países”.

Por “de trás da comida há toda a logística” e o PAM é “praticamente a agência de logística das Nações Unidas”, servindo as demais organizações, referiu Carlos Veloso.

“Temos depósitos em todo o mundo (...) em questão de horas podemos por o que for necessário no sítio do problema. Somos capazes de montar um posto de comando imediatamente com telefones, com rádios, com tudo”, adiantou.

Uma das cerca de 11.500 pessoas que trabalham para o PAM, Carlos Veloso lembrou que “comer é um direito”, lamentando embora que para muitos no mundo seja ainda “um privilégio”.

A ONU estima em 805 milhões (um em cada nove) o número de pessoas em todo o mundo que têm uma alimentação insuficiente para serem saudáveis e terem uma vida activa, apontando a fome e a subnutrição como o maior risco para a saúde a nível mundial.